

Universidade Federal do Ceará
Centro de Humanidades
Departamento de Comunicação Social e Biblioteconomia
Curso de Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo
Projeto Experimental



Crônica e Futebol:
A produção de Luís Fernando
VERÍSSIMO

Elton Viana Ramos

Fortaleza/2000

Universidade Federal do Ceará
Centro de Humanidades
Departamento de Comunicação Social e Biblioteconomia
Curso de Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo
Projeto Experimental

Crônica e futebol: a produção de Luís Fernando Veríssimo

Monografia apresentada ao Departamento de Comunicação Social e
Biblioteconomia como requisito para a obtenção do grau de bacharel em
Comunicação Social, orientada pelo professor Ronaldo Salgado.

Elton Viana Ramos

Fortaleza/2000

Crônica e futebol: a produção de Luís Fernando Veríssimo

Banca examinadora:

Ronaldo Salgado

Agostinho Gósson

Ricardo Jorge

Monografia apresentada em: ___/___/___

À memória de Hermes Virginio e Manoel Ramos.

*Ainda que eu fale a língua dos homens e dos anjos, se não tiver amor,
serei como bronze que soa ou como címbalo que retine.*

*Ainda que eu tenha o dom de profetizar
e conheça todos os mistérios e toda a ciência;
ainda que eu tenha tamanha fé,
a ponto de transportar montes,
se não tiver amor, nada serei. (Coríntios, 13.1-2)*

Agradecimentos

Um “muitíssimo grande obrigado” à minha avó, pela casa, comida, carinho (e que carinho!) nos quatro anos em que estive na sua casa. Um “muitíssimo obrigado” a meus pais, João Eudes e Marleide Viana, não somente por serem os responsáveis por eu estar escrevendo este trabalho, mas pela simplicidade e pelo amor que os une há 21 anos. Um “grande obrigado” a meus dois irmãos, Darla e Júnior, pela paciência com o meu perfeccionismo e por cada momento, bons e ruins, que passamos, acima de tudo, unidos. Agradeço, com a mesma última intensidade, à minha tia Lenira, por ter ajudado a dar um sentido à minha vida. Um “obrigado” a todo o restante da família. Um “valeu”: a todos os meus amigos do curso de Comunicação (Anas – Clara, Paola, Carolina -, Cidicley, Evandro, Raquel, Lanna, Saulo, Nara, Bia, Dalwton, Danilo, Elke, Mônica, Andréa, Valente, Fábio, Jamil, Clarisse, Cibele, Aline, Cacá, João Paulo, Glayco, Ana Elisa, Natália e todos os outros com quem pude passar bons momentos no pátio), às minhas amigas Cibely e Milena (ciao ragazze), a todos amigos que estão espalhados pelo país (Thiagos – Fei e Sobral-, Leonardo Hidd, Vanielle, Fabiana, Lara, Fernando, Suely, Rodrigo, Breno, Wilson, Zé Neto, Mariana, Luciane, Juliana, Olívia e os que trocaram cartas e telefonemas nesses quatro anos que a “turma” acabou), às meus colegas e amigos de trabalho, à meus todos os meus mestres, em especial à Ronaldo Salgado (pela amizade e confiança), Gilmar de Carvalho (agora eu me crio) e Agostinho Gósson (exemplo de dedicação e ética no trabalho e na vida). Um “alô” muito carinhoso aos meus amigos do Unisol (Lande, Nicinha, Régia, Zita e Marcos, Pipoca, Flávio, Cacau, Dra. Walda, Rômulo, Célio, Melissa, Jane, Rachel, Catiane, Airton) e ao pessoal da Fundação Casa Grande. Meus sinceros agradecimentos ao pessoal da Comunidade Nova Vida, da TV Clube, à Carolina Rosa (pelos telefonemas), ao Valdélío (pela compreensão - “valeu meu irmão”), à Nágila (minha enfermeira preferida) e à todos os que tornaram possível não somente fazer esta monografia, mas também que me ajudaram a crescer como ser humano (pois em estatura não tem jeito).

ÍNDICE

Introdução	09
1. Os sentidos da crônica	11
1.1 O sentido jornalístico	12
1.1.1. A busca de um conceito	12
1.1.2. Do efêmero ao permanente	14
1.1.3. Características do jornalismo	18
1.2 O sentido literário	21
1.2.1 Visões sobre literatura	21
1.2.2 Encontros e desencontros entre jornalismo e literatura	24
1.3 Um sentido para jornalismo e literatura	28
1.4 Crônica: encontro de sentidos	31
1.4.1 Uma viagem pela crônica	31
1.4.2 A natureza da crônica	35
1.4.3 A crônica e as tentativas de classificação	37
2. O futebol espetáculo	41
2.1 Futebol e literatura	41
2.2 De esporte de elite ao espetáculo	46
2.3 Futebol e espetáculo	50
3. Crônica e futebol na produção de Luís Fernando Veríssimo	55
3.1 O versátil escritor	55
3.2 A eterna privação do zagueiro absoluto	56
3.3 O estilo verissimiano	58
3.4.O brasileiro e o futebol	60
3.4.1 Choque cultural	61
3.4.2 A importância relativa das coisas	63
3.4.3 Sexo e futebol	65
3.5 O jogador e o torcedor	67
3.5.1 Talento	68

3.5.2 Superstição	71
3.6 Uma volta ao passado da crônica	73
3.6.1 Garrincha	73
3.7 Um cronista na Copa	76
3.7.1. A lógica	77
3.7.2 Os canhotos	79
3.7.3 O choque	81
3.7.4. A elegância dos escoceses	83
3.7.5. À grande vitesse	85
3.7.6. Os Dungas	87
Considerações finais	89
Bibliografia	92
Revistas e periódicos	93
Anexos	
1. Choque cultural	95
2. A importância relativa das coisas	97
3. Sexo e futebol	99
4. Talento	100
5. Superstição	101
6. Garrincha	102
7. A lógica	104
8. Os canhotos	105
9. O choque	106
10. A elegância dos escoceses	107
11. À grande vitesse	108
12. Os Dungas	110

Introdução

O presente trabalho tem como objetivo principal discorrer sobre a natureza da crônica. Gênero multifacetado, com traços de história, jornalismo e literatura, a crônica sempre foi objeto de várias discussões. De um lado, encontramos os que defendem o seu caráter literário e de outro, a sua natureza jornalística. Para dar um melhor embasamento à discussão, cabe fazer uma abordagem prévia sobre o jornalismo e suas características, bem como sobre literatura, remetendo a conceitos e características.

Essa discussão sobre os dois grandes campos dos quais a crônica faz parte, está presente no primeiro capítulo desta monografia. Além disso, nesta parte do trabalho há uma análise do jornalismo como gênero literário, conceito bastante discutido em um ensaio de Alceu Amoroso Lima. Buscam-se os traços comuns entre os dois campos, que possibilitem uma discussão mais profunda sobre a natureza da crônica. Este gênero aparece como um encontro de sentidos entre jornalismo e literatura. Uma das expressões mais fortes do encontro entre os dois campos. Por isso, a crônica e seus sentidos são apresentados também no primeiro capítulo. Traça-se um perfil do gênero suas características, as expressões jornalísticas e literárias e as propostas de classificação.

Essas questões instigantes sobre as controvérsias da crônica servem de estímulo para uma ampla discussão sobre a natureza do jornalismo, assim como da literatura. Deve o jornalismo ficar preso a tecnicismos e não tornar a sua linguagem mais leve e próxima do leitor, apropriando-se de características da literatura? O que pode ser considerado literatura, afinal? O que difere os rabiscos de um jovem apaixonado em um caderno de um grande romance? Questões instigantes que surgem quando se encontra um objeto que faz parte desses dois campos: a crônica. Para trabalhar este gênero, escolheu-se um dos seus maiores representantes: Luís Fernando Veríssimo.

O interesse em trabalhar com este autor surgiu a partir de uma reportagem no caderno *Fim de Semana*, da *Gazeta Mercantil*, quando tomei conhecimento que a Editora Objetiva estava lançando o selo Vide Veríssimo, uma coleção de três livros com as melhores crônicas do autor publicadas em jornal. Logo que tomei conhecimento, um dos livros me chamou a atenção: *A Eterna Privação do Zagueiro Absoluto*, que traz uma coletânea de crônicas sobre futebol, cinema e literatura. Três expressões muito fortes da cultura de um país. Tendo em vista que a crônica é considerada genuinamente brasileira, apesar de ter

raízes em França, e que o futebol, além de ser uma das manifestações culturais brasileiras mais significativas, também foi adotado como sendo um produto genuinamente brasileiro, nada como juntá-los para serem analisados. Também levei em consideração o fato de que cinema e literatura não provocam tanta euforia, no Brasil, como o futebol.

O caráter de espetáculo que esse esporte ganhou na atualidade é analisado no segundo capítulo desta monografia. Antes de perceber os aspectos espetaculares, há uma breve análise sobre os autores que se interessam por futebol, o mais notório deles é, sem dúvida, Nelson Rodrigues, pela carga de dramaticidade dada aos seus textos. Além disso, faço uma rápida historiografia do esporte bretão no Brasil: de esporte praticado pelos imigrantes ingleses em clubes de elite à prática esportiva dos campos de várzea. E por fim, uma análise do futebol como espetáculo tomando por base os conceitos de Guy Debord.

No terceiro capítulo deste trabalho são analisadas 12 crônicas do livro em questão. Os critérios de seleção para a escolha dos textos, bem como uma rápida biografia de Luís Fernando Veríssimo, estão logo no início dessa parte. Depois, foi feita uma análise das crônicas procurando ressaltar os aspectos do gênero, as relações entre jornalismo e literatura presentes nos textos de Veríssimo, aspectos estilísticos do autor, a dimensão de espetáculo que o futebol tem atualmente, entre outras questões.

Já que o assunto principal dos textos analisados é o esporte bretão, posso dizer que a presente monografia apresenta um trio de ataque bem entrosado: crônica, futebol e Veríssimo. Uma parceria que deu certo e será assunto para as próximas páginas.

1. Os sentidos da crônica

Gênero consagrado no jornalismo, tem traço de literatura, mas, na verdade, começou como relato histórico. A crônica é sempre sinônimo de discussão entre os estudiosos de jornalismo e literatura. Para os literatos, a crônica foge do ideal da objetividade jornalística, segundo o qual todo jornalista deve colocar-se numa posição neutra, não devendo emitir suas impressões sobre o fato ocorrido. Na opinião de alguns, a crônica refere-se a um gênero literário específico, estritamente ligado ao jornalismo. A particularidade está no fato de, sendo gênero literário, o que "menos importa é o assunto (...), mas a variedade, a finura e a argúcia na apreciação, a graça da análise dos fatos miúdos e sem importância" (COUTINHO, 1987, p.278)

Os estudiosos de jornalismo afirmam: a crônica é jornalística, pois foi através das páginas dos periódicos que ganhou notoriedade. Graças a características do jornalismo, como a difusão e a periodicidade, a crônica ficou conhecida e passou a ser lida por um público cativo. A discussão gira em torno do fato de o produto jornalístico ser considerado efêmero. Todas as publicações do jornalismo estariam condenadas a virar papel de embrulho de peixe no dia seguinte. Mas, o que dá efemeridade a um produto não é o fato de ele está publicado no jornal. Efêmero não é o produto jornalístico, mas o assunto a ser investigado. O fato passa, o jornalismo e os seus gêneros ficam.

Os sentidos da crônica apontam em várias direções, nenhuma delas leva a um lugar comum sobre a natureza da crônica. A discussão é inesgotável. Por um lado, chegaremos aos que defendem a natureza literária e, por outro, encontraremos os que advogam pelo seu caráter jornalístico, mas nenhuma conclusão é definitiva. A tendência mais predominante é considerar a crônica como gênero híbrido.

Um ponto deve ser levado em consideração: é o fato de que, muitas vezes, a crônica sai das páginas do jornal para figurar nos livros. Isto não a faz perder características jornalísticas e passar a ser simplesmente Literatura. É possível fazer literatura no jornalismo, assim como nem tudo aquilo que está em livro é digno de receber o rótulo de literatura. A mudança de suporte não muda o caráter jornalístico da crônica, nem lhe confere um caráter literário mais forte. Vale ressaltar isso, pois o objeto de estudo deste trabalho são as crônicas que Luís Fernando Veríssimo escreveu para os jornais *O Globo*,

Jornal do Brasil e *Zero Hora* e depois foram publicadas no livro *A Eterna Privação do Zagueiro Absoluto*. De qualquer maneira, jornalismo ou literatura, a crônica é um gênero apreciado e tem a sua importância independentemente de qual seara faça parte. É também uma oportunidade de rediscutir questões sobre o jornalismo e literatura, bem como a relação que mantêm entre si.

1.10 Sentido Jornalístico

1.1.1. A busca de um conceito

Muitos estudiosos tentaram propor um conceito para o jornalismo. Em um ponto todos concordam: o fato de o jornalismo nutrir-se do cotidiano, tanto como fonte de informações, como espaço de tempo com o qual deve trabalhar. O jornalismo não é, porém, mera reprodução dos fatos do cotidiano. Cabe ao jornalista dar um panorama de tudo o que está acontecendo, não só do fato em si, provocando no leitor uma atitude reflexiva.

Para Alberto Dines (1986), "o jornalismo é técnica de investigar, arrumar, referenciar, distinguir circunstâncias" (DINES, 1986, p.18). Ele faz uma distinção entre substância e circunstância a fim de dar um melhor esclarecimento sobre o seu conceito. "A substância ou essência é o que há de permanente nas coisas que mudam, sua natureza. Esta substância fica evidente visível e detectável por um intermédio de circunstâncias que a qualificam" (DINES, 1986, p.18). Portanto, cabe ao jornalista buscar as circunstâncias. O sentido do jornalismo está em buscar as circunstâncias profundas, relevantes, dos fatos. Desta forma, não se estará fazendo um jornalismo superficial, perecível.

Há o conceito de jornalismo como "informação de idéias, situações e fatos atuais, interpretados à luz do interesse coletivo e transmitidos periodicamente à sociedade, com o objetivo de difundir conhecimentos e orientar a opinião pública, no sentido de promover o bem comum" (BELTRÃO, 1976, p. 27). Neste conceito, pode-se perceber algumas características do jornalismo como a periodicidade, a difusão e a universalidade. A estas características, deve ser acrescida a atualidade para formar a "totalidade jornalística".(GROTH apud MARQUES DE MELO, 1994)

Para Alceu Amoroso Lima, jornalismo é, em sentido lato, “tudo o que aparece no jornal” (LIMA, 1990, p.57). É uma conceituação geral bem distante da realidade, pois no jornal pode-se encontrar textos que não pertencem ao campo do jornalismo. “O jornalismo é uma arte pragmatista. Não se pode desprender nunca do seu resultado, nem se desligar do seu objeto. A veracidade, o realismo é a sua grande força” (LIMA, 1990, p.66).

Ainda sobre o jornalismo, Lima fala de um sentido figurado. Segundo o autor, uma qualificação pejorativa. “Emprega-se então o termo como sinônimo de superficialidade, enciclopedismo, precipitação, ignorância vaidosa, pretensão à onisciência” (LIMA, 1990, p.57). Alceu Amoroso Lima ainda defende uma visão de jornalismo, mesmo que na perspectiva do jornalismo como gênero literário – ponto a ser discutido mais adiante neste trabalho-, de informação para in-formar, ou seja, capacitar os leitores a emitirem opiniões sobre o fato divulgado. A informação não tem um fim em si.

A opinião de Alceu Amoroso Lima, do jornalismo como formador de opinião, é compartilhada por outros autores. O jornalismo não tem como único objetivo informar.

"Mesmo quando se proclama imparcial, o jornalismo é uma forma de construção da realidade e não mera reprodução dos acontecimentos. Evidentemente a objetividade é necessária, pois a captação e transmissão fiel dos fatos é a base da credibilidade. Mas isto não basta: é necessária uma intervenção subjetiva na composição do fato. O juízo ético, a ideologia, a opinião são pré-condições para a abordagem dos acontecimentos". (RIBEIRO, 1994, p.10)

Se a conceituação do jornalismo não é das tarefas mais fáceis, devido à natureza dinâmica dos fatos jornalísticos e à própria multiplicidade com que tais fenômenos são apreendidos pelos pesquisadores nos mais diversos países, urge que se faça uma retrospectiva histórica. “Uma das características mais constantes do jornalismo é o seu radical enraizamento no cotidiano o que lhe confere diferentes características, de acordo com as sociedades e fases históricas em que é realizado”.(RIBEIRO, 1994, p.08) É preciso levar em conta as características que ele possui, bem como sua evolução para concluirmos que o conceito que adotamos hoje não é adaptável à outra época. Deve-se conhecer a sua história para se ter uma noção do quanto os conceitos são voláteis.

1.1.2 Do efêmero ao permanente

Para entender as transformações do campo jornalístico é preciso fazer, antes de tudo, uma distinção entre jornalismo, empresa jornalística e imprensa. O jornalismo é o conjunto de técnicas, saber e ética voltado para a captação e divulgação da informação. A imprensa é a divulgação periódica de notícias, feita normalmente através de jornais e revistas. Empresa jornalística é a estrutura econômica destinada à comercialização do material impresso. (RIBEIRO, 1994, p.19) O jornal é o suporte material do jornalismo, assim como o livro é o suporte material para a literatura. O jornalismo é a essência. Levando em consideração essa diferença, no Brasil, o jornalismo surgiu depois do jornal.

No início, o jornal era um veículo de notas oficiais e de ocorrências que chegavam através de cartas. Chegou ao Brasil com a corte de D. João VI, antes estava proibida qualquer atividade gráfica. Até a República, o que se viu no Brasil foi uma espécie de "tribuna ampliada", expressão de Benjamim Constant; o jornalista era um ativista político e o jornal, veículo de suas idéias" (RIBEIRO, 1994, p.23) O objetivo dos jornais da época era principalmente informar o que governo tinha feito. Não havia a preocupação em formar opinião, os periódicos eram essencialmente informativos. O jornalismo era praticado por literatos e escritores, não existiam os "jornalistas de batente". O jornalismo ainda não encontrara uma linguagem sua, específica, e aceitava as muletas de uma literatura decadente. Durante muito tempo o beletismo continuou como uma carga sobre o texto jornalístico. Os escritores foram buscar os jornais para desafogar as suas produções. "Continuava a valer o dito de Olavo Bilac: 'O jornal é para todo o escritor brasileiro um grande bem. É mesmo o único meio do escritor se fazer ler'". (RIBEIRO, 1994, p.37) Não havia o jornalismo de sair nas ruas em busca da informação.

A Revolução Industrial fez com que as cidades aumentassem e surgisse a idéia de uma empresa jornalística, adaptada aos moldes industriais. A realidade urbana e industrial exigia uma maior velocidade no fluxo das informações. Cremilda Medina em seu ensaio sobre Jornalismo e Literatura, fala que surge a necessidade de "um jornalismo noticioso ou de massa, precipita a emergência de outra linguagem, diferente da tribuna ou do discurso

de outrora. (...) Define-se a necessidade de um profissional e de uma técnica diferenciada da que o escritor aplica ao seu modo de escrever". (MEDINA, 1990, p.26)

A partir daí surgem os primeiros "jornalistas de batente", passa-se a ter uma preocupação com o leitor, coisa que não é inerente à literatura e não estava tão clara no jornal escrito por literatos. Um dos pioneiros na busca pela notícia, considerado também um dos primeiros a praticar a reportagem de forma mais extensiva, no Brasil, foi João do Rio, cuja obra, mais tarde ficou marcada pela crônica. "Observação direta e palpitante. Repórter que vai à rua e constrói sobre o momento a história dos fatos presentes. Da união destes dois conceitos nasce a definição moderna de jornalismo. E João do Rio, se não é original na história da imprensa, pelo menos no Brasil inicia esse processo" (MEDINA, 1988, p.58).

O jornalismo passa a ter uma maior agilidade ao produzir a informação, mas perde em muito a beleza, a apuração da linguagem. Quanto mais rápido e com maior precisão for apurado o fato, melhor. Tudo isso porque o que se busca agora é informar. "O grande jornalista é aquele que escreve depressa, em face do acontecimento do dia, com precisão e no menor número de palavras, levando uma informação exata ao leitor e formando honestamente a opinião pública".(LIMA, 1990, p.69) O caráter literário do jornalismo vai sendo deixado de lado.

"Enquanto tínhamos o jornalismo como um subproduto das belas-lettras-a literatura sob pressão como definiu Alceu Amoroso Lima-, o seu estudo se confundia com o delas. Concentrávamo-nos, então no estilo, na frase, na palavra. O beletismo, na ocasião, não era ainda restritivo (como tudo muda!), e o jornal vivia como o repositório de uma atitude geral e natural que considerava o bonito e o bem acabado como meta final".
(DINES, 1986, p.26)

Vem a época da ditadura do lide, quando a notícia tem de responder a perguntas consideradas fundamentais (O quê? Quem? Quando? Onde? Como? Por quê?). Há uma padronização, uma espécie de receita, de como se deve fazer uma notícia. Surgem os manuais de redação. Para Danton Jobim, as normas do *Style Book* (Manual de Redação) "tendem a tornar mais difícil que o trabalho jornalístico se converta em literário, ou seja,

que o esforço do autor se disperse ultrapassando seu objeto: informar o leitor e não oferecer-lhe um lugar seletivo” (JOBIM, 1992, p.52). A evolução do jornalismo cada vez mais o afastava da literatura. O fato de a sociedade industrial criar uma massa de indivíduos que não tinham nome, cor, gênero, entre outras características, ajudou nessa padronização do produto jornalístico. Veio a idéia da controversa objetividade jornalística. "Ser objetivo é apegar-se ao acontecimento, esmiuçá-lo, narrá-lo de modo a que nenhum aspecto importante seja sonogado ao conhecimento do receptor, pois assim a exposição será igualmente valiosa para quantos que necessitem utilizar a informação". (BELTRÃO, 1976, p. 26) Outro fator que pode explicar o conseqüente distanciamento entre jornalismo e literatura, no Brasil, é o fato de que havia um grande número de analfabetos, o que implicava no uso de uma linguagem mais próxima de todos e não de leitores individualmente. Algumas categorias jornalísticas, no entanto, passam a ser uma espécie de válvula de escape trazendo fortes traços de literatura para dentro do produto jornalístico. É o caso da crônica, de alguns artigos, ensaios e da própria entrevista¹.

Sobre esta fase de uma produção muito técnica e pouco liberta, Alceu Amoroso Lima faz a seguinte crítica:

“Fazer da informação um gênero literário, é um sinal do bom jornalista. Fazer de um gênero literário, como o jornalismo², uma simples informação, é um sinal do mau jornalista. (...) O jornalista mediocre informa por informar. O autêntico jornalista informa para formar. Um para a finalidade informativa. O outro prossegue na finalidade in-formativa”. (LIMA, 1990, p.60)

Uma primeira conclusão a partir do que foi proposto por Alceu Amoroso Lima é que há uma preocupação do jornalismo como formador de opinião. Uma preocupação interessante que o autor restringe à notícia. Alguns gêneros jornalísticos estão, mais explicitamente, voltados para a opinião, como o editorial, o artigo, a resenha, o ensaio e a

¹ Os traços literários da entrevista já foram tema de dois trabalhos de graduação do curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará: “*Entrevista- Ponte de interdisciplinaridade com a literatura, expressão do jornalismo humanizador*”, de Gabriela Reinaldo e “*Diálogos Possíveis com Clarice Lispector- Jornalismo e Literatura nas Entrevistas do livro De Corpo Inteiro*”, de Clarisse Furlani.

² Note que aqui Alceu Amoroso Lima fala do jornalismo como gênero literário o que será objeto de nossa discussão no próximo item deste capítulo.

própria crônica, deixando transparecer um caráter mais marcante de formadores de opinião. Mas vale ressaltar que qualquer gênero do jornalismo é formador de opinião independente de estar mais ou menos voltado para a análise dos fatos. Segunda conclusão: considerar “mau jornalista”, aquele que informa simplesmente, sem se aprofundar no fato, é ser radical demais em favor de um pensamento que ele defende, o jornalismo como gênero literário. Entender o jornalismo em sentido próprio, segundo o autor, é ter o jornalismo como um gênero ligado à literatura. “O emprego da palavra será ou não literatura, conforme a sua natureza e não conforme o seu veículo de divulgação. De modo que o fato de aparecer numa folha de jornal, não é razão que determina a essência do gênero jornalístico”. (LIMA, 1990, p.57)

Informar por informar não é praticar nem um mau jornalismo, nem um bom. Ele estará simplesmente fazendo um jornalismo segundo uma técnica própria. Se todo fato virar uma notícia com caráter literário, haverá uma confusão entre o que é jornalismo ou literatura. É confundir completamente os campos de expressão, impossível. Nem todo produto no jornalístico deve ser considerado literatura, como nem todo conto, poesia ou romance, pode ser considerado literatura.

A própria história do jornalismo permite afirmar que ele tem um vínculo muito forte com a literatura. Não só pelo fato de, no início do jornalismo, o jornal ter sido escrito por literatos, mas também porque ambos têm como objeto de expressão a palavra, a codificação verbal. A história tem mostrado ser possível fazer literatura no jornalismo. O produto jornalístico não está necessariamente relegado ao esquecimento. Para Massaud Moisés, “textos escritos para o jornal morrem automaticamente a cada dia, substituídos por outros, que exercem idêntica função e conhecem igual destino: o esquecimento”. (MOISÈS, 1994). No entanto, o produto jornalístico não é tão efêmero.

“O produto jornalístico é tão mais peregrino, quanto maior é a sua qualidade e esta, por sua vez é diretamente proporcional ao domínio que o autor tem da língua ou, por outra, da sua capacidade em criar e acreditar em seu estilo particular.(...) O jornalismo de qualidade fica, não passa, não é efêmero. Efêmero, em verdade, é o que não causa qualquer boa impressão, por não marcar, por não conseguir penetrar

numa realidade, vai embora. Este bom Jornalismo fica. E é também Literatura.”(SALES, 1997)

É difícil pensar no jornalismo dissociado da literatura. Haveria uma perda da expressividade de alguns gêneros, como a crônica ou o ensaio, por exemplo, onde o jornalismo liberta-se da técnica e oferece maior liberdade criadora para quem escreve, promovendo uma aproximação entre autor e leitor. Faltaria espaço para a criatividade do jornalista, sua subjetividade, inerente ao ser humano. E o estilo do jornalista se não fosse a influência da literatura, onde ficaria? O jornalista não é uma máquina fotográfica, simplesmente registrando o fato ocorrido. Por isso, não podemos condenar o jornalismo à efemeridade. O jornal pode até virar papel de embrulho de verduras na feira do dia seguinte, mas o jornalismo fica. Alguns leitores recortam a parte interessante do jornal, como forma de eternizar, ou de pelo menos prolongar a vida útil do produto jornalístico. “Efêmero é tudo o que, literatura ou não, é escrito ou falado sem poder de penetração na realidade interior ou externa, visível ou invisível. Há a literatura que fica e a literatura que passa. É uma qualidade independente da natureza do ser”.(LIMA, 1990, p.37).

Não se pode pensar que é impossível fazer literatura no jornalismo, se é possível até o contrário, jornalismo na literatura. Estar em livro não dá a condição literária para um texto. A crônica passa do jornal para o livro em coletâneas, como é o caso da que vai ser analisada nesta monografia, mas não passa à toa, mas por ter uma qualidade literária. São crônicas escolhidas, entre várias, pela sua qualidade, pela marca própria do autor, traços de literatura dentro de um gênero jornalístico.

1.1.3. Características do jornalismo

Atualidade, universalidade, difusão e periodicidade. São estas as quatro características principais do jornalismo. O jornalismo está estritamente ligado ao tempo presente, à atualidade.

"Uma edição, seu sucesso ou seu fracasso, seu acerto ou seu erro, tudo dura exatamente 24 horas. No dia seguinte, o que houve de bom ou de ruim na edição anterior volta à estaca zero para ser refeito, consertado

ou engrandecido. Isto tanto se aplica à qualidade jornalística, como a própria estruturação, organização e aparência do jornal".(DINES, 1986, p. 49).

Desta forma, todo o produto jornalístico estaria relegado ao esquecimento. No entanto, para que isso não ocorra, o jornalista deve buscar ir além do fato. Deve procurar dar fundamentos para que o seu leitor, telespectador ou ouvinte interpretem os fatos. Para José Marques de Melo, o "jornalismo se nutre do efêmero, do provisório, do circunstancial, e por isso exige do cientista maior argúcia na observação e melhor instrumentação metodológica para que não caia nas malhas do transitório" (MELO, 1994, p.08). Deduz-se, então, o jornalismo está intrinsecamente ligado ao factual e ao atual, no entanto, o produto jornalístico é transitório. Segundo Fernando Pessoa, o jornalismo "dirige-se ao homem imediato e ao dia que passa" (PESSOA apud RIBEIRO, 1994, p.09). O jornalista é essencialmente um homem do seu tempo. Por mais que queira o seu produto tendo uma vida maior, ele não pode separar o seu produto do tempo que ele vive. É o profissional do hoje, ou do ontem sob a simulação do hoje (RIBEIRO, 1994). Sobre esta relação tão intrínseca com o tempo presente do jornalismo, escreve Alceu Amoroso Lima:

"Ele (o jornalista) tem de tirar do tempo a sua própria essência temporal. Tem de encontrar o segredo do efêmero. com o efêmero. (...) Sua eternidade está em descobrir o que há de singular no momento e ficar no momento, impregnar-se dele, descobrir nele o que há de característico. como momento. Pouco importa que no dia seguinte já não se tenha memória da véspera. O essencial é que, no momento, ele seja eterno isto é, vá ao auge do conhecimento" (LIMA, 1990, p.63).

A atualidade é a condição essencial do jornalismo. Mas para chegar a esse grau de importância a atualidade no jornal demorou a aparecer. No princípio, porque os meios de distribuição eram inadequados para a natureza do jornalismo, que requer eficiência na apuração do fato, bem como na sua distribuição. Notícias recentes chegavam com um atraso de meses. Por exemplo, o *Diário do Rio de Janeiro*, jornal fundado em 1822, só divulgou a proclamação da República 17 dias após ela ter acontecido.

Outra característica fundamental do jornalismo é a periodicidade. Intrinsecamente ligada à difusão. Através da periodicidade o veículo ganha respeito, credibilidade. Firma-se uma espécie de contrato não oficial entre o veículo de comunicação e o público, que passa a exigir o jornal chegando diariamente, ou semanalmente, depende da periodicidade do veículo. Periodicidade, portanto, afigura-se “como um conceito de tempo”(Groth) e não ‘mecanismo de repetição’(Dovifat), assume contemporaneamente a feição de ‘oportunidade’(Nixon)”. (MELO, 1994, p.15/16)

A difusão implica que o produto jornalístico chegue ao maior número de pessoas, torne o acontecimento acessível para a coletividade. Tal característica tem sido bastante deturpada no jornalismo praticado atualmente. O slogan utilizado por jornais sensacionalistas de "dar o público aquilo que ele quer", tem sido usado para que um número cada vez maior de pessoas possam estar consumindo os produtos. No entanto, têm-se utilizado artifícios levando ao escracho, ao ridículo para conseguir audiência. Outro ponto, a difusão ganhou um grande aliado a partir da Revolução Industrial, quando os meios de distribuição do jornalismo passaram a ser mais adequados às características citadas.

E, por fim, a universalidade, que diz respeito principalmente à linguagem do produto jornalístico para que ele possa ser consumido por um público heterogêneo. O campo jornalístico deve estender-se a todos os campos da atividade humana, a tudo que envolve o homem e a natureza ao seu redor. O jornal deve ser lido do dono da casa à empregada, atingir o máximo com o mínimo. No entanto, a característica de produto universal vem sendo revista. Cada vez mais se observa o aparecimento de veículos especializados. Mesmo assim, o veículo especializado deve ser lido pelo médico plantonista ao doutor com mais alto grau de graduação. Observa-se, também, a segmentação cada vez maior do jornal, os cadernos especializados já são uma realidade no jornalismo, com a ressalva de que o caderno especializado pode ser lido por qualquer um.

O quadrilátero de características que formam o jornalismo, a totalidade jornalística, não é estritamente fechado. Ele é passível de discussões, até pela própria evolução que o jornalismo vem tendo. Por exemplo, era difícil falar em periodicidade, quando não havia meios tão eficientes, como as rotativas. Cabem questionamentos e reflexões sobre as características citadas, mesmo sabendo que não há como dissociá-las do jornalismo.

1.2. O Sentido Literário

O outro sentido para o qual a crônica aponta é o da literatura. Tendo como suporte principal o jornal e outras características inerentes ao jornalismo, pode a crônica ser considerada um gênero literário? Assim considerada, que traços da literatura estão presentes na crônica? Antes de responder a estas questões, é interessante fazer uma abordagem sobre literatura.

1.2.1 Visões sobre literatura

Assim como o jornalismo é um campo de difícil conceituação, muitos teóricos já tentaram estabelecer um conceito fechado para a literatura sem alcançar tanto sucesso. O que há de diferença entre o soneto escrito por um famoso escritor e o poema apaixonado que o seu vizinho escreveu?

“Com formas tão diferentes de produção e circulação de objetos igualmente denominados literatura, será possível defini-la? Vamos chamar igualmente de literatura os romances de autores consagrados como Érico Veríssimo e as produções quase anônimas de cantadores de feiras e autores marginais? Vão para o mesmo saco (de gatos...) best-sellers escritos quase que de encomenda e requintadas obras de vanguarda que apenas poucos entendem?” (LAJOLO, 1985, p.12/13)

Um primeiro conceito é o de literatura como escrita imaginativa, no sentido de ser ficcional. Literatura seria, portanto, a "escrita que não é necessariamente verídica" (EAGLETON, 1997, p.01). Trata-se de um conceito bem geral com duas especificidades. A primeira é considerar literatura somente a arte escrita. Desconsidera-se a existência de uma literatura oral. Segunda especificidade: o conceito restringe a literatura ao que é ficção. "A distinção entre 'fato' e 'ficção', portanto, não parece nos ser muito útil, e uma das razões para isto é a de que a própria distinção é muitas vezes questionável". (EAGLETON, 1997, p.01) O equívoco de tratar-se literatura a partir desta concepção está no fato de que nem todo gênero literário, tem uma ligação tão forte com o irreal.

Romances, o teatro, as novelas podem ser puramente ficcionais, mas e a poesia? Um gênero extremamente subjetivo cuja maior fonte de inspiração são as próprias experiências vividas pelos poetas. Tomando por base essa visão teríamos de não considerar uma obra como os Lusíadas, de Luís de Camões, literatura. Quem ousaria deixar de fora do campo da literatura a poesia? Além disso, “se tudo aquilo que não é habitualmente considerado como literário não é forçosamente ficcional, inversamente, toda ficção não é obrigatoriamente literatura”. (TODOROV, 1980, p.15)

“A sugestão de que ‘literatura’ é um tipo de escrita altamente valorizada é esclarecedora. Contudo ela tem uma consequência bastante devastadora. Significa que podemos abandonar, de uma vez por todas, a ilusão de que a categoria ‘literatura’ é ‘objetiva’, no sentido de ser eterna e imutável. Qualquer coisa pode ser literatura, e qualquer coisa que é considerada literatura, inalterável e inquestionavelmente pode deixar de sê-lo.” (EAGLETON, 1997, p.14)

Para o crítico russo Roman Jakobson, a literatura representa uma “violência organizada contra a fala comum”, ou seja, ela seria uma forma de tratar a linguagem de uma forma bem peculiar, independente de ser imaginativa ou não. A linguagem literária afasta-se, então, da fala cotidiana. Jakobson fazia parte do grupo dos formalistas russos, que tinha também Vítor Sklovski, Osip Brik, Yuy Tynyanov, Boris Eichenbaum e Boris Tomashevski. “Em sua essência, o formalismo foi a aplicação da linguagem ao estudo da literatura; e como a lingüística em questão era do tipo formal, preocupada com as estruturas da linguagem e não com o que ela de fato poderia dizer, os formalistas passaram ao largo da análise do ‘conteúdo’ literário e dedicaram-se ao estudo da forma literária.”(EAGLETON, 1997, p.04) Seguindo este conceito, pode-se considerar literatura qualquer obra que dê um tratamento mais formal à linguagem, não importando o significado. Para os formalistas russos, o caráter “literário” provinha das relações diferenciais entre um discurso e outro, não sendo, portanto, uma característica perene. Com isso, eles queriam explicar como um mesmo texto pode ser considerado literário em uma época e em outra não.

“Eles não queriam definir o que é a ‘literatura’, mas a ‘literariedade’- usos especiais da linguagem-, que não podiam ser encontrados em textos ‘literários’, mas também em muitas outras circunstâncias exteriores a eles.” (EAGLETON, 1997, p. 7)

Seguindo a idéia proposta pelos formalistas, pode-se encontrar traços de literatura em qualquer expressão, seja ela falada ou escrita, seja considerada uma obra “literária”, ou não. “Se a literatura inclui muito da escrita factual, ela chega a excluir muito da ficção. E não é para menos: quadrinhos não são considerados literatura, assim como a ficção vendida em bancas de jornal também não são”. (SALES, 1999, p.14) Alguns textos nascem literários, outros atingem esta condição e em outros ela é imposta. Quem impõe o caráter literário a um texto? A definição de literatura fica dependendo da maneira pela qual se lê, e não da natureza do que é lido. “A literatura continuará a ser o que é para cada um, independente do que os outros digam o que ela é”. (LAJOLO, 1994, p.25) Desta forma, literatura é tudo aquilo toca, faz rir, ou chorar, independente do caráter da obra. Se não é possível ver a literatura como uma categoria objetiva, descritiva, também não se pode considerá-la apenas aquilo que queremos chamar de literatura, isto porque há traços subjetivos dos leitores os quais tem de ser lavados em consideração. O que é literatura para um, pode não ser para outro. O conjunto das relações sociais determinam o que é, ou não, literatura. “O que importa pode não ser a origem do texto, mas o modo pelo qual as pessoas o consideram. Se elas decidirem que se trata de literatura, então, ao que parece, o texto será literatura, a despeito do que seu autor tenha pensado.”(EAGLETON, 1997, p.12)

Uma outra visão sobre o campo de expressão estudado é dada por Alceu Amoroso Lima, “em sentido lato, literatura é toda expressão verbal falada ou escrita” (LIMA, 1990, p.34). Nota-se, primeiramente o autor inclui na literatura a expressão oral. Sendo assim, toda expressão verbal poderia ser considerada literatura. No entanto, ele faz a ressalva, uma expressão verbal com ênfase nos meios de expressão, ou seja, cuja palavra tem valor de fim e não de meio. A palavra não é um mero instrumento, é elemento com um fim em si. “Literatura é pois expressão pelo verbo, mas não toda e qualquer expressão verbal” (LIMA, 1990, p.34)

“Sou dos que consideram a literatura como arte da palavra. Mas como arte da palavra compreendida no sentido do senso comum isto é. da expressão verbal com ênfase nos meios e não com exclusão dos fins. A literatura não substitui os fins pelos meios, como quer a concepção purista e extremada. Ela faz dos meios um fim, mas sem excluir outros fins”. (LIMA, 1990, p.36)

Seguindo esta visão, expressa no ensaio *O Jornalismo como Gênero Literário*, o jornalismo não é digno do selo “literatura”. Nem todo gênero jornalístico tem na palavra uma expressão de fim. Muitas vezes, o jornalismo usa a palavra como mero instrumento para passar uma mensagem, uma nota, por exemplo. Com sua natureza intrinsecamente ligada ao atual e ao factual, o jornalismo jamais teria, seguindo a concepção proposta, condição de figurar no meio literário, pois cabe ao jornalista escrever em tempo curto e pressionado também pelo espaço dado no jornal. O jornalista tem de escrever com clareza e precisão. Outro fator, o jornalista muitas vezes não encontra interesse nenhum em rebuscar seu texto, sendo que este fatalmente vai estar condenado ao esquecimento no dia posterior.

1.2.2. Encontros e desencontros entre jornalismo e literatura

As visões expostas sobre o que é literatura afastam-na quase completamente do jornalismo. A visão de literatura como campo de expressão exclusivamente ligado à ficção afasta-se completamente do jornalismo, que deve estar preso ao fato e reproduzi-lo da maneira mais fiel possível, vale a precisão na apuração. Já imaginou o caos que seria se todo repórter chegasse a uma redação de jornal e ao invés de uma reunião de pauta, o chefe de redação convocasse um *brainstorm* (uma chuva de idéias) semelhante aos que são feitos nas agências de publicidade? “Um jornalista tem sempre presente uma preocupação, ser preciso. Disso decorre, em grande parte, a credibilidade da notícia. A indefinição poderá ser a grande virtude do texto literário”. (MEDINA, 1990, p.27) Existe uma ética que rege o jornalismo, a credibilidade vem a partir de como o jornal trata o fato, se não o deturpa. A ficção não é possível no jornalismo.

A concepção de Lajolo (1994) - Literatura é "o que é para cada um" - entra em confronto diretamente com a característica de universalidade jornalística. Toda a massa deve ser atendida e reagir ao mesmo produto, o que não acontece na literatura. Para Cremilda Medina (1990), "o papel do comunicador se especifica acima de tudo, no processo de comunicação, por causa do compromisso com o público, com o consumidor ou com a demanda do mercado. O escritor pode se dar ao (sic) luxo de alegar que abstrai o leitor, o jornalista não"(p.27).

Percebe-se que aproximações e afastamentos entre jornalismo e literatura são possibilidades ora reais, visíveis e nítidas, ora distantes, numa relação de encontros e desencontros que torna, ao mesmo tempo, controversa e apaixonante a discussão.

"(...)seria impossível traçar com nitidez a linha de demarcação entre o mundo jornalístico e o literário. Esta linguagem tênue e hesitante marcará, sem dúvida, a diferença do ângulo em que se colocam o repórter e o romancista, o editoralista e o ensaísta- um voltado para as exigências imediatas e transitórias do grande público, outro debruçado sobre os temas universais e permanentes que nascem da natureza do homem e da matéria da vida" (JOBIM, 1992, p.53).

Uma das primeiras e mais significativas interseções entre jornalismo e literatura é que ambos utilizam a codificação verbal como meio de expressão. A palavra escrita é o instrumento de trabalho de ambos. "O real, matéria prima da notícia provoca (...) a nova linguagem". (MEDINA, 1990, p.25) Primeiro porque o jornalismo lida com fatos que estão acontecendo no tempo presente, o jornalista vive o seu tempo. Por ser um profissional do seu tempo, não há como aguardar para dar um melhor acabamento ao texto, o jornalista corre contra o tempo, e mais, o espaço em que o jornalista trabalha também é limitado. Vale ressaltar, que há exceções, quando jornalistas passam um período extenso para fazer uma reportagem, mas isso não é regra no jornalismo atual. Depende também da periodicidade do veículo, por exemplo, em uma publicação trimestral há possibilidade de o jornalista dá um melhor acabamento para o texto. Geralmente o jornalista não se interessa em dar um tratamento melhor ao texto, visto que a notícia passa. "Em jornalismo não

existe a permanência, mas a persistência”. (DINES, 1986, p.45) O jornalismo é construído o dia-a-dia, não se esgota em 24 horas.

Segunda característica que faz o jornalismo se afastar da literatura é que os personagens das histórias jornalísticas são verdadeiros. Com isso o jornalismo deve utilizar a linguagem denotativa nos textos, visto que vive de referenciar o real imediato.

“Na literatura temos aí diferenças flagrantes: o escritor não tem compromisso expresso com o real imediato (a não ser na ‘literatura – verdade’), vale-se de personagens e não de seres com a identidade registrada, não é obrigado a comprovar suas induções com vozes autorizadas que representem o conhecimento humano”.(MEDINA, 1990,p. 30)

Além do fato de a instrumentalização ser a mesma (a palavra), pode-se encontrar uma influência recíproca entre o jornalismo e a literatura. Por exemplo, o que Cremilda Medina chama de “literatura -verdade” faz a literatura ter um vínculo com o factual, mas mesmo assim possa ser considerado literatura. Um exemplo disso é Euclides da Cunha na época em que foi correspondente na Guerra de Canudos (o fato), ao escrever *Os Sertões*. Nesta obra, os estilos do jornalista e do escritor se confundem.

“Não se trata de discutir as manifestações da mensagem jornalística conforme uma classificação literária de gêneros. Nem cabe a velha discussão: jornalismo como gênero literário? O fato da palavra, o signo verbal, ser um elemento comum e o fato de, numa fase histórica, o escritor se confundir com o jornalista, não sustenta o enquadramento do Jornalismo na Literatura, nem na sua divisão de gêneros”.(MEDINA, 1988, p.66)³.

O jornalismo é conceituado por Antônio Olinto como a literatura para o imediato consumo. Ambos os campos têm a possibilidade de criar arte. Apesar de o jornalista ter de

³ Esta visão de jornalismo como gênero literário é defendida por Alceu Amoroso Lima em seu artigo “O Jornalismo como Gênero Literário”, que terá destaque no próximo item deste capítulo.

trabalhar com a clareza, a simplicidade e a precisão dos fatos, e o escritor, ou literato, se preferir, é autorizado a brincar com as palavras, jogar com elas, provocar ambigüidades, imprecisões. Para Medina (1990), “a palavra jornalística é, em geral, empobrecedora perante o seu objeto, o real imediato”(p.28). A literária revela uma realidade própria. O jornalista deve buscar uma aproximação maior com a essencialidade do acontecimento. “O jornalista precisa, para eticamente se desempenhar na sociedade, dos códigos de relação humana, de edificar com solidez a interação social criadora. Se, um dia, tocar essa utopia, será efetivamente um agente da relação humana numa sociedade participativa, democrática.” (MEDINA, 1990, p.28 e 29) Ao atingir o nível proposto pela autora, o jornalismo poderá dialogar de forma diferente com o público. Haveria uma maior interação entre os dois lados da comunicação social e um maior comprometimento do jornalista com o leitor, ouvinte ou telespectador.

Existem outras diferenças entre jornalismo e literatura. O produto jornalístico não tem o propósito de sobreviver ao seu tempo. O que vale para a permanência de um veículo é a sua persistência, o compromisso com o público. “A comunicação periódica consiste, justamente em conduzir o público dentro do seu processo temporal, tranquilizá-lo nas mutações.” (DINES, 1986, p.53) A literatura, no entanto, não deve estar condenada ao esquecimento, a não ser nos casos de obras de péssima qualidade que não merecem ser lembradas. Apesar de não possuir esse propósito da eternidade, ou de uma vida útil mais longa, o produto do jornalismo constantemente está furando esta regra. Muito comum principalmente nos veículos de uma periodicidade grande, quando o jornalista dispõe de tempo para trabalhar o texto de forma mais apurada. Nesses veículos já se pode constatar uma volta ao passado, e um melhor tratamento é dado à linguagem. Não só devido ao tempo, mas também pela capacidade criativa do profissional. Como sugere Alceu Amoroso Lima, os textos não devem informar por informar, mas para in-formar.

Outra característica do jornalismo inexistente na literatura é a impessoalidade, enquanto no campo literário são facilmente percebidas marcas enunciativas. Na literatura o estilo se sobressai. É importante falar, na crônica esta marca da impessoalidade inerente ao jornalismo não é encontrada. Luís Fernando Veríssimo, objeto de estudo desta monografia, tem um estilo muito particular de escrever para o jornal. É uma espécie de bate-papo informal com o leitor. Existem gêneros jornalísticos os quais dão margem para que

sobressaia a marca do jornalista. Isto é muito comum, por exemplo, na televisão, quando muitas vezes sabemos quem está falando pela forma com a qual a notícia é tratada. Mas isso pode ser percebido também no jornalismo impresso, onde grandes jornalistas já marcaram época porque tinham um estilo muito próprio de escrever a notícia. É o caso, por exemplo, do já citado João do Rio, que viveu em uma época de interseção entre o jornalismo e a literatura.

A verdade é, por mais que se busque enumerar as diferenças entre jornalismo e literatura (e seriam várias), no jornalismo praticado hoje podemos encontrar vários traços comuns entre os dois. Principalmente nos cadernos de cultura, publicações de grande periodicidade, suplementos especiais de fins de semana e nos gêneros opinativos. Por mais que se tente enumerar diferenças, sempre vai ser possível encontrar pontos de interseção entre jornalismo e literatura. “Acima de tudo, a literatura ajuda o jornalismo a que este se torne mais humano”.(MEDINA, 1990, p.29)

1.3. Um sentido para jornalismo e literatura

Depois de falar sobre o jornalismo, a literatura e das fronteiras e interseções entre os dois campos, é necessário falar da visão do jornalismo como gênero literário. Qual a condição que faz com que o jornalismo possa ser considerado um campo da literatura? Dois autores, Alceu Amoroso Lima e Antônio Olinto, concebem o jornalismo como um gênero da literatura. Para o primeiro, o jornalismo é a literatura sob pressão, de tempo e espaço. Já para Antônio Olinto o jornalismo é a literatura para o imediato consumo. Neste conceito, percebe-se uma preocupação do autor com o caráter perecível do produto jornalístico, apesar de Olinto considerá-lo literatura, cujo produto não está relegado, necessariamente, ao esquecimento.

Amoroso Lima faz um estudo mais profundo sobre o jornalismo como gênero literário. Antes é importante ressaltar a divisão que o autor faz na literatura. Ele a divide em duas grandes esferas. A da literatura em verso e da literatura em prosa. Dentro desta divisão ele subdivide em prosa de ficção, onde estão inseridos os romances, as novelas, o conto e o teatro; prosa de apreciação e prosa de comunicação. Esta estaria subdividida em

conversação, oratória e epistolografia. Já na prosa de apreciação encontraremos a de apreciação de obras (crítica), de pessoas (biografia) e de acontecimentos (jornalismo).

Para o autor, portanto, o jornalismo é um gênero literário de prosa de apreciação de acontecimentos. Ou seja, o jornalismo obedece a quatro características de uma especificação crescente. “É uma arte verbal; é uma arte verbal em prosa; é uma prosa de apreciação: é uma apreciação de acontecimentos”.(LIMA, 1990, p.56)

“Tirar o essencial do acidental, o permanente do corrente é o que o (o bom jornalista) distingue do simples noticiarista. Fazer da informação um gênero literário, é um sinal do bom jornalista. Fazer do gênero literário, como o jornalismo, uma simples informação, é o sinal de um mau jornalista”. (LIMA, 1990, p. 60)

Aqui vale o conceito de jornalismo segundo o “sentido próprio”, de jornalismo como gênero literário. “O fato de aparecer numa folha de jornal não é razão que determina a essência do gênero jornalístico”.(LIMA, 1990) O autor propõe ser possível fazer arte no jornalismo, desde que a palavra possua um valor próprio, um valor de fim e não como mero instrumento. “O modo de dizer é um elemento capital para que o jornalismo, como qualquer outro emprego da palavra, seja ou não uma arte. Quando a utilização da palavra, em um jornal, tem apenas um fim pragmático não é jornalismo”.(LIMA, 1990, p.56)

A prosa de apreciação, como é conceituado o jornalismo, tem como forte marca a emissão de juízo de valor. Não é necessariamente uma apreciação, mas uma análise dos fatos, sejam eles referentes a obras (críticas), a pessoas (biografia) ou de acontecimentos (jornalismo). “O elemento julgamento e, portanto, exercício da inteligência, do discernimento, da análise, é algo que entra em jogo” (LIMA, 1990, p.52) Alceu Amoroso Lima propõe não só uma simples emissão de juízos de valor, mas que nela o autor possa se lançar, a palavra deve assumir um fim em si. A beleza da linguagem está em ultrapassar a beleza estética e alcançar a beleza intrínseca. Quando o jornalismo é utilizado como gênero puramente estético, ele não merece receber o rótulo de literatura.

“O gênero literário, portanto, em vez de ser, como queriam os antigos, um tipo de construção estética determinado por um conjunto de normas

objetivas a que toda composição deve obedecer- é um tipo de construção estética determinada por um conjunto de disposições interiores em que se distribuem as obras segundo as suas afinidades intrínsecas e extrínsecas. Nessa concepção flexível e não rígida, de gênero literário é que podemos incluir o jornalismo". (LIMA, 1990, p.33)

A teoria moderna dos gêneros admite a fusão deles, como é o caso da tragicomédia. Assim como é possível haver uma fusão dos gêneros dentro da literatura, como admitiu Amoroso Lima, é possível admitir a crônica como uma expressão da fusão de estilos provenientes da literatura e do jornalismo. Ela está presa ao factual e ao atual do jornalismo, mas traz consigo a marca da subjetividade e do estilo das grandes obras literárias. A crônica sofre a pressão do tempo e do espaço do jornalismo, mas respira aliviada de uma liberdade de pensar, de criar, de fazer pensar.

Cabe ao jornalista, que quer ter os seus textos levantados ao status de literatura, não informar por informar, mas ter consciência de ser um formador de opinião, e como tal deve instigar nas pessoas a capacidade de questionar fatos. Deve-se levar em consideração que jornalismo e literatura são duas formas distintas de trabalhar com a palavra, mas quando se unem formam um corpo conciso, rígido, impedindo que a classificação de alguns gêneros como jornalísticos ou literários seja uma discussão sem fim. A literatura enriquece a linguagem jornalística, que está tão presa à técnica. Graças aos traços de literatura no jornalismo, alguns textos são recortados e ganham um lugar entre os livros ou até mesmo o status de livro, como é o caso da coletânea de crônicas.

No início o jornalismo estava totalmente contido nos domínios da literatura. Os repórteres daquele tempo eram os escritores, os poetas, havia uma linguagem mais agradável, a pressão não era tão grande como a da sociedade industrial. Com a urbanização o jornalismo foi conseguindo uma certa independência, os jornalistas já não tinham os traços tão fortes com a literatura. O que se viu depois foi uma especialização da linguagem jornalística. Época de uma linguagem mais técnica, pouco fértil. Chegando à atualidade percebe-se uma reaproximação entre jornalismo e literatura. Os grandes jornalistas são considerados escritores. O que virá agora, a literatura irá reabsorver o jornalismo? Este é o esquema de interrelação entre jornalismo e literatura proposto por Alessandro Sales, em seu ensaio *Aspectos Relevantes no Estudo da Divisão entre Jornalismo e Literatura*.

É importante falar, além da crônica, o jornalismo e a literatura vivem em comunhão no livro - reportagem. Se tomarmos apenas o nome seria um gênero jornalístico no suporte principal da literatura, o livro. Seria ele, então, um gênero jornalístico para a literatura?⁴ Ao contrário da crônica, que alguns autores consideram um gênero literário para o jornal. Tanto em um como no outro se percebe as esferas do jornalismo e da literatura encontrando-se em um lugar comum. Seja em livro, ou no jornal os dois campos podem se relacionar. É impossível fazer uma separação definitiva da literatura em relação ao jornalismo.

1.4. Crônica: encontro de sentidos

O sentido do jornalismo traz consigo a atualidade, a periodicidade, a pressão do espaço e do tempo. O sentido literário vem com a subjetividade, o estilo como forte marca, uma linguagem mais apurada. Estes dois sentidos se encontram na crônica. Há, ainda, um pouco comentado, sentido histórico, quando a crônica tinha como característica principal o relato cronológico dos fatos de uma época. Sentidos múltiplos se encontram na crônica.

1.4.1 Uma viagem pela crônica

Para Jorge de Sá (1999), em seu livro *A crônica*, a literatura brasileira iniciou-se com a crônica, se levarmos em conta que a primeira manifestação escrita em território tupiniquim foi a carta de Pero Vaz de Caminha ao rei de Portugal.

“Pero Vaz de Caminha descreveu o que viu e sentiu de uma maneira muito pessoal, mentiu um pouco. fez a sua literaturazinha e até as suas graças (quando usou ‘vergonha’ nos dois sentidos referindo-se à genitália da nativa e ao sentimento que ela tinha ao expô-la, fazendo assim o primeiro trocadilho do Brasil) e principalmente precisou escrever às pressas, pois o barco dos mantimentos voltaria a Lisboa com

⁴ Não é objetivo desse trabalho discutir sobre a natureza do livro reportagem (jornalística ou literária).

a notícia do 'achamento' tinha prazo certo para sair. Quer dizer, Caminha foi o nosso protocronista".⁵

No início, a crônica tinha esse caráter de relato histórico, como o próprio nome sugere (*kronos*, tempo). Era o relato cronológico dos fatos. "Crônica designava, no início da era cristã, uma lista ou relação de acontecimentos ordenados segundo a marcha do tempo, isto é, em seqüência cronológica". (MOISÈS, 1994, p.101) Assumir esta condição de relato histórico sempre foi inerente à crônica, o que veio diferenciar a antiga crônica da atual é a forma como o escritor relata os acontecimentos. Ainda não havia a discussão da natureza jornalística ou literária da crônica. O gênero era uma espécie de relatório.

Para atingir a condição de "crônica moderna", ela foi impulsionada pelo progresso do jornalismo. "É hoje um gênero da literatura para o jornal, consentâneo com a própria natureza leve e agitada da imprensa moderna" (COUTINHO, 1987, p.355) Esta visão de Afrânio Coutinho, da crônica como gênero literário, é questionada, pois a crônica também é considerada um gênero jornalístico. Para José Marques de Melo, em seu livro *Opinião no Jornalismo Brasileiro*, a crônica é um gênero jornalístico de opinião. A crônica é, segundo Melo, um gênero que "gira permanentemente em torno da atualidade, captando com argúcia e sensibilidade o dinamismo da notícia que permeia toda produção jornalística" (MELO, 1994, p.154) Nota-se, a crônica deixa de ser tão seca e já se fala dos traços literários, como a sensibilidade. A discussão sobre a natureza da crônica acompanha a sua própria história. A questão é pertinente, mas não leva a um lugar comum. Não adianta falar que a crônica é mais ou menos literária, ou jornalística, não se pode separar a crônica da literatura, nem do jornalismo.

A crônica tal como se desenvolveu no Brasil não encontra similar noutras literaturas, salvo por influência de nossos escritores. A relação entre crônica e jornal se estreitou a partir da chegada do Romantismo. Ela era escrita por literatos, os quais não tinham espaço para escrever livros e recorriam aos jornais até como forma de sobrevivência, já que o jornal pagava mal, mas pelo menos pagava em dia. Mas o jornal não serviu só como suporte para que a crônica fosse publicada, ele trouxe características marcantes, como o fato de a crônica ter uma ligação muito forte com a atualidade, o cotidiano. A crônica é

⁵ VERÍSSIMO, Luis Fernando. Revista *Caros Amigos*, abril/2000, p.09.

atual, assim como o jornalismo. Ela trata a atualidade de forma diferente, com uma visão e linguagem específica, que se aproxima da literatura. “A crônica oscila, pois, entre a reportagem e a literatura, entre o relato impessoal, frio e descolorido de um acontecimento trivial, e recriação do cotidiano por meio da fantasia.” (MOISÉS, 1994)

Havia um espaço especial no jornal para a crônica, que ficou conhecido como folhetim. Ele era um espaço no rodapé da página ou em coluna, não havia uma característica própria do folhetim dentro dos jornais. “O folhetim era a crônica, mas também a novela ou romance, quando publicado em jornal”⁶. A produção começava a ganhar ares jornalísticos sendo produzida com maior velocidade e com uma periodicidade. O folhetim circulava semanalmente, depois, quinzenalmente, daí a mensalmente. Isto dificultava a fixação da crônica como gênero. Era difícil comentar os fatos com um mês de atraso, a atualidade perdia o sentido, justamente ela, uma das características fundamentais que fazem da crônica um gênero jornalístico.

A diferença fundamental entre a crônica e o que mais tarde viria a se tornar o folhetim é principalmente a relação de cada um deles com o espaço jornalístico. “A crônica busca se realizar esteticamente no espaço do jornal, o que não acontece com os folhetinistas”. (PEREIRA, 1994) A crônica vai conquistando a sua independência espacial no jornal a partir do século XIX.

Com o advento do Romantismo, a crônica passa a ocupar uma posição entre a capacidade de enunciação das notícias e a reelaboração de enunciados que se aproximam das formas da literatura romântica. “Os cronistas se antecipam ao processo jornalístico: observam o cotidiano e dele tiram a matéria prima para seus textos”.(PEREIRA, 1994) Com a evolução, a crônica se vinculou ao jornal, os literatos foram perdendo espaço para cronistas de essência. Primeiramente com Machado de Assis e suas crônicas na *Semana*. Depois vieram vários representantes ilustres, como João do Rio, Rubem Braga (este tem toda a sua obra voltada exclusivamente para a crônica), Stanislaw Ponte Preta, Paulo Mendes Campos, Carlos Drummond de Andrade, Carlos Heitor Cony e, mais recentemente, José Simão e Luís Fernando Veríssimo. Além de, para fazer justiça com o jornalismo local, Milton Dias, Rachel de Queiroz e Airton Monte.

⁶ Coutinho, Afrânio. *Ensaio e Crônica*. In: *A Literatura no Brasil*. 3ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio. P.110

Depois de começar como gênero vinculado à literatura, passar a conviver com a correria dos jornais, a crônica atinge o estado atual, como um gênero que, além de informar e interpretar, procura verificar as dimensões do significado de cada informação dentro do espaço jornalístico.

“As possibilidades de leitura da crônica não devem se esgotar numa análise das técnicas do jornalismo impresso. A crônica cria um novo tempo narrativo no interior dos jornais, acrescenta relações semânticas que enriquecem a pobreza lexical dos periódicos. Portanto, classificar a crônica como gênero jornalístico ou literário é negar a independência estética da crônica em relação às unidades relativas do texto jornalístico”.(PEREIRA, 1994, p.123)

A crônica ultrapassa as fronteiras do jornalismo. Não fica presa ao tecnicismo e ganha um status, graças à abertura que proporciona ao estilo do cronista. Ao cronista não cabe apenas anunciar as novidades da semana, mas criá-las, junto com um pensamento crítico sobre os fatos. A crônica busca capacitar o leitor a dominar os contornos, culturais e sociais, trazidos pelas novidades. Mas nenhum cronista consegue ser brilhante o tempo todo. O cronista faz o papel de amigo íntimo e todas as manhãs, ao abrimos o jornal, ele faz uma espécie de bate-papo com seus leitores, levando-lhes a rir, a chorar, a refletir, como uma boa obra literária, e faz isso diariamente, periodicidade proveniente do jornalismo. Sobre esta linguagem meio “largada” da crônica, Antônio Cândido disse que dificilmente irá se conceder um prêmio Nobel de literatura a um cronista. A crônica é considerada um gênero menor dentro da literatura. A vantagem disso, ela jamais sairá de perto dos leitores comuns para ficar restrita aos intelectuais dentro das Academias. É um gênero que pode ser digerido por todos, independente do paladar.

“Por se abrigar neste veículo transitório (o jornal), o seu intuito não é dos escritores que pensam em ‘ficar’, isto é, permanecer na lembrança e na admiração da posteridade; e a sua perspectiva não é a dos que escrevem do alto da montanha, mas do simples rés-do-chão. Por isso

mesmo consegue quase sem querer transformar a literatura em algo íntimo com relação à vida de cada um (...)". (CÂNDIDO, 1992, p.15)

Ao longo da sua caminhada, a crônica progrediu para além da função de informar e comentar. À crônica cabe o papel de divertir. Com uma linguagem leve e descompromissada, ela se afastou da técnica que envolve o jornalismo e aproximou-se da literatura, sem deixar as marcas jornalísticas. Na crônica, é possível encontrar traços fortes tanto de literatura quanto do jornalismo. Para o futuro, a crônica revela algo promissor, segundo escreveu Artur da Távola, em novembro de 1978.

*"A crônica é (e será) a leitura do futuro: compacta, rápida, direta, aguda penetrante, instantânea (dissolve-se com o uso diário), biodegradável, sumindo sem poluir, sem degradar ou denegrir, oxalá deixando perfume, saudade e algum brilho de vida no sorriso ou na lágrima do leitor".*⁷

1.4.2. A natureza da crônica

A crônica é marcada primeiramente pela natureza histórica, pois ela era uma espécie de relatório cronológico dos fatos. Mas para Wellington Pereira, autor de um ensaio sobre a crônica, intitulado *Crônica: arte do útil ou do fútil*, "a noção da palavra crônica, enquanto mero relato cronológico dos eventos, tem uma extensão semântica muito pobre". (PEREIRA, 1994) A crônica só teria o seu significado ampliado quando absorvesse matizes literários. "A partir daí, vamos ter uma nova noção de crônica que não se legitima apenas através da organização cronológica dos eventos, mas na forma de relatos".(PEREIRA, 1994)

Depois de passar pelo campo da história, a crônica veio dar a sua contribuição para a literatura. Quando o jornal chegou ao Brasil, as crônicas que ali figuravam eram trabalho de escritores. Então, não se podia dissociar a crônica da linguagem literária. Machado de Assis, um dos precursores, apontado também como o grande inovador e responsável pela fixação do gênero no Brasil, escreve sobre a crônica:

⁷ Essa crônica, intitulada "Há duas mil e tantas crônicas", foi publicada em 1978, por Artur da Távola no jornal *O Globo* e pode ser encontrada no livro, *Jornalismo Opinativo*, de Luís Beltrão, como exemplo de crônica.

*“O folhetim⁸ é o anão do circo Chiarni, enquanto os vários artistas executam os mais difíceis saltos. o anão deve apenas divertir a platéia dizendo o que lhe vem à cabeça. O folhetim é filho do acaso e da fantasia. Sua musa é o capricho. seu programa a inspiração”.*⁹

Neste trecho fica claro o quanto a crônica estava ligada à literatura, pois fala de fantasia, quanto o que interessa no jornalismo é a veracidade e a precisão dos fatos. No entanto a crônica trazia uma ambigüidade, de onde são extraídos os seus defeitos e qualidades. Ela se move “no” e “para” o jornal, uma vez que ela se destina a ser lida na folha diária.

“Difere, porém, da matéria substancialmente jornalística naquilo em que, apesar de fazer do seu cotidiano o seu húmus permanente, não visa à mera informação: o seu objetivo, confesso ou não, reside em transcender o dia-a-dia pela universalização de suas virtualidades latentes, objetivo esse via de regra minimizado pelo jornalista de ofício. O cronista pretende-se não o repórter, mas o poeta ou o ficcionista do cotidiano, desentranhar do acontecimento sua porção imanente de fantasia.” (MOISÉS, 1994)

Com o advento da sociedade urbana e industrial, a crônica muda o seu caráter. Passa a ser publicada diariamente, daí surgem os cronistas “puros”, como foi o caso de Rubem Braga. Ela passa a viver mais constantemente com a pressão do tempo e do espaço, que são características comuns ao jornalismo. Além disso, a crônica finca de vez o pé na atualidade. “A crônica é uma expressão literária que faz do cotidiano o seu prato diário”. (MOISES, 1994)

⁸ Note que Machado de Assis refere-se à crônica como folhetim. Isto se deve ao fato que o folhetim era uma denominação dos textos publicados em uma determinada seção do jornal. Isto já foi explicado antes nesta monografia.

⁹ Crônica publicada em 20 de dezembro de 1869, in Magalhães, Jr. Raimundo. Vida e Obra de Machado de Assis, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira/INL. Trecho retirado de um ensaio sobre as crônicas de Machado de Assis de Antônio Hohlfeldt.

“No jornalismo contemporâneo, a crônica ultrapassa os sentidos do relato histórico. E não vai se caracterizar como uma narrativa circunstancial, de acordo com os fatos e a relação temporal que estes imprimem ao texto jornalístico. A crônica no jornalismo impresso é uma voz distante, um exercício de estetização do real, sem depender dos mecanismos de construção da linguagem jornalística que filtram as aparências do real.” (PEREIRA, 1994, p.123)

Algumas características da crônica surgem a partir da sua ascensão dentro do jornalismo. Uma das mais marcantes é a brevidade, a crônica é, comumente um texto curto, de uma coluna no jornal, ou uma página na revista, devido à própria pressão de espaço dentro do jornalismo. “Imposta pela circunstância de a crônica publicar-se em jornal ou revista, a brevidade reflete, e a um só tempo determina, as outras marcas da crônica.” (MOISÉS, 1994) Outra característica forte é a subjetividade. A crônica não é marcada pela impessoalidade, o cronista marca por seu estilo. Além das características que a aproximam da literatura “a crônica preenche as três condições essenciais de qualquer manifestação jornalística: atualidade, oportunidade e difusão coletiva”. (MELO, 1994, p.159) Para Carlos Drummond Andrade, a crônica pretende ser uma crítica social, o que corresponde a “entrar no fundo no significado dos atos e dos sentimentos do homem”.¹⁰ A crônica tem uma natureza híbrida, com os vieses da literatura, do jornalismo e da história. Devido a esta natureza complexa e a sua linguagem simples muitos autores lançaram-se na tentativa de classificar a crônica, inclusive o autor que vai ser analisado nesta monografia, Luís Fernando Veríssimo.

1.4.3.A crônica e as tentativas de classificação

Não foram poucos os autores que arriscaram traçar uma classificação para a crônica. Talvez, pelas multifaces que o gênero possui, até agora não se conseguiu chegar a uma classificação definitiva. A mesma experiência de classificação foi tentada

¹⁰ DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. O frívolo cronista, *Jornal do Brasil*, 14-09-1978, in: MELO, José Marques de. *A Opinião no Jornalismo Brasileiro* 2ªed. Petrópolis, 1994.

embrionariamente com o artigo e o ensaio, mas também não se chegou a uma conclusão definitiva. A crônica é polêmica por natureza e na tentativa de classificá-la pode-se chegar a uma conclusão parecida com a que se chegou em relação a sua natureza jornalística ou literária, ou seja, nenhum autor chegou a uma conclusão definitiva, inquestionável.

Uma primeira classificação é a de Massaud Moisés, em seu capítulo sobre crônica do livro *A Criação Literária- Prosa II*. Devido ao seu caráter literário, a crônica tende para o conto ou para a poesia, conforme se acentue o aspecto narrativo ou o contemplativo. A crônica poesia é “poesia do cotidiano, em suma, parente da poesia de circunstância, fadada a durar um pouco mais do que o acontecimento, mas menos sempre do que a poesia autêntica”. (MOISES, 1994) A crônica- conto é caracterizada pela ênfase no “não-eu”, no acontecimento que provocou a atenção do escritor. “O meio termo entre o acontecimento e o lirismo parece o lugar ideal da crônica. A oscilação e conseqüente fixação no segundo pólo pode sacrificar-lhe a fisionomia, ainda que gerando mais duradoura (o conto); ou no primeiro, conservá-la”. (MOISES, 1994) Percebe-se que a classificação proposta aproxima bastante a crônica da literatura. Não há uma preocupação com a razão social da crônica, mas da forma como o fato social é tratado nela. Tomando como exemplo as crônicas que devem ser analisadas mais adiante, a produção de Luís Fernando Veríssimo é de principalmente, crônicas – conto. O autor destaca-se pelo seu estilo leve, muito distante do lirismo e bem mais próximo do bate- papo.

Uma outra tentativa de classificar a crônica é feita por Luís Beltrão, que deu dois enfoques à sua classificação: quanto à natureza do tema e quanto ao tratamento dado ao tema. Segundo esta última classificação existem três tipos de crônica: a analítica, onde os fatos são expostos com brevidade e logo dissecados com objetividade; sentimental, em que predomina o apelo à sensibilidade do leitor; e satírico-humorística, cujo objetivo é criticar ridicularizando ou ironizando fatos, ações, personagens ou pronunciamentos comentados, com a finalidade de advertir e entreter o leitor. As crônicas analíticas afastam a crônica da literatura e a aproximam do jornalismo, nessa modalidade, ressalta-se a objetividade e a brevidade. No entanto, uma crônica breve nem sempre traz as marcas fortes do jornalismo. Pode haver uma interseção entre os tipos de crônica propostos. Ela pode ser analítico-sentimental, por exemplo, ou satírico-sentimental. A sensibilidade à qual se refere Beltrão não implica, necessariamente, ao sentimento de melancolia, o humor, o riso é uma

expressão de sentimento. Um determinado tipo de crônica não provoca necessariamente, um mesmo sentimento sempre. As crônicas analisadas nesta monografia, levando-se em consideração a classificação proposta, trazem um forte traço de sentimentalismo e de sátira e humorismo.

A outra classificação proposta por Luís Beltrão, leva em conta a natureza do tema, e põe a crônica em três classificações diferentes: crônica geral, como o próprio nome sugere, aborda vários assuntos; crônica local, na qual o autor glosa a vida cotidiana da cidade, atuando como uma espécie de receptor e orientador da opinião pública da comunidade-sede do jornal; e crônica especializada, nesta o autor se prende a um único assunto. Há uma tendência entre os cronistas para uma especialização. O maior exemplo disso são os cronistas esportivos. No entanto alguns cronistas, como é caso de José Simão fazem crônicas gerais todos os dias, não há uma restrição a um só tema. Luís Fernando Veríssimo é um cronista geral, de crônicas especializadas. Sua obra contempla temas como política, economia, o cotidiano, futebol, literatura e cinema, mas ele não faz crônicas gerais. Veríssimo prefere escrever crônicas especializadas. A sua obra é geral, mas tem especificidades. Quanto à idéia de crônica local, é uma redundância. Essa modalidade tem uma relação íntima com o cotidiano e como formador de opinião pública, isto não se restringe a um tipo de crônica, mas a todos os tipos. As crônicas que vão ser analisadas mais adiante são, segundo esta classificação, crônicas especializadas, que têm como tema o futebol.¹¹

Uma última classificação é sugerida pelo autor cuja obra vai ser análise desta monografia. Luís Fernando Veríssimo toma como ponto de referência a qualidade da crônica. Ele divide a crônica em: crônica, crônica curta, crônica longa e crônica grande.

“Crônica é qualquer crônica, ou uma crônica qualquer. Crônica curta é o nome científico da crônica curta, como pode parecer. (...) Crônica longa é a crônica longa, substancial, com parágrafos gordos. (...) Crônica grande

¹¹ O Livro analisado (A Eterna Privação do Zagueiro Absoluto), também traz crônicas especializadas em literatura e cinema, mas para este trabalho optou-se trabalhar com as que tem como tema o futebol.

*crônica é o crônicaço. O crônicaço é consagrador. Seu autor sai na rua e deixa um rastro de cochichos – É ele, é ele*¹².

A classificação proposta por Luís Fernando Veríssimo é bastante questionável. Para ser crônicaço, a crônica não precisa ser extensiva, preenchendo várias laudas de uma revista, ou uma página inteira do jornal. A própria obra de Veríssimo demonstra que não foram poucas as vezes que ele produziu um crônicaço de apenas algumas linhas. Além disso, a classificação leva em conta a qualidade da crônica. Devido ao seu caráter literário uma crônica pode ter maior qualidade dependendo da atitude do leitor. O que toca um não necessariamente irá tocar o outro. Classificar uma crônica segundo a qualidade é aproximá-la da literatura, esquecendo as marcas jornalísticas. Não se ousou ainda fazer uma classificação baseando-se na linguagem, por exemplo, mais ou menos oral, que se tornou uma das marcas da crônica, que é um bate-papo diário entre quem a escreve e quem a lê.

A realidade é que podem ser feitas várias tentativas de classificar a crônica, mas nenhuma delas será definitiva, devido à natureza multifacetada deste gênero. O que se pode fazer é classificar cada crônica, não vai ser possível rotular o cronista. A cada dia ele produz algo novo, nem sempre preso a um assunto muito relevante, como a economia, literatura, esportes. A inspiração do cronista está no que o que ninguém percebe, mas que o cronista torna permanente. E é a permanência de fatos ligados ao futebol que parecem irrelevantes e outras características da crônica inerentes ao jornalismo e à literatura que será análise do terceiro capítulo. Antes vamos desvendar o que há por trás do futebol para que ele seja um assunto tão atraente, inclusive para um cronista como Luís Fernando Veríssimo.

¹² Veríssimo, Luís Fernando. *Crônica: definições*, 2, Folha de S.Paulo. 9-10-1979, In, Melo, José Marques de. *A Opinião no Jornalismo Brasileiro*. 2ªed. Petrópolis, 1994.

2. O futebol espetáculo

2.1. Futebol e literatura

No Brasil, qualquer pedaço de chão, rural ou urbano, por mínimo que seja, pode se tornar um campo de futebol. Um papel amassado, uma fruta ou uma tampinha de garrafa vira a bola, as pernas de uma mesa, as balisas, até mesmo um poste pode ser o adversário. Está montado o palco. O futebol faz parte da cultura do brasileiro. Mas, justamente no lugar que se proclama “o país do futebol”, as relações entre o esporte e literatura são raras. Talvez porque durante muito tempo o esporte bretão não era motivo sequer para notícias de jornal, imagine-se, então, para ser apreciado por literatos. Da fim do século XIX, quando foi introduzido o futebol no Brasil, até meados da década de 30, a editoria de esportes era um lugar de pouco prestígio dentro dos jornais. Para modificar esta situação dois cronistas esportivos tiveram um papel relevante: Thomaz Mazzoni¹³, em São Paulo, e Mário Filho, no Rio de Janeiro. As notícias de esportes ocupavam pequeno espaço nos periódicos, em geral algumas colunas que traziam o resultado dos jogos. Não havia o comentário, a reportagem de campo, enfim, o noticiário se constituía de informações vagas e genéricas. “Espremido entre o desdém da cultura oficial e a desconfiança, quando não o franco repúdio de muitos intelectuais, engajados ou não, o futebol nunca foi assunto para a arte. Era mais coisa de crianças e retardados¹⁴”. (COSTA, 1999, p.17)

Visto como “ópio do povo” o esporte atraía a atenção da massa para algo aparentemente sem importância. Além disso, o novo esporte era filho do imperialismo inglês, acusava Lima Barreto. “Afonso Rodrigues Lima Barreto, uma espécie de Fausto¹⁵ da literatura brasileira, talvez o maior escritor do seu tempo, foi seguramente o maior inimigo que teve o futebol nos seus começos¹⁶” (COSTA, 1999, p.107). Ainda havia um terceiro fator para que o autor de *O Cortiço* rejeitasse o futebol: Coelho Neto, um dos seus

¹³ Thomas Mazzoni, foi durante muitos anos, o mais importante cronista esportivo de São Paulo. Sua obra mais conhecida é *História do Futebol no Brasil*. Durante a década de 30, Mazzoni escrevia crônicas para *A Gazeta*, jornal da capital paulista.

¹⁴ Giorgeti, Ugo. *Arte e Futebol*

¹⁵ Fausto foi um jogador negro, assim como Lima Barreto, que se consagrou jogando pela Seleção Brasileira de Futebol, na década de 30, época em que havia uma resistência muito forte em admitir negros no futebol. O jogador ficou conhecido como “a maravilha negra”.

¹⁶ Santos, Joel Rufino dos. *Código, padrão e respeito*.

principais desafetos dentro da literatura, era a favor, tendo inclusive participado da fundação do Fluminense, clube de futebol popular no Rio de Janeiro. Coelho Neto era um apaixonado pelo futebol, e tinha uma visão olímpica dessa prática desportiva, “football era coisa de fortes, escolhidos, guerreiros e jovens atléticos – não fora inventado para os esquilidos suburbanos de cor indefinida¹⁷”. (COSTA, 1999, p. 108) A aversão de Lima Barreto pelo esporte bretão aumentou quando se cogitou a possibilidade de não convocar jogadores negros para a Seleção, em meados da década de 20. Principalmente porque o autor, mulato, era um dos principais defensores da igualdade racial no Brasil, tendo inclusive escrito uma obra que trata dessa questão, *O Mulato*.

Ao lado de Lima Barreto, outros famosos literatos se posicionaram contra o futebol. Um deles foi Graciliano Ramos, que, para defender o seu ponto de vista, escreveu em uma das suas crônicas de *Linhas Tortas*:

“Pensa-se me introduzir o football nesta terra. É uma lembrança que, certamente, será bem recebida pelo público que, de ordinário, adora novidades. Vai ser, por algum tempo, a mania, a maluqueira, a idéia fixa de muita gente. Com exceção de um ou outro tísico, completamente impossibilitado de aplicar o mais insignificante pontapé a uma bola de borracha, vai haver por aí uma excitação, um furor dos demônios, um entusiasmo de fogo de palha que é capaz de durar bem mais de um mês¹⁸”.

Visão pessimista para aquele que viria a tornar-se o esporte mais popular do planeta, percebe-se o tamanho da repulsa sobre o futebol. Além disso, é interessante notar na crítica de Graciliano Ramos que ele refere-se ao esporte em inglês, como realmente acontecia. O zagueiro era *half*, o centroavante, *center four*, o goleiro, *keeper*, os jogadores eram *players* e o árbitro, *referee*. Não se havia criado termos para referir-se aos componentes do jogo em português, o que, de certa forma, impedia uma identidade maior, era o “imperialismo inglês”, questionado por Lima Barreto.

Para fechar o trio dos ilustres inimigos do futebol, Oswald de Andrade travou uma polêmica histórica com José Lins do Rego, torcedor fanático do Flamengo. “Com Oswald

¹⁷ Idem

¹⁸ Ramos, Graciliano capud Costa, Francisco, in *Dossiê Futebol*, Revista USP, n° 22, Junho, Julho, Agosto/94. p.87.

se encerra o circuito dos contras mais ilustres, um triunvirato sólido com direito a líbero alemão jogando atrás da zaga¹⁹”. Com uma crítica sempre forte, Oswald de Andrade disse que “resta aos futebolers em declínio senão o mesmo futuro de invalidez e fome que fez Portugal, os toureiros aposentados pechincharem tostões, de muleta, no crepúsculo agitado de redondéis²⁰”.

O futebol, independentemente daqueles que se tornaram contra ou a favor, já era tema entre os intelectuais da época. No entanto, vale ressaltar que não havia quem se interessasse em levá-lo para uma obra de ficção. Daí uma relação tão distante entre futebol e literatura. O futebol aparecia de forma pontual nas obras literárias, não era assunto principal. A produção sobre o esporte ficou muito ligada à crônica. A partir desse gênero surgiram grandes escritores sobre o tema, caso de Mário Filho, Nelson Rodrigues – este apontado como o mais célebre dos cronistas esportivos -, João Saldanha, José Lins do Rego, Paulo Mendes Campos, Armando Nogueira, Luís Fernando Veríssimo, entre tantos outros.

“Os cronistas de futebol, cujos relatos. (sic) no começo do século se resumem a notas de rodapé, vão incrementando suas atividades e técnicas narrativas, à medida que o futebol ganha mais adeptos, o que lhes facultava trazer para o universo da crônica as palpitações humanas que emanam do mundo da bola²¹” (COSTA, 1999, p. 275).

Para que o futebol se tornasse o fenômeno que é hoje, um dos mais influentes escritores foi Mário Filho. A ele é dada a paternidade do jornalismo esportivo no Brasil, no início dos anos 30. Iniciou em *A Manhã*, logo após foi para *Crítica*, dando maior visibilidade ao esporte bretão com a criação de um caderno de esportes em ambos os jornais. Mário Filho introduziu a reportagem no futebol, antecipava as notícias cobrindo os treinos, entrevistava os jogadores e traçava um perfil das pessoas ligadas ao futebol, enfim inovou. “Seus textos são de uma verossimilhança notável, pois retratam a safadeza ou o heroísmo de brancos, negros, mulatos cujos perfis ele traça num estilo fácil, mas que

¹⁹ Costa, Francisco. O futebol na ponta da caneta, in *Dossiê Futebol*, Revista USP, n° 22, Junho, Julho, Agosto/94. p.87.

²⁰ Andrade, Oswald de apud Costa, Francisco, in *Dossiê Futebol*, Revista USP, n° 22, Junho, Julho, Agosto/94. p.87.

²¹ Ramadan, M. Ivoneti Busnardo. *Mito, Crônica, Futebol*.

penetra profundamente nos acontecimentos futebolísticos²²” (COSTA, 1999, p. 275). Graças ao escritor, o futebol passou a ser valorizado dentro dos jornais. Mário Filho fundou dois periódicos esportivos: o *Mundo dos Esportes* e, posteriormente, o *Jornal dos Sports*. Além deste lado jornalístico do escritor, havia o lado literário, quando escreveu uma obra que até hoje é referência para quem estuda o impacto do futebol nas relações sociais: *O Negro no Futebol Brasileiro*. Na obra, o autor tenta mostrar como o futebol foi capaz de promover um processo de democratização racial no país. A importância de Mário Filho foi tamanha que o templo do futebol no Brasil, o estádio do Maracanã, recebeu o seu nome.

“A linguagem corrente do jornalismo esportivo e da crônica de futebol também sofreu alterações radicais com Mário Filho: ele abandonou o formalismo da redação, uso dos termos em inglês e o hábito de se referir aos clubes pelo nome por extenso. Na verdade, Mário Filho inovou ao levar a linguagem popular do futebol à crônica e ao jornalismo esportivo. As crônicas que publicou no Jornal dos Sports assumiam, em geral, um tom memorialista, de reflexão sobre os fatos do passado suscitados por acontecimentos do presente²³” (COSTA, 1999, p. 187).

Mas foi, sem dúvida, com Nelson Rodrigues, irmão de Mário Filho, que o futebol se consagrou não somente na arte, mas como arte. O escritor “deu brilho e vivacidade especiais à crônica de futebol. Dizia-se captador das emoções no estádio e não um produtor de idéias²⁴” (COSTA, 1999, p. 187). Nelson Rodrigues interpretava os lances, não os registrava simplesmente como faziam muitos cronistas esportivos da época. Retrato a inversão de valores dentro do futebol. Os negros, antes vítimas de preconceito, agora recebiam o título de “Rei”, com Pelé, e de “Príncipe Etíope”, para Didi. O dramaturgo elevou a crônica à categoria de ficção, imortalizando personagens. “Nelson é trágico, um autor que vê a bola, o estádio, os jogadores, o juiz, os bandeirinhas, o público, os locutores e os críticos como elementos de um drama, uma tragédia que se desenrola no gramado. Um

²² Idem

²³ Antunes, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. *Nelson Rodrigues e a emancipação do homem brasileiro: de viralatas e moleque genial.*

²⁴ Idem.

drama que se repete, perfeito em sua forma plástica e emocional”²⁵. Através das crônicas de Nelson Rodrigues, o Brasil se tornou a “pátria em chuteiras”.

O time dos escritores que eram a favor do futebol ainda tem como um dos principais representantes João Saldanha, ex-técnico da Seleção Brasileira que comandou o time nas eliminatórias para a Copa do Mundo de 70. Um cronista com um estilo bem mais comedido do que o de Nelson Rodrigues, mas nem por isso menos importante. “Aqui não se encontrará nada que não seja matéria da realidade da qual o cronista não se afasta. Os tipos, as situações descritas nos textos são figuras reais, expressões criativas do ‘povo’ futebolístico”²⁶. (COSTA, 1999, p.275) Além de crônicas, Saldanha escreveu *Histórias do Futebol*, obra sobre uma excursão do Botafogo à Venezuela em 1957 em que trata do cotidiano dos jogadores daquele time.

Com Armando Nogueira, a crônica futebolística ganha marcas de poesia. Para Ramadan (1999), em seu ensaio intitulado *Mito, Crônica e Futebol*, “toda a sua obra é permeada de trechos poéticos que se inserem na linearidade da narração”(p.276). É comum encontrarmos nos textos de Armando Nogueira, referências ao passado, há uma ilusão freqüente ao divino. “Numa visão mítico-mística, tudo se contamina: a bola que purifica, o lance que se eterniza e o jogador, (sic) que travestido de herói, redimensiona o jogo e o transforma em um microcosmo da vida”²⁷. (COSTA, 1999, p.276)

Existem vários outros escritores que tiveram o futebol como fonte de inspiração para escrever seus textos. Um deles, Luís Fernando Veríssimo, vai ser objeto de estudo deste trabalho no próximo capítulo. Os exemplos de escritores que foram citados mostram que o futebol era - e se tornava cada vez com mais freqüência - tema para ser abordado entre os intelectuais e literatos. No entanto, foram raras às vezes que o futebol foi tratado pela literatura. Até porque a crônica, como foi mostrado no capítulo anterior, não é um gênero literário, exclusivamente. Deve-se fazer referência às biografias de jogadores como *Estrela Solitária*, de Ruy Castro, sobre a vida de Mané Garrincha, mas são raros, por exemplo, os romances sobre o futebol. Observa-se que há um interesse em analisar características

²⁵ Costa, Francisco. O futebol na ponta da caneta, in *Dossiê Futebol*, Revista USP, n° 22, Junho, Julho, Agosto/94. p.89.

²⁶ Ramadan, M. Ivoneti Busnardo. *Mito, Crônica, Futebol*.

²⁷ Idem

antropológicas, sociais, financeiras, sobre o futebol, no entanto, o esporte em questão parece não ser assunto de interesse da literatura.

“O futebol pôde se constituir à sombra, livremente, e todas as suas glórias e grandezas se fizeram num tempo em que ninguém se ocupava dele. Toda a grandiosa mitologia desse esporte foi criada enquanto ele era quase clandestino. Toda a escola brasileira de jogar futebol pôde ser inventada nas ruas, com liberdade, os gestos, os lances e os movimentos testados em um sem-número de jogos anônimos sem importância e sem espectadores importantes²⁸”. (COSTA, 1999. p. 17)

Relegado por parte da intelectualidade. Esporte racista e pouco divulgado pela mídia. O futebol ainda não tinha ganhado o status de assunto jornalístico. O quadro de sua introdução no Brasil modificou-se e o futebol passou a ser considerado uma das manifestações culturais mais fortes do povo brasileiro. A mudança dos clubes dos ingleses para o futebol de várzea é um aspecto que merece uma atenção especial.

2.2. De esporte de elite ao espetáculo

Em 1894, Charles Miller desembarcava em São Paulo com uma bola de futebol e um livro com as regras do novo esporte. Era o início do que mais tarde iria tornar-se a paixão nacional. Mas o futebol difundiu-se primeiramente entre os ingleses, altos funcionários de empresas, residentes na capital paulista. “O primeiro grande jogo foi realizado em São Paulo, em 1899, na presença de 60 torcedores. Um acontecimento singular. Os adversários eram um time de funcionários da Empresa Nobiling, contra os ingleses da Companhia de Gás, da São Paulo Railway e do banco de Londres. O resultado final era previsível: 1X0 para os ingleses²⁹”.

O futebol começou a se popularizar quando os proletários das companhias passaram a compor o time dos empresários, que não tinham outra opção para completar a equipe e

²⁸ Giorgeti, Ugo. *Arte e futebol*.

²⁹ Caldas, Waldenir. *Aspectos Sociopolíticos do futebol brasileiro*, in *Dossiê Futebol* Revista USP, nº 22. Junho, Julho, Agosto/94. p.42.

garantir o lazer no final de semana. O *The Bangu Athletic Club*, time carioca, foi o primeiro clube não totalmente elitizado. No entanto, os jogadores-proletários não treinavam e tinham de dividir o tempo entre trabalhar e jogar. O Vasco da Gama, clube fundado pelos ricos comerciantes portugueses, dava condições para que seus atletas pudessem treinar, havia um “falso amadorismo” no clube cruz-maltino, justamente na época em que já se discutia a profissionalização do esporte. Um aspecto interessante, o Vasco foi o primeiro clube a aceitar jogadores negros e mestiços no seu elenco, sendo inclusive afastado da Liga por dois anos ao tomar tal atitude.

Começava a haver uma popularização do futebol nas cidades. Um dos responsáveis pela massificação do esporte foi Mário Filho. Os clubes que tinham nomes em inglês (Fluminense Football Club, The Bangu Athletic Club), passaram a ser chamados simplesmente de Fluminense e Bangu, assim como os times eram chamados pelos torcedores nas ruas, Mário Filho trouxe a linguagem popular do futebol para dentro dos jornais. O mesmo acontecia com os que tinham o nome em português, o Clube de Regatas Flamengo, virou Flamengo, bem como o Clube de Regatas Vasco da Gama, que passou a ser chamado simplesmente de Vasco. Mário Filho encontrou uma fórmula para chamar atenção dos jogos entre dois grandes clubes. Surgiam, os “clássicos”, como o “Fla-Flu”, entre as maiores torcidas cariocas da época, do Flamengo e do Fluminense. Além disso, o futebol brasileiro passou a ter uma linguagem própria, abandonando os termos em inglês: o *ground* virou campo e o jogo deixou de ser *meeting*.

Mesmo com a popularização do futebol, encontrava-se muita resistência em incorporar negros nos clubes. A situação começou a mudar quando os times que tinham maioria negra passaram a ganhar campeonatos. O Bangu foi campeão em 1933 com uma equipe em que a maior parte do elenco era negra. Mas, antes desta data, três jogadores negros marcaram época. O primeiro foi Fausto, “a maravilha negra”, considerado um dos melhores jogadores da Copa do Mundo de 1930, no Uruguai. “Sua notoriedade está em contradição com o seu desejo de ganhar a vida através do futebol dentro das condições de amadorismo, o que traduz o seu estilo duro e aplicado em campo e hostil em relação aos dirigentes e à imprensa³⁰.”

na Suse

³⁰ Lopes, José Sérgio Leite. A vitória do futebol que incorporou a pelada, in *Dossiê Futebol Revista USP*, n.º 22, Junho, Julho, Agosto/94. p.73.

O negro continuou a ganhar espaço com as boas atuações de dois atletas que entraram para a história do futebol: Domingos da Guia, conhecido por uma jogada chamada “domingada”, quando um jogador desarma o adversário e, ao invés do “chutão” sai driblando; e Leônidas da Silva, o “Diamante Negro”, este sempre lembrado por ser o inventor da “bicicleta”, uma das jogadas mais plásticas e difíceis do futebol. Ambos consagraram-se na Copa Rio Branco, em 1932, quando o escrete nacional ganhou do Uruguai, na época, campeão do primeiro mundial de futebol.

“Gilberto Freire, no prefácio do livro O Negro no Futebol Brasileiro de Mário Filho(...), Domingos, formado no Bangu, encarna o ‘apolíneo’, ou seja, mais inglês, mais sóbrio, enquanto que o jogo de Leônidas corresponde ao que ele chama de jogo ‘dionisiaco’ na medida em que este jogador aparece, ainda segundo Freire, como mais criativo, mais emotivo, encarnando melhor o que os jogadores de futebol negro trouxeram para o futebol brasileiro. Assim, o futebol de Leônidas seria a primeira expressão de um futebol novo, emancipado de suas origens britânicas e aristocráticas, o ‘verdadeiro’ futebol brasileiro.”³¹

O futebol cada vez mais se identificava com a sociedade brasileira. Vestir a camisa da Seleção não era simplesmente usar a camisa de um time. As cores da bandeira estavam no uniforme, o prestígio do país estava em jogo. O futebol promovia uma coesão nacional. Todos os segmentos da sociedade, contra ou a favor, estavam envolvidos diretamente com o futebol. Não somente na época de Copa do Mundo, mas a cada fim-de-semana torcidas mobilizam-se, lotam os estádios, vive-se a época áurea do rádio no jornalismo esportivo brasileiro. Os jogadores de futebol não são simplesmente atletas, mas ídolos e recebem títulos de nobreza (Rei Pelé) e características místicas. Garrincha era chamado o mago da bola. O futebol torna-se a paixão nacional e o Brasil a “pátria em chuteiras”, como dizia Nelson Rodrigues.

A política, muitas vezes, apropriou-se do futebol para difundir ideologias, exemplo disso é a música que conduziu a Seleção Brasileira à conquista da primeira Copa, em 1958, na Suécia: “A taça do mundo é nossa/ Com brasileiro não há quem possa”. O brasileiro era

³¹ Idem, p.75.

imbatível nos gramados. Além disso, as conquistas da seleção italiana nas copas de 34 e 38 foram vistas como uma vitória do fascismo sobre a democracia. No Brasil, outra prova da apropriação do futebol pelos políticos ocorreu na Copa de 1970, esqueceu-se o período de repressão da época para prestigiar as jogadas de Pelé, Rivelino, Jairzinho, Tostão, Clodoaldo, Gérson e companhia. Uma curiosidade: o técnico João Saldanha, que comandou a equipe durante as eliminatórias, foi demitido, pois não era simpatizante do regime. Quem comandou a Seleção foi Mário Jorge Lobo Zagalo, na época um técnico considerado “linha dura”. A vitória da Seleção, no México, serviu para o Estado reafirmar a sua condição de superioridade perante o povo brasileiro, o governo usou o futebol para ganhar aprovação popular.

“Qualquer análise ideológica que se quiser fazer do futebol de modo geral, e do futebol brasileiro em particular, não deve deixar de lado o seguinte argumento: não é o futebol em si nem enquanto manifestação lúdica nacionalmente consagrada que aliena, que desvia a sociedade dos seus problemas mais urgentes. Esse fato decorre, isto sim, do uso ideológico que o Estado possa fazer desse esporte, como faria com qualquer outra manifestação que tivesse força popular idêntica³²”.

O futebol acompanhava as transformações políticas, como por exemplo, a “democracia corinthiana”, regime assumido pelo time do Corinthians em meados dos anos 80. Em uma época em que o Brasil vivia sob a ditadura, um time de futebol dava exemplos de como gerir democraticamente. Os jogadores decidiam tudo, alguns deles, como é o caso de Sócrates e Wladimir, tentaram participar do conselho deliberativo do clube. Nas ruas a campanha era pelas eleições diretas para os cargos do poder executivo, as conhecidas “Diretas Já”. Sob a democracia, o clube paulista consagrou-se bicampeão estadual.

O tempo foi passando e o futebol finalmente tomava ares capitalistas. Os jogadores tornaram-se verdadeiras mercadorias. Hoje se fala em clube-empresa, multinacionais, associadas aos clubes, investem milhões de dólares a cada campeonato para comprar os melhores jogadores. A pioneira foi a Parmalat, com o Palmeiras, em 1992, iniciando uma

³² Caldas, Waldenyr. *Aspectos sociopolíticos do futebol brasileiro*, in *Dossiê Futebol Revista USP*, nº 22, Junho, Julho, Agosto/94. p.46

nova era do futebol brasileiro. Atualmente, quase todos os clubes “grandes” do futebol brasileiro estão associados a empresas. A várzea e seus campos esburacados não produzem craques com a mesma intensidade, não são mais os principais celeiros de grandes jogadores. Os atletas são “fabricados” nas escolinhas dos clubes. A especulação imobiliária fez com que o número de campos de várzea diminuíssem, reduzindo as chances de novos craques serem revelados nas ruas. Foram construídos verdadeiros templos para o futebol. O futebol passou a ser um grande negócio, um dos mais lucrativos do mundo.

“Um gol, contudo, continua sendo o momento mágico que adorna o futebol desde os seus primeiros jogos, não importa se nas várzeas do Tietê, nos campos aristocráticos do Hipódromo ou nos modernos teatros e arenas de multi-uso geradas a partir de contrato milionários que fazem do futebol um grande negócio em todo o mundo. Espetáculo deste e do próximo século.”³³ (COSTA, 1999, p.120)

2.3. Futebol e espetáculo

Tendo como um dos principais suportes a televisão, o futebol tornou-se um verdadeiro espetáculo. “O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas mediada por imagens”. (DEBORD, 1997, p.14) A mídia, primeiro com o rádio, nas décadas de 30 a 60, depois, e principalmente, com a televisão transformou o futebol em espetáculo.

“O que percebemos na mídia é a espetacularização do futebol. O esporte no século XX passa por uma transformação importante. É assimilado pelas massas; é apreciado como espetáculo, através de imagens veiculadas pela televisão. É um fenômeno produzido com as mais altas tecnologias criando a beleza do gesto técnico, buscando a imagem mais que espetacular, mas tornou-se também um grande negócio, econômico e ideológico. Desta forma, o esporte adquiriu mais uma característica, ao associar-se com as relações mercadológicas e a espetacularização das imagens, ganhando

³³ Adauto, Flávio. *O futebol da cidade não morreu só mudou de lugar.*

*requisitos de um show de entretenimento. O futebol é o maior exemplo dessa transformação do esporte.*³⁴ (COSTA, 1999, p.74)

A Copa do Mundo de 94, disputada nos Estados Unidos, “movimentou no Brasil cerca de US\$ 180 milhões de forma direta, através das transmissões de televisão, e US\$ 450 milhões em publicidade³⁵.” (COSTA, 1999, p. 89) Além disso, o interesse econômico era tão grande que jogos eram disputados sob um calor de 30°, somente porque o horário beneficiava os patrocinadores. O jogo em si ficou em segundo plano, naquela ocasião.

O fato de considerar o futebol como espetáculo aumentou com o espaço que era dado a esse esporte nos jornais. A crônica contribuiu para isso, com uma natureza híbrida entre literatura e jornalismo, serviu para aumentar o destaque que foi dado ao esporte bretão. Nisso, Nelson Rodrigues é praticamente insuperável. “Em suas crônicas, Nelson Rodrigues quase desliga o futebol da vida real e o coloca numa dimensão de eternidade. Transforma as pessoas em personagens fascinantes, quase que heróis míticos. Mesmo que o leitor não tenha muitas informações sobre elas, acaba inevitavelmente atraído por seus dramas pessoais³⁶.” (COSTA, 1999, p. 189)

A literatura, através da crônica, contribui de forma significativa para a espetacularização do futebol. A expressividade da linguagem literária faz com que o leitor seja tocado de forma mais subjetiva, desta forma, é comum os atletas tornarem-se modelos de referência, de desejo, enfim de serem idolatrados. Os jogadores apropriam-se da imagem de mito que lhes é dada. O futebol alimenta o imaginário do torcedor, que, por sua vez, se identifica com o jogador, criando dessa maneira, o mito. Edson Arantes do Nascimento nunca deixará de ser Pelé, por exemplo, assim como Artur Bernardes Coimbra será eternamente Zico. A mitificação contribui para a massificação do esporte, construindo valores culturais e pondo outros em pauta. Debord (1997) chama a atenção para os exageros da mídia em relação ao espetáculo: “O espetáculo nada mais seria que o exagero da mídia, cuja natureza, indiscutivelmente boa, visto que serve para comunicar, pode às

³⁴ Camargo, Vera Regina Toledo. *Elementos para uma concepção de cultura de massa*.

³⁵ Melani, Ricardo. *O futebol e a razão utilitarista*

³⁶ Antunes, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. *Nelson Rodrigues e a emancipação do homem brasileiro: de viralatas e moleque genial*.

vezes chegar a excessos”(p.171). E os excessos cometidos pelos meios de comunicação colocam o espectador em dúvida.

“O problema é que na atualidade, o espetáculo mais do que modifica a visão que temos das coisas: o espetáculo se tornou a essência das coisas. Futebol não é mais o que chamávamos de futebol, assim como a música não é mais o que chamávamos de música. Futebol é o que o espetáculo mostra como sendo futebol(...)a coisa se transformou na sua irrealidade, ou a irrealidade se transformou na coisa”. (COSTA, 1999, p.109)

No sentido que está sendo mostrado, o futebol é um espetáculo controlado, na medida em que está preso ao código e padrão das empresas que promovem o show, como as emissoras de televisão. Para Debord (1997), “a realidade surge no espetáculo, e o espetáculo é real. Essa alienação recíproca é a essência e a base da sociedade existente” (p.15). Existe uma manipulação total dos espectadores, dos atores e do próprio palco do futebol. “A mídia permite que isso ocorra e, metaforicamente, é exatamente o que todos tentam diariamente: o esforço da luta empreendida pelo ‘guerreiro’ na tentativa de ‘matar dragões’. É simbolismo puro injetado, ao vivo, diretamente no imaginário de muitos consumidores³⁷”. (COSTA, 1999, p. 240) Além de ser apresentado ao vivo, o futebol é tema de diversas “mesas redondas” nos domingos, de programas esportivos em todos os canais de televisão aberta, de blocos inteiros de jornal, e, em época de Copa do Mundo, mais da metade da programação da emissora é sobre o evento. Qual outro assunto tem tanto espaço na mídia?

O futebol é mostrado como fórmula fácil de ascensão social, os noticiários mostram como os jogadores tinham de pegar ônibus no início de suas carreiras e hoje desfilam em carros importados. As câmeras, nas transmissões dos jogos, abusam do close para mostrar o esforço dos jogadores. Tudo isso, com uma frequência cada vez maior. O futebol aparece nos horários nobres, nem sempre facilitando a ida do torcedor ao estádio, mas para atender a uma exigência comercial.

³⁷ Cavalcanti, Zartú Giglio. *O mito do “herói” e o Futebol*.

“O espetáculo apresenta-se ao mesmo tempo como a própria sociedade, como uma parte da sociedade e como instrumento de unificação. Como parte da sociedade, ele é expressamente o setor que concentra todo o olhar e toda a consciência. Pelo fato de esse setor estar separado, ele é o lugar do olhar iludido e da falsa consciência: a unificação que realiza é tão-somente a linguagem oficial separada”(DEBORD, 1997,p.14).

Os torcedores não são mais vistos como meros espectadores, são consumidores de um espetáculo produzido.

“No espetáculo futebolístico, o torcedor é espectador e ator ao mesmo tempo. Espectador, porque não participa fisicamente do que se passa em campo. Ator porque a ‘torcida’(a discussão acalorada, o arrebatamento, enfim a maneira como o espectador desempenha o seu papel) faz parte necessária do show” (SODRÉ, 1981, P.141).

Como “parte necessária” do show, a torcida passa a se apropriar da imagem de seus clubes. É preciso vestir a camisa do clube, levar a bandeira para o estádio. O futebol não teria graça se não tivesse o dia seguinte, quando os torcedores adversários encontram-se para discutir o sucesso ou o fracasso do time na rodada do dia anterior. O maior exemplo do envolvimento da torcida com o futebol é a criação das torcidas organizadas.

“A alienação do espectador em favor do objeto contemplado (o que resulta de sua própria atividade inconsciente) se expressa assim: quanto mais ele contempla, menos vive; quanto mais aceita reconhecer-se nas imagens dominantes da necessidade, menos compreende sua própria existência e o seu próprio desejo. Em relação ao homem que age, a exterioridade do espetáculo aparece no fato de seus próprios gestos já não serem seus, mas de um outro que os representa por ele. É por isso que o espectador não se sente em casa em lugar algum, pois o espetáculo está em toda parte.”(DEBORD, 1997, p.24)

O espetáculo aliena, confunde jogadores com mitos, torcedores em espectadores. O “racha” ou a “pelada” deixaram de ser reuniões simples entre amigos nos fins de semana. Passaram a ser extensões da ideologia de uma sociedade que se rendeu ao espetacular. Na sociedade do espetáculo “a mercadoria contempla a si mesma no mundo que ela criou”.(DEBORD, 1997, p. 35)

A mídia espetacularizou o futebol. Os indivíduos tiveram de se render ao espetáculo, não porque devam obedecê-lo, mas por ser a linguagem do espetáculo que lhes foi ensinada. “Ele (o indivíduo) pode querer repudiar essa retórica, mas vai usar a sintaxe dessa linguagem. Eis um dos aspectos mais importantes do sucesso obtido pela dominação espetacular”. (DEBORD, 1997, p.191)

O olhar da mídia cada vez mais desvia para o futebol como espetáculo. O torcedor, visto como figura imprescindível para que o futebol pudesse ser realizado, está sendo deixado para o lado. Visto como mero consumidor o que importa agora é fazê-lo comprar e não torcer. O jogador é visto como uma mera mercadoria, hoje são raros os jogadores que têm a sua imagem associada aos clubes, como no passado onde ficaram consagrados, por exemplo, o Santos de Pelé, o Botafogo de Garrincha ou o Palmeiras de Ademar da Guia.

O domingo já não tem a sua imagem associada ao futebol. Devido à necessidade mercadológica os clássicos acontecem cada vez com mais frequência, os jogadores fazem três partidas por semana, o futebol parece estar perdendo o encanto que tinha no passado. Não se vêem mais os estádios cheios, os craques do time não criam uma identidade com a torcida e logo são vendidos para que os clubes lucrem.

Mesmo com a dimensão espetacular e uma aparente perda do interesse por parte dos torcedores, o futebol continua sendo tema da obra de alguns autores. É o caso de Luís Fernando Veríssimo, cuja obra será analisada no próximo capítulo.

3. Crônica e futebol na produção de Luís Fernando Veríssimo.

3.1. O versátil escritor

O gaúcho Luís Fernando Veríssimo não herdou só o sobrenome do pai famoso, o também escritor Érico Veríssimo³⁸. A sua carga genética também trouxe o talento para a literatura. Hoje, Veríssimo é um dos maiores representantes da crônica no Brasil, ao lado de Carlos Heitor Cony, José Simão, entre outros. Escreve diariamente textos para os jornais *O Globo* e *Jornal do Brasil*, ambos do Rio de Janeiro, e *Zero Hora*, de Porto Alegre. Seus textos destacam-se não somente por serem publicados em vários periódicos, mas por um estilo bem particular de escrever, combinando humor, ironia e crítica sutil. O escritor, como todo cronista, costuma aproximar fatos distantes, que passaram despercebidos pelos olhos dos leitores, da realidade. O “olhar verissimiano” não enxerga o óbvio, mas o que está por trás dele.

Veríssimo é jornalista, tendo iniciado a sua carreira no jornal *Zero Hora*, em 1967, como copidesque. Em 1970, foi para a *Folha da Manhã*, gazeta da capital paulista. A experiência jornalística o influenciou na forma de escrever as crônicas, geralmente breves e de frases curtas e incisivas. Hoje, quase toda a produção de Luís Fernando Veríssimo é voltada para o gênero. Foi através da crônica que alguns de seus personagens ficaram conhecidos, como o detetive Ed Mort, o Analista de Bagé ou a Velhinha de Taubaté. Vários livros de coletâneas de crônicas fazem parte da sua produção. As mais conhecidas coletâneas, talvez, sejam as *Comédias da Vida Pública* e *Comédias da Vida Privada*, esta teve várias crônicas adaptadas para TV pela Rede Globo. Além dessa experiência de adaptar seus textos para a televisão, Veríssimo já havia emprestado seus textos à TV Pirata, antigo programa humorístico da Rede Globo, e Ed Mort já se havia transformado em personagem do cinema. O último lançamento de Veríssimo é também uma coletânea de crônicas, “As Mentiras que os Homens Contam”.

O escritor também escreveu romances. *O Jardim do Diabo* foi sua primeira investida como romancista. Um dos livros mais conhecidos, dentro desse gênero literário, é *O Clube dos Anjos*, lançado em 1998, pela editora Objetiva. Esta obra, durante alguns meses, ficou

³⁸ Érico Veríssimo foi autor de obras como *O tempo e o vento*, *O prisioneiro* e *Incidente em Antares*.

na lista das mais vendidas da revista Veja. Recentemente, Veríssimo lançou outro romance intitulado “Borges e os Orangotangos Eternos”, pela Companhia das Letras. Nos romances o estilo continua o mesmo. Um teor humorístico e cheio de críticas a alguns costumes da sociedade.

Luís Fernando Veríssimo também é autor de quadrinhos, criando personagens como “As Cobras” e “Família Brasil”. “As Cobras” são tiras publicadas durante muito tempo em vários jornais do país, mas extintas em 1999.

Jornalista, cronista, escritor, roteirista e quadrinhista são algumas das suas atribuições. Devido ao seu estilo sempre crítico e inteligente, Luís Fernando Veríssimo já ganhou vários prêmios, como o de Intelectual do Ano, em 1997, a medalha de Resistência Chico Mendes e o de Isenção Jornalística.

Torcedor do Internacional de Porto Alegre, Luís Fernando Veríssimo destina uma parte da sua produção ao futebol, como na coletânea lançada em 1999 *A Eterna Privação do Zagueiro Absoluto*, de onde destacamos 12 crônicas para o presente trabalho.

3.2. A Eterna Privação do Zagueiro Absoluto

Em 1999, a Editora Objetiva lançou uma seleção das crônicas de Luís Fernando Veríssimo. Para isso criou o selo “Vide Veríssimo”, e publicou três coletâneas: *Histórias Brasileiras de Verão*, *Aquele Estranho Dia que Nunca Chega* e *A Eterna Privação do Zagueiro Absoluto*. Os textos foram publicados nos jornais para os quais Veríssimo escreve, no período de agosto de 1997 a setembro de 1999.

Histórias Brasileiras de Verão é uma coletânea das crônicas sobre o cotidiano. No livro estão histórias da vida íntima e dos contratempos que o brasileiro passa a cada dia. Um retrato divertido sobre as manhas e manias da sociedade brasileira. *Aquele Estranho Dia que Nunca Chega* traz textos sobre política e economia. Passando entre as promessas não cumpridas e a eterna promessa de país do futuro, Veríssimo leva o leitor a refletir sobre questões atuais. Já *A Eterna Privação do Zagueiro Absoluto* é uma coletânea das crônicas sobre futebol cinema e literatura.

Em suas 196 páginas – a maior parte delas dedicada ao futebol –, o escritor mostra o olhar vibrante sobre o esporte bretão e revela os seus “eleitos” nos campos da literatura e do

cinema. Nas crônicas sobre futebol, fica preso à realidade, somente em alguns textos faz referência ao futebol do passado, a chamada época áurea do esporte no Brasil. Diferentemente do que faz nas crônicas sobre literatura e cinema, onde se percebe um olhar mais saudosista. O autor não faz muita referência a autores e cineastas do presente. Sobre cinema, fala de Hitchcock, Marcelo Mastroianni, o clássico Casablanca. Na parte dedicada à literatura cita Hemingway, Shakespeare e até seu pai, Érico Veríssimo. Citar os produtores do passado não revela uma natureza descompromissada de Veríssimo com o presente, mas uma crítica ao que é produzido atualmente.

Em *A Eterna Privação do Zagueiro Absoluto*, estão 41 crônicas sobre futebol. Destas, foram selecionadas doze³⁹. O critério utilizado na seleção foi o de não especificar um tema só, por exemplo, uma parte do livro é totalmente dedicada à Copa do Mundo de 1998. Nesse trecho, encontram-se textos interessantes de serem analisados, se levado em consideração o fato de a crônica ter um vínculo com a atualidade. É uma espécie de cobertura da Copa por um cronista. No entanto, se apenas crônicas dessa parte fossem analisadas, outros aspectos do gênero em questão não o seriam. Por isso, foi necessário diversificar a seleção, escolhendo crônicas mais gerais sobre o futebol, que tratam da presença marcante da prática esportiva no cotidiano da sociedade, e também textos que fazem referência à fase de relato histórico da crônica. O fato de o livro, na seção referente a futebol, está dividido em quatro partes – *Fome de bola*, *O que elas têm a ver com isso*, *Homens em campo* e *Um brasileiro na Copa* – facilitou na escolha das crônicas. Portanto, na seleção vai ser possível encontrar variadas formas de tratar o futebol.

Entre as crônicas selecionadas estão as que tratam da influência do futebol no cotidiano do povo brasileiro: *Sexo e Futebol*, *A Importância Relativa das Coisas* e *Choque Cultural*. Em *Talento e Superstição*, pode-se encontrar os traços característicos de jogadores e torcedores no Brasil. A crônica como relato histórico dos fatos ocorridos, pode ser verificada em *Garrincha*. E, por fim, a seleção retrata as crônicas de Luís Fernando Veríssimo nos jogos que antecederam a Copa do Mundo de 1998, realizada na França, e as partidas do mesmo evento esportivo: *Os Canhotos*, *O Choque*, *A Lógica*, *Os Dungas*, *A Elegância dos Escoceses* e *À Grande Vitesse*.

³⁹ As crônicas selecionadas, na íntegra, estão nos anexos deste trabalho.

Conhecendo a estrutura de *A Eterna Privação do Zagueiro Absoluto*, bem como os critérios de seleção das crônicas, vamos analisar a produção de Luís Fernando Veríssimo, levantando aspectos estilísticos do autor, procurando verificar quais traços da crônica, citados no primeiro capítulo podem ser encontrados nos textos do autor, e, ainda, observar os aspectos do futebol como espetáculo.

3.3. O estilo verissimiano

Antes de entrarmos propriamente na análise das crônicas selecionadas, cabe traçarmos algumas características gerais das obras de Luís Fernando Veríssimo. Seu texto é marcado pela crítica sutil, ironia e geralmente leva ao riso fácil. O cronista escreve com naturalidade e procura aproximar os assuntos comentados de algo mais próximo do universo do leitor. Esta característica do seu estilo é encontrada em crônicas como *Talento*, *Os canhotos* e *À grande vitesse*.

Uma marca que parece provir da sua experiência como jornalista é o uso das frases curtas e em ordem direta. O jornalismo dá prioridade a este tipo de construção para poder facilitar o entendimento do fato noticiado e tornar o produto jornalístico mais universal. Veríssimo utiliza o recurso, mas não fica preso à objetividade do jornalismo. As marcas de literatura estão presentes na crônica de Veríssimo. O jogo das frases, que dá uma dinâmica e sonoridade ao texto, é constante nas crônicas do autor. Por exemplo, *Sexo e Futebol*, quando ele faz uma comparação entre os dois assuntos e dá uma sonoridade ao texto através do recurso da repetição de termos. As críticas quase sempre são deixadas para o final das crônicas e geralmente o autor as faz de maneira sutil. O uso de adjetivos para caracterizar uma opinião não é tão marcante na produção de Veríssimo. Ele prefere criticar ironizando fatos e personagens. A ironia é uma presença constante nos textos do cronista gaúcho. Às vezes, o teor irônico é tão sutil que confunde os leitores. Por exemplo, não é possível determinar se as constantes referências a Dunga em suas crônicas retratam admiração pelo estilo de jogar do capitão da seleção, ou uma crítica ao futebol atual, mais parecido com o estilo sério de jogar de Dunga, do que com a molecagem divertida de Garrincha.

Outra característica marcante nos textos do cronista gaúcho: a interação com o leitor. São várias as vezes em que faz perguntas, não somente para questionar o leitor, como também a fim de que o seu interlocutor compartilhe com a idéia proposta. Um dos exemplos mais fortes desta tentativa de interação é encontrada em *Garrincha*, uma crônica em que o autor convoca o leitor a compartilhar das lembranças da época em que o Brasil sagrou-se bi-campeão mundial de futebol, em 1962, no Chile. Ao interagir com o público, Veríssimo aproxima-se e ao mesmo tempo distancia-se do jornalismo. Chega próximo porque ressalta o fato de que o jornalista preocupa-se com o público. Cremilda Medina chama a atenção para esta marca jornalística, ao dizer que o campo tem um compromisso com o leitor e não pode abstrai-lo. Veríssimo, além de não abstrair o leitor, procura manter um diálogo com ele. Essa interação também aproxima a linguagem utilizada da literatura, pois essa inter-relação é possível no campo literário. O jornalismo propõe a imparcialidade, é o espectador quem deve tirar as conclusões. Isso não ocorre quando o autor dos textos é Luís Fernando Veríssimo.

Pessoalidade é outra marca da produção verissimiana. Aliás, a personalidade é uma das características que marcam a crônica como gênero, em Veríssimo a marca é bem explícita. Os textos que buscam criticar algum fato ou pessoa, geralmente, são escritos em primeira pessoa e o autor deixa transparecer a sua opinião. Nas crônicas em que essa personalidade não está explícita, Veríssimo utiliza o recurso de contar uma história, aproximando-se da produção de um contista. Muitas dessas crônicas-conto, categoria proposta por Massaud Moisés, fazem parte da produção do autor. Algumas delas serão analisadas, como *Choque cultural* e *A importância relativa das coisas*.

Um ponto importante a ser levado em consideração é: a crônica, graças a seus traços literários, oferece ao produto jornalístico um tempo de vida maior. As crônicas não morrem de um dia para o outro, permanecem. O livro analisado não precisa a data exata em que cada crônica foi publicada – sabe-se somente do período -, mas se os textos citados forem lidos hoje, percebe-se: não houve uma perda da atualidade. Vale ressaltar que nem tudo aquilo que é atual é perecível.

Um ponto chama atenção da produção de Veríssimo como cronista de futebol, ele não utiliza com freqüência termos ligados ao esporte. Nisto, o autor difere de outros cronistas que marcavam suas produções por inventarem termos e categorias para jogadas e atletas.

Através dos cronistas surgiu a “domingada”, a palavra “clássicos” passou a significar os confrontos entre os grandes times, Pelé virou “Rei” e Didi assumiu a majestade de “príncipe etíope”. Veríssimo não faz neologismos para o futebol, prefere usar a linguagem mais próxima do leitor, possibilitando àquele que não entende de futebol o mesmo prazer dos que são profundos conhecedores no assunto.

Outro ponto a ser levado em consideração são as classificações propostas pelos autores, citadas no primeiro capítulo. Veríssimo propõe uma classificação cujo critério é a qualidade da crônica. No entanto, não estabelece parâmetros que determinem a qualidade de um texto desse gênero. Em apenas uma das categorias, a crônica curta, ele diz que se trata de uma crônica curta. A classificação merece ser repensada. Já que o critério é a “qualidade”, uma crônica seria uma categoria menor, no entanto não é tamanho de uma crônica que determina a sua qualidade. Por ter traços de literatura, o texto pode provocar reações diferentes em seus leitores, o que determinará uma maior, ou menor, qualidade.

Outra classificação é a de Massaud Moisés. O autor propõe as categorias: crônica-conto e crônica-poesia. Nesta categoria, os critérios usados são a ênfase no “eu-lírico”, o recurso do uso de versos e a estrutura de um poema para escrever a crônica, por exemplo. A produção de Veríssimo não tem muitos casos de crônicas-poesia. Na obra da qual foram selecionadas as crônicas, não há nenhum caso de texto dessa categoria. Algumas crônicas analisadas não se encaixam na categoria de conto, o que impossibilita de classificá-las, segundo a proposta de Moisés.

Estas considerações sobre as propostas de classificação são necessárias, pois buscar-se-á enquadrar as crônicas analisadas somente nas categorias que mais se adequarem.

Conhecidos os aspectos gerais do estilo verissimiano de escrever, verificaremos individualmente as crônicas escolhidas para poder analisar outros aspectos do cronista e do próprio gênero.

3.4. O brasileiro e o futebol

Parafraseando a música: “Quem não gosta de futebol bom sujeito não é, ou é ruim da cabeça ou doente do pé”. O futebol, apesar de ter sido inventado pelos ingleses, é considerado um produto genuinamente brasileiro. Em época de Copa do Mundo, por

exemplo, todo o país se envolve, independentemente daqueles que torcem contra ou a favor da seleção. Os jogadores do escrete nacional são verdadeiros guerreiros que estão lá, acima de tudo, para defender a honra do Brasil. Em qualquer outra época não se vê uma manifestação tamanha em favor da pátria. O Hino Nacional é cantado, a Bandeira do Brasil é hasteada, vira vestimenta do torcedor. Isso acontece a cada jogo da seleção Canarinho, mas também todos os finais de semana, quando, nos campeonatos nacionais ou regionais, as torcidas se dividem. Nações de torcedores vão aos estádios incentivar seus guerreiros.

3.4.1. Choque cultural

Luís Fernando Veríssimo, em *Choque Cultural*, comenta os sacrifícios de um casal um tanto diferente:

“Todos ficaram preocupados quando o Márcio e a Bete começaram a namorar porque cedo ou tarde haveria um choque cultural. Márcio era louco por futebol. Bete só sabia que o futebol se jogava com os pés, ou aquilo era basquete? Avisaram a Bete que para acompanhar o Márcio era preciso acompanhar a sua paixão e ela disse que não esquentassem, iria todos os dias com o Márcio ao Beira Mar, se ele quisesse.

-Beira Rio, Bete...”(vide anexo 1)

Nesta crônica, Veríssimo mostra o quanto o brasileiro, gostando ou não de futebol, vive envolvido pelo esporte bretão. Levando em consideração a classificação proposta por Massaud Moisés, podemos classificar *Choque cultural* como crônica-conto. O cronista assume a condição de narrador, não interfere na estória. A crônica está basicamente construída através do diálogo entre Márcio e Bete durante o jogo de futebol. O que mostra o distanciamento do autor com o fato. Limita-se a narrá-lo e não comentá-lo. Desde já, observa-se que a crônica, como gênero híbrido entre jornalismo e literatura, não visa à mera informação. Muitas vezes a crônica faz rir, ou emociona, como em um texto literário. Além disso, percebe-se a atualidade em que o texto está inserido. Casais de namorados são imagens freqüentes em transmissões de futebol. Pode ter sido a partir de uma dessas imagens que o autor inspirou-se para escrever a crônica citada.

Interessante observar que o cronista refere-se à relação de Márcio com o futebol como “paixão”. Em nenhum instante na crônica percebemos uma grande afetividade do torcedor com a sua namorada. No entanto, está retratado o nível de envolvimento entre o torcedor e seu time: “Márcio era louco por futebol”. Os termos usados por Veríssimo falam de loucura, paixão, sentimentos que tiram as pessoas de sua sã consciência. O cronista escreve sobre a relação de amor entre torcedor e o clube e como isto acaba interferindo na vida particular. Tanto que para poder “acompanhar Márcio era preciso acompanhar a sua paixão”.

Segundo a classificação proposta por Luís Beltrão, *Choque Cultural* é uma crônica satírico-humorística. Nesta categoria, a crônica tem por objetivo entreter, através da criação de personagens, no caso, o casal Márcio e Bete: ele um fanático pelo Internacional, ela não sabe sequer as regras do esporte, mas se vê obrigada a assistir ao jogo por amor ao namorado. Visão caricatural do fato, com o intuito de divertir o leitor.

Presença constante em *Choque Cultural* são os traços de oralidade, como no trecho “ou aquilo era basquete?”. O autor procura estabelecer um diálogo com o leitor, inclusive lhe fazendo perguntas. Ele relata como o brasileiro pensa que, por ser o futebol o esporte mais popular do país, todos devem necessariamente estar envolvidos com essa modalidade esportiva. Conclui assim a história de Bete e Márcio:

“-O juiz apita?! - perguntou Bete, com os olhos arregalados.

- É. O juiz sopra um apito. Aquilo que ele tem pendurado no pescoço é um apito.

- Ah.

Bete sentiu-se aliviada. Por alguns instantes, a idéia do homem que apitava, sabia-se lá por que mecanismo insólito, quando lhe acenavam com uma bandeira, parecia sintetizar toda a estranheza daquele ambiente em que se metera, por amor. Ele não apitava. Soprava um apito. Era diferente”.(vide anexol)

As frases curtas são outra característica de *Choque Cultural*. Uma marca do texto jornalístico presente na crônica. Geralmente frases de sujeito, verbo e predicado, assim como sugere a objetividade jornalística. No entanto, essa marca jornalística não diminui as

qualidades literárias do texto, afinal trata-se de uma história inventada, nada a ver com o compromisso que o jornalismo tem com os fatos reais. As categorias em que a crônica foi inserida mostram essa aproximação com a literatura. Primeiro, classificamo-la como crônica-conto, o que já retrata a proximidade. Depois, como satírico-humorística, cujo objetivo principal é entreter o leitor através da sátira. O jornalismo tem como função principal a informação, o entretenimento é função de outro campo, apesar de alguns autores considerarem o divertimento como função jornalística. As frases curtas são seqüenciadas, como no final da crônica, justamente para dar um ritmo à estória.

3.4.2. A importância relativa das coisas

O futebol faz parte do dia-a-dia do brasileiro não somente por causa das transmissões pela TV ou rádio. Os rachas, ou peladas, são compromissos da agenda de muitos cidadãos. Exemplos disso são os campeonatos de várzea, disputados por vários times, geralmente formados por amigos ou vizinhos, que se reúnem para jogar nos finais de semana. A mídia, ao transformar o futebol em espetáculo, contribuiu para a popularização do esporte. Apesar de estar em todos os noticiários, e o brasileiro falar dos resultados dos jogos nas rodinhas de conversa com os amigos, o futebol tem a sua aura de espetáculo estendida ao campo do lazer. O futebol não é mais uma simples prática esportiva. Transcende isso e cria valores nas pessoas.

O futebol deixa de ser simples lazer de fim de semana e encarna muitos conflitos sociais, em várias crônicas de Luís Fernando Veríssimo. Numa delas, intitulada *A importância relativa das coisas*, o autor mostra o quanto o brasileiro está ligado ao futebol, deixando de lado inclusive o casamento.

“O futebol dos sábados no sítio do Magalhães tinha começado como uma brincadeira, uma maneira de abrir o apetite para o almoço. As mulheres ficavam na piscina enquanto os homens jogavam num campo improvisado, que não tinha nem goleira. Três, no máximo quatro de cada lado. Na hora do almoço o jogo parava. Depois o futebol não era nem assunto entre os casais. Com o tempo, o grupo de convidados para o almoço dos sábados começou a aumentar, e o futebol também. Magalhães ampliou o gramado

e colocou goleiras. Os times se repetiam e aos poucos foram adquirindo uma identidade. Não demorou muito, tinham uniforme, flâmula e até bandeira. Mesmo assim a Marta só descobriu como a coisa ficara séria quando tentou interromper uma partida porque estava atrasando o almoço e foi corrida de campo pelo marido, o Sales. Pediu o divórcio na semana seguinte, embora o Sales negasse que estivesse tentando acertá-la com um pontapé, irritado com a intromissão, já que seu time estava perdendo.”(vide anexo 2)

Em mais uma crônica-conto, Veríssimo trata dos conflitos que o futebol provoca na sociedade. Percebe-se o distanciamento do narrador e que ele limita-se a narrar um fato. Além disso, a estrutura de *A importância* é de um conto, não se observam interferências do autor na narrativa, para comentar fatos ou atitudes dos personagens.

Observa-se uma marca estilística: utilizar termos que já caíram em desuso. Como é o caso de “goleiras” para se referir às traves no jogo de futebol. Isso serve, de certa forma, para mostrar que o autor já tem alguma experiência dentro do futebol. O título da crônica retrata como algumas pessoas, dão importância ao futebol, esquecendo até o seu casamento. Além disso, ele mostra em seu texto como o futebol é um espaço de democratização da sociedade. Todos, ricos ou pobres, negros ou brancos, são simplesmente jogadores. Não há a defesa da raça -como acontecia nas décadas de 30 e 40, quando o racismo era uma realidade dentro do esporte -, mas da camisa de um clube.

“Num certo sábado, ela viu um bando de meninos seminus atravessando o gramado correndo e pular na piscina onde – não que ela fosse racista, mas francamente! - nunca entrara alguém com pele escura a não ser pela razão do bronzeador. Uma invasão! Ela já ia chamar a polícia quando o Magalhães explicou que eram os filhos do Gedeão, segurança da firma, que ele convocara para reforçar a defesa do seu time. Ela que se acostumasse, o Gedeão e os filhos estariam almoçando lá todos os sábados. Precisava do Gedeão para o meio da zaga.”(vide anexo 2)

Interessante observar em *A importância relativa das coisas* que, apesar de estar referindo-se a uma partida de futebol, Veríssimo não usa termos corriqueiros do esporte. Por exemplo, no início o futebol nos sábados, quando o comum seria dizer “pelada” ou “racha”. Em uma única vez em que o autor foge desta característica é quando usa o termo zaga para se referir ao setor defensivo da equipe.

A crônica de Luís Fernando Veríssimo, que trata do cotidiano, apresenta uma linguagem bem simples, sem ardeios, permitindo que todos possam entendê-la. Apesar de estarmos analisando crônicas especializadas sobre futebol, Veríssimo sempre busca aproximar o tema da realidade das pessoas.

Se buscarmos classificar, segundo os critérios propostos por Luís Beltrão, *A importância relativa das coisas* é satírico-humorística, visto que usa personagens e tem como objetivo principal entreter, e não informar. Através da estória da Liga dos Sábados, Veríssimo ridiculariza situações de casais que têm de conviver entre duas instituições: o futebol e o casamento. Em ambas é preciso compromisso e dedicação, no entanto quando muita atenção é dedicada a uma dessas instituições a outra acaba sendo deixada à parte. O cronista assim retrata a importância dada ao futebol:

“Numa espécie de galpão ao lado da piscina, Magalhães instalou o que se chama de ‘a Federação’, a sede da ‘Liga dos Sábados’, e é ali que estão dois painéis, um dos ‘Campeões’, com fotografias dos times vencedores dos diversos torneios, e outros das ‘Caidas’, com as fotos das mulheres que não agüentaram. Há um terceiro painel, intitulado ‘Frouxos’, já que ‘Traidores’ foi considerado forte demais. Neles estão as fotos do Olimar e do Galvão, que cederam à pressão e abandonaram os seus times!”

3.4.3. Sexo e futebol

Uma das características mais marcantes do estilo verissimiano de escrever é o fato de não ir direto ao assunto a ser discutido. O autor procura envolver o leitor com uma história mais geral. A crítica geralmente é deixada para o último parágrafo da crônica. É assim que faz em *Sexo e Futebol*.

“No que se parecem: o sexo e o futebol?”

No futebol, como no sexo, as pessoas suam ao mesmo tempo, avançam e recuam, quase sempre vão pelo meio, mas também caem para um lado ou para o outro, e às vezes há um deslocamento. Nos dois é importantíssimo ter jogo de cintura. (...) Também dizem que uma das diferenças entre o sexo e o futebol é a diferença entre camiseta e camisinha. Mas a camisinha, como a camiseta, também não distingue, ela tanto pode vestir um craque como um mediocre.”(vide anexo 3)

Luís Fernando Veríssimo, durante todo o texto, procura fazer comparações entre o sexo e o futebol. Desta forma, aproximando o leitor de um assunto - o sexo – tão popular no imaginário coletivo quanto o futebol.

Em *Sexo e Futebol*, percebe-se: a conexão que é estabelecida entre o autor e o leitor. “No que se parecem: o sexo e o futebol?”, neste trecho Veríssimo convoca o leitor para debater essa questão. Um ponto a ser discutido é: para os que consideram a crônica como gênero jornalístico tem-se um exemplo claro de subjetividade. A crônica em questão foge completamente da objetividade do jornalismo. Apesar de, mais uma vez, constatarmos o uso de frases curtas e em sentido direto, característica comum à maior parte dos textos jornalísticos.

Durante todo o texto, verifica-se a repetição do termo “como no” para estabelecer uma ligação entre os dois campos que estão sendo comparados. O uso de repetições é um recurso bastante utilizado nos textos literários para dar ênfase a uma idéia. No caso da crônica em questão, o autor busca enfatizar a comparação entre sexo e futebol. A palavra no texto de Veríssimo perde a função de mero instrumento, ela tem um fim em si. Observa-se em crônicas como *Sexo e Futebol* uma expressão característica do jornalismo como gênero literário. Ao comparar estes campos, o cronista não está simplesmente informando o que há de comum entre eles, mas instiga o leitor a pensar sobre o fato de ser possível encontrar pontos comuns. Tanto que Veríssimo pergunta no início da crônica.

O estilo leve, característico da crônica, é muito marcante nos textos do cronista gaúcho. Até as críticas deixadas para o final dos textos, geralmente, são sutis. “No fim sexo e futebol só são diferentes, mesmo, em duas coisas. No futebol não se pode usar as mãos. E o sexo, graças a Deus, não é organizado pela CBF”. Veríssimo fez uma comparação entre os

dois campos com o propósito final de criticar a desorganização do futebol, comandado pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF). Crítica sutil, porém persistente, visto a completa desorganização, principalmente do calendário, no futebol brasileiro. Não só a CBF, mas também os meios de comunicação, leia-se televisão, são os responsáveis pela atual condição do futebol nacional. Jogadores são obrigados a jogar até três vezes por semana, provocando uma banalização do esporte e atendendo simplesmente a fins comerciais.

Sexo e futebol é uma crônica sentimental, tomando a classificação de Luís Beltrão, segundo o critério do tratamento dado ao tema. Segundo este autor, na crônica sentimental existe um apelo à sensibilidade do leitor, facilmente percebida no texto em questão. Veríssimo resalta aspectos pitorescos da relação entre sexo e futebol. Como, por exemplo, quando se refere à comparação entre camisinha e camiseta, tanto esta quanto aquela não há uma distinção: “tanto pode vestir um craque como um medíocre”.

3.5.O jogador e o torcedor

No Brasil, há uma identidade muito forte entre jogador e torcedor. Essa identificação acentuou-se a partir do advento dos meios de comunicação eletrônicos dentro do esporte. Primeiro foi o rádio, que trazia as emoções de uma partida através do ritmo acelerado dos narradores e comentaristas. Depois, intensificou-se com o advento da televisão, que trouxe, além da narração, a imagem. O torcedor aproximou-se da sua paixão. Um aspecto interessante de ser lembrado é que a primeira Copa do Mundo transmitida ao vivo pela TV foi a do México em 70. Justamente quando estava em campo o melhor time de todos os tempos. O torcedor tinha, pela primeira vez, a chance de acompanhar a seleção, e logo viu uma equipe espetacular. Razão para aumentar a identidade entre o torcedor e seus ídolos. Com o passar dos tempos, a relação com os meios de comunicação se intensificou e cada vez mais o jogador vinha se tornando um mito, cujos passos devem ser seguidos. Às vezes características divinas ou sobrenaturais lhe são atribuídas. No passado havia o Rei Pelé, o Príncipe Didi, hoje existem o Edmundo Animal e o Gênio Romário. Os atletas estão em um nível superior ao ser humano e o futebol, mais do que uma prática esportiva, passou a ser uma religião.

Os devotos do futebol não costumam perder um jogo, acompanham a classificação do campeonato, quem está em alta ou decadente. Ir ao estádio aos domingos faz parte desse ritual, mas o ritual também é permeado de comportamentos esdrúxulos. Por exemplo, muitos clubes têm um pai de santo, que faz uma prece antes de cada partida para “abençoar” o seu time. Os jogadores fazem o sinal da cruz quando entram em campo. O campo é o altar, os jogadores são os párocos. A religião-futebol influencia os hábitos tanto dos que estão em campo, quanto dos torcedores. Os aspectos que envolvem a divindade do jogador brasileiro, a paixão e os rituais do torcedor fazem parte da produção de Luís Fernando Veríssimo.

3.5.1. Talento

Um dos aspectos diferenciais do futebol em relação aos demais esportes é o fato de ser jogado com os pés. O ser humano é por natureza mais ágil com as mãos. Os pés aparentemente só servem para se locomover. A não ser que alguém tenha uma deficiência, mas as tarefas hábeis são realizadas com as mãos, desde um simples teclar no computador ao malabarismo de artistas circenses. Com os membros inferiores o imprevisível parece mais difícil. No entanto a intimidade que o jogador brasileiro tem com a bola nos pés impressiona. É justamente a diferença da intimidade que distingue os craques dos medíocres. A capacidade de driblar, ou seja, de fazer malabarismo com a bola nos pés, consagrou o jogador brasileiro em todo o mundo. Garrincha tornou-se célebre por seus dribles com a camisa sete do Botafogo. Com suas pernas tortas, parecia fazer dançar o jogador adversário em imagens que entraram para a história do esporte bretão. Uma das cenas mais lembradas da Copa de 70 é a de um drible que Pelé deu em Masurkievsk, goleiro da seleção uruguaia. Rivelino, também jogador da inesquecível seleção do tri-campeonato, inventou o “elástico”, drible que deixava o adversário sem reação. O jogador brasileiro tem o diferencial da habilidade, eis o porquê de muitos o considerarem o melhor do mundo. Os estudiosos do futebol dizem que o drible, a ginga do atleta brasileiro, veio da capoeira, espécie de lutas dos escravos em que as armas eram os seus pés. Independentemente de onde vem a habilidade, o fato é: a maior parte dos jogadores

nacionais parece ter um pacto com forças sobrenaturais para fazer o que conseguem com os pés.

Luís Fernando Veríssimo levanta a questão da forma de jogar do brasileiro fazendo uma relação com o aumento do número de Atletas de Cristo⁴⁰ dentro do futebol. Cada vez mais aspectos religiosos são percebidos dentro do futebol, como jogadores que levantam seus uniformes e mostram mensagens religiosas em camisetas.

“(...) dizem que o fenômeno dos atletas devotos melhorou o nível da disciplina no futebol, e se alguns esquecem Cristo e entram por cima da bola, isto só prova que o caráter, ou o instinto de preservação, às vezes é mais forte do que a fé – ou que o Satanás não desiste com facilidade. Mas fica difícil entender o hábito, que também cresce entre os jogadores (pelo menos os entrevistados), de invocar Cristo para explicar uma vitória do time ou agradecer ao sucesso pessoal, muitas vezes às custas do sucesso de outro crente. Os Atletas de Cristo apresentam ao seu Deus o mesmo dilema que os capelães militares em tempo de guerra: a quem entender, a quem dar a vitória, já que o apelo é igual e todos são devotos?” (vide anexo 4)

Veríssimo mais uma vez utiliza o recurso de tratar de um assunto para comentar outro. Neste caso, utilizou o aumento do número de atletas evangélicos no futebol para discorrer sobre o gol que Ronaldinho, o gaúcho, fez contra a Seleção da Venezuela, durante a Copa América de 1999, disputada no Paraguai. Interessante observar que o cronista não utiliza termos futebolísticos para descrever o gol. Na linguagem corriqueira do futebol assim seria descrita a jogada de Ronaldinho: recebeu a bola deu um “chapéu”, driblou um adversário e soltou uma bomba. Veríssimo prefere não fazer referências a termos desse tipo, é uma forma de aproximar a crônica de um leitor que não entenda tanto do esporte.

“Mas fiquei pensando tudo isso depois de ver, e rever, e rever Ronaldinho, não sou o novo, fazer aquele gol contra a Venezuela. Não sei se ele já se declarou Atleta de Cristo, mas parece evidente que algum tipo de entendimento o

⁴⁰ Movimento nascido no Brasil e criado oficialmente em dezembro de 1981. É formado por atletas evangélicos de todas as modalidades esportivas.

menino tem com as forças do alto. Ainda lhe falta corpo, mas é só o que lhe falta. E talvez a ajuda será dispensável. Ou muito nos enganamos ou o dele é o tipo do talento que não precisa de parceria”.

O antológico gol de Ronaldinho serviu de pretexto para Luís Fernando Veríssimo criticar a postura dos jogadores de futebol de invocar Cristo para explicar o sucesso ou a derrota de seu time. Ele refere-se a essa questão contrapondo-a com uma visão particular. “Meu único sentimento com relação às pessoas religiosas é o de inveja: quem me dera um universo arrumado assim, com uma explicação e um centro”.

É interessante observar em *Talento* a marca de personalidade da crônica, escrita em primeira pessoa. A impessoalidade, característica do texto jornalístico, não se apresenta na crônica neste caso. O autor dá uma ênfase ao eu, é a sua visão particular do acontecido. No entanto, o autor parte de algo factual - o gol marcado contra a Venezuela - para fazer a crítica. Marcas de jornalismo, atualidade, e de literatura, personalidade.

Novamente, Veríssimo utiliza o recurso da repetição para enfatizar uma idéia: “ver, rever e rever”. Pode o cronista está criticando a repercussão excessiva que teve o gol na mídia. O jogador é exposto, parece transcender do plano natural para um nível superior. Ressalta o fato de Ronaldinho ter algo a mais como atleta. O que ele chama de “entendimento com as forças do alto”. Aquilo que faz do jogador brasileiro o melhor dentro do futebol. Porém, ao final da crônica Veríssimo faz uma ligação com o seu pensamento ateu - explicitado no início - fazendo crer que o gol marcado não tem relação com características sobrenaturais dos jogadores, mas com um talento que lhes é inerente.

Segundo Luís Beltrão, tomando-se o critério de tratamento dado ao tema, *Talento* é uma crônica satírico-humorística, visto que faz uma crítica irônica do fato de os jogadores brasileiros terem um crescente sentimento de religiosidade, ligando isto ao fato de um jovem jogador ter marcado um belo gol em uma partida internacional. Para classificar uma crônica nesta categoria o autor diz ser necessário que a situação comentada seja amplamente conhecida do público. O gol marcado por Ronaldinho teve grande repercussão não somente por ter sido antológico, mas porque foi marcado em uma competição que reunia os melhores times das Américas. Então, havia uma exposição do fato que o tornava conhecido de todo o público. Além disso, o crescimento dos evangélicos no Brasil é um fato conhecido e comentado.

3.5.2. Superstição

Muniz Sodré, em *Monopólio da Fala* (1981), fala de como o espectador do futebol torna-se ator. A torcida faz parte do espetáculo. A discussão acalorada, a identificação do torcedor com o seu clube (usando bandeiras, vestindo camisetas, tornando-se sócio) e as superstições que envolvem o futebol. Uma das mais significativas superstições futebolísticas é o 13 do Zagalo. O atual treinador sempre associa algum fato da sua vida ao número do azar, para a maior parte das pessoas, mas que sempre trouxe muita sorte para o Velho Lobo. Isto ficou muito forte durante a Copa de 94, disputada nos Estados Unidos, quando Zagalo, na ocasião coordenador técnico da seleção brasileira, deixava transparecer a sua superstição. Ele falava, por exemplo, que a soma dos algarismos do ano em que a Copa estava sendo disputada era treze, assim como o nome do país-sede tinha treze letras. Além disso, os jogadores da seleção brasileira sempre entravam em campo de mãos dadas, gesto aparentemente que mostrava a união do grupo. Era na verdade uma superstição. Durante as eliminatórias da Copa de 94, a seleção canarinho passou por maus momentos, tendo inclusive perdido o primeiro jogo em toda a história daquele campeonato. Até que no jogo contra a Bolívia, no estádio do Arruda, em Recife, os jogadores entraram de mãos dadas e ganharam de goleada. O gesto repetiu-se durante toda a Copa de 94, quando o Brasil conquistou o tetracampeonato, e foi abandonado com a derrota da seleção para a França, na final da Copa de 1998. Pura superstição. A midiaticização da superstição fez com que nas torcidas também se criassem hábitos esquisitos.

As esquisitices do torcedor brasileiro estão retratadas em *Superstição*.

“Na Copa do Mundo de 94, só fui a todos os jogos do Brasil vestindo a mesma camisa e fiz questão de que todos os que estivessem do meu lado na tribuna de imprensa se sentassem exatamente na mesma posição porque no primeiro jogo deu certo. Claro que não foi a minha camisa nem a formação repetida na tribuna da imprensa que ganharam a Copa. Se eu pensasse isto, aí sim seria um supersticioso. Foram a minha camisa, a formação na tribuna e os jogadores em campo, nesta ordem de importância, os responsáveis pela vitória”.(vide anexo 5)

Vale ressaltar o fato de os hábitos dos torcedores fazerem parte de um ritual, como uma religião. Muitos acreditam que não são os jogadores os responsáveis pela vitória da equipe, mas os hábitos que não se modificam: “porque no primeiro jogo deu certo”. Surge a velha máxima do esporte: “Em time que está ganhando não se mexe”. Mais do que a busca de um entrosamento entre os atletas, esse ditado é fruto de superstição.

Veríssimo fala dessa questão em *Superstição*, no entanto não admite ser supersticioso: “Se eu pensasse isto, aí sim seria supersticioso”. O autor escreve o texto em primeira pessoa. Mais uma vez, a questão da impessoalidade é marcante na crônica. Traços de literatura dentro da crônica. O autor, no entanto, tem características do texto jornalístico em suas crônicas. Ao utilizar frases curtas e no discurso direto, busca-se uma identificação imediata do que está escrito com o leitor. Ponto que aproxima a crônica da característica de universalidade do texto jornalístico. O autor utiliza a pessoalidade, mas não abstrai o leitor.

Outra vez, o autor utiliza um fato do cotidiano das pessoas para criticar um hábito. O que, desde já, classifica a crônica como satírico-humorística, segundo o modelo proposto por Luís Beltrão. Além disso, o uso do verbo no presente do pretérito, um dos parâmetros da classificação, para comentar o fato - “aí sim seria supersticioso” - possibilita classificar *Superstição* nesta categoria. Veríssimo satiriza o fato de os prédios americanos não possuírem o décimo terceiro andar, para justificar o comportamento da torcida durante um jogo. Além disso, a crônica em questão visa entreter o leitor, não tem conotação explícita de comentário ou informativa.

“No fim, nós, pitorescos subdesenvolvidos, não precisávamos nos envergonhar das nossas esquisitices nos Estados Unidos. Bastava entrar no elevador de qualquer edifício americano. Nenhum deles tem o 13º andar. A numeração pula do 12 para o 14 e ninguém se espanta muito com isso, nem protesta que o 14 é apenas o 13 com pseudônimo. No país da técnica e do progresso, os arranha-céus têm sempre um andar a menos do que dizem. Por medo do número 13. Esquisitos são eles.” (vide anexo 5)

Mesmo classificando a crônica como satírico-humorística, cabe uma reflexão: ela pode ser considerada, segundo o mesmo critério, analítica. Em *Superstição* os fatos são

expostos de forma breve e dissecados de forma objetiva. Um dos equívocos da classificação de Beltrão, segundo o critério do tratamento dado ao tema, é não ser possível determinar uma categoria precisa do qual o texto faça parte. A crônica oscila entre duas categorias. Por exemplo, fala de uma categoria sentimental em que se explora aspectos pitorescos dos fatos. A satírica também tem essa conotação de ridicularizar o pitoresco. Algumas vezes determinar a categoria não é uma tarefa fácil.

A crônica analisada mostra o quanto não se pode classificar esse gênero somente como jornalístico. Prédios que não têm o décimo terceiro andar é um fato jornalístico. No entanto, o autor trabalha o fato dando às palavras uma expressão de fim, ou seja, elas não são meros instrumentos de passar uma informação. A linguagem ganha expressividade. A crônica novamente apresenta-se como gênero híbrido.

3.6. Uma volta ao passado da crônica

A crônica surgiu como relato cronológico dos fatos. A própria etimologia da palavra (*kronos*=tempo) sugere que este gênero era uma espécie de relatório do que acontecia. Veríssimo, consciente dessa fase da crônica, faz uma volta ao passado e escreve sobre o comportamento da torcida brasileira durante a Copa de 62.

3.6.1 Garrincha

Em 1962, o Brasil tinha uma equipe formada basicamente pelos remanescentes da vitoriosa seleção da Copa de 58, quando pela primeira vez o esporte nacional tornara-se campeão. A seleção tinha craques como Garrincha, que promovia grandes espetáculos com a camisa sete do Botafogo, e um jogador que um dia iria se tornar rei, Pelé. Além de campeões do mundo como Zagalo, Didi e Vavá. A seleção chegava consagrada com o futebol alegre e eficiente da copa anterior. O país acabara de viver uma época de prosperidade, com os cinquenta anos em cinco de Juscelino, mas havia uma crise política com a renúncia de Jânio Quadros, em 1961. O futebol atuava como ópio do povo, pois, apesar dos anos de prosperidade de JK, o país enfrentava grandes problemas. O esporte era um dos poucos motivos de alegria da população brasileira.

Luis Fernando Veríssimo, na época da Copa com 26 anos, descreve assim o momento pelo qual o país passava.

“Onde você estava no dia 17 de junho de 1962? Quem ainda não era nascido, por favor, vire a página e nos deixe com as nossas memórias. Foi o dia em que o Brasil ganhou a Copa do Mundo pela segunda vez seguida, no Chile. Até hoje, é pavloviano: quando penso naquela Copa, ouço a música ‘Et maintenant’ e sinto o gosto de cachaça com mel. Eu morava no apartamento de uma tia, no Leme. Acompanhávamos os jogos do Brasil pelo rádio tomando batidas de cachaça, cuidando para nunca variar a rotina que estava obviamente ajudando nosso time. (...) Sentimos que tínhamos feito alguma coisa errada quando o Pelé se machucou, teríamos trocado a marca da cachaça? Depois descobrimos que tudo estava previsto. Com o Pelé machucado, o Garrincha se viu na obrigação de jogar por quatro e ganhar a Copa. A celebração das vitórias sempre começava com ‘Et maintenant’ a todo volume no toca-discos e geralmente acabava no restaurante Fiorentina, ali perto. Vitória do Brasil era apenas outro pretexto para a festa no Fiorentina, aonde iam ‘os artistas’ e onde pareciam estar sempre comemorando alguma coisa. (...) Garrincha e Gilbert Becaud, quem podia com essa tabelinha?” (vide anexo 6)

Desde já se destaca o fato de o escritor procurar estabelecer um diálogo entre ele e o seu leitor. Chama diretamente o espectador, “onde você estava?”. O leitor é uma pessoa íntima tanto que é tratado como “você”. O cronista torna-se um amigo de cada dia, com quem o leitor pode ter um bate-papo toda manhã. A linguagem leve do gênero possibilita que isso ocorra.

A intimidade é tamanha que Veríssimo pede, àqueles que não eram nascidos na época, para virar a página e deixá-lo com aqueles que podem desfrutar das lembranças do período da Copa. Uma marca de texto literário, na crônica histórica: o estilo do autor é mais forte que o simples relato dos fatos. Isto é um dos fatores responsáveis para que o gênero se tornasse algo mais significativo e não uma mera descrição.

Como relato histórico dos fatos, Veríssimo busca descrever os costumes das pessoas na época em que a seleção canarinho entrava em campo. Na crônica estão as superstições, a

influência do rádio –meio de comunicação mais popular do Brasil do período em questão -, os costumes que acompanhavam os jogos, bem como eram as comemorações das vitórias. Um relato recheado de saudosismo é a marca forte de *Garrincha*, “até hoje, é pavloviano”. Saudosismo não só de Veríssimo, pois ele convoca os leitores que viveram aquela época a compartilhar o sentimento de saudade. Para compor o panorama da época ainda são enfatizadas as influências políticas.

“Em 1962, no Rio, você lia as colunas do Armando Nogueira, do Nelson Rodrigues, do Stanislaw Ponte Preta, do Antonio Maria, do João Saldanha, do Paulo Francis escrevendo sobre teatro e mandando pau na direita... Quem mais? Na Manchete saíam as crônicas do Rubem Braga, do Paulo Mendes Campos e do Fernando Sabino, e na Cruzeiro as gloriosas duas páginas do Millôr. Jango estava no governo, as reformas de base era uma possibilidade (se apenas o Lacerda deixasse, porque os militares estavam sob controle) e, como se não bastasse a Rose di primo e o sundae do Bob's, havia o Garrincha. No auge, como todo mundo”. (vide anexo 6)

Mais uma vez, percebe-se o uso de uma linguagem fática no seu discurso: “Quem mais?” O autor chama o leitor para o diálogo. Nessa crônica, Veríssimo afasta-se completamente de características jornalísticas presentes em outros textos seus. Por exemplo, em *Garrincha* não se utiliza mais dos períodos curtos. Os períodos alongam-se, principalmente por causa da intercalação de frases. É possível perceber principalmente no primeiro trecho da crônica citado. Há o abandono do discurso direto, tão marcante do estilo verissimiano de escrever.

Um aspecto interessante a ser observado: Veríssimo descreve quais eram os cronistas que escreviam na época. E quais eram os veículos de comunicação que influenciavam a sociedade, como é o caso da revista *Cruzeiro*, do grupo Diários Associados. Era uma época em que o futebol começava a aparecer como espetáculo. Os traços literários presentes nas crônicas, aproximavam o leitor das questões, mas também serviam para enfatizar fatos e pessoas.

Para Luís Beltrão, a crônica em questão seria classificada como sentimental, devido ao apelo à sensibilidade. No texto, ressalta-se principalmente a saudade da época em que todo mundo estava “no auge”. Ressalta-se, em *Garrincha*, um aspecto histórico da época, que faz os leitores remeterem ao passado. Além disso, não há um aprofundamento do tema, o autor preocupa-se muito mais em mostrar os costumes da época. Utilizando o critério da natureza do tema, também proposto por Beltrão, podemos classificar *Garrincha* como uma crônica local, conhecida também, como urbana ou da cidade. Apesar de, na descrição de quais crônicas poderiam fazer parte da categoria, o autor não mencionar aspectos históricos da crônica, classificá-la como crônica local levou em consideração o fato de o autor glosar a vida cotidiana de uma cidade, mesmo que esse cotidiano tenha sido há 38 anos. Veríssimo fala do cotidiano do Rio de Janeiro no período em que o Brasil consagrou-se bi-campeão mundial de futebol.

3.7. Um cronista na Copa

O ano é 1998, a seleção brasileira de futebol busca um inédito pentacampeonato, conquista que confirmaria a hegemonia do time Canarinho neste século. O Brasil é o franco favorito. Seus jogadores estão consagrados em todo o mundo. Ronaldinho vinha com o título de melhor do mundo por dois anos consecutivos. Rivaldo vinha mostrando toda a categoria do seu futebol no Barcelona, time espanhol. Além disso, havia Roberto Carlos, dono de um potente chute e eleito o segundo melhor jogador da temporada passada em todo o mundo. Denílson era a esperança do setor esquerdo do campo e vinha encantando os torcedores nacionais com um jogo que misturava habilidade e técnica. Dunga era o grande capitão, já consagrado por ter erguido a taça nos Estados Unidos, com um estilo forte, mas eficiente de jogar futebol. Para comandar esta seleção de estrelas, Zagalo, o único tetracampeão em todo o mundo, tendo participado das copas de 58 e 62, como jogador, 70, como técnico da inesquecível seleção e de 1994, desta vez como coordenador técnico. Os analistas do esporte diziam que desde 1982 a seleção não reunia tantos craques. A vitória e a conseqüente consagração eram dadas como certas.

O selecionado brasileiro vinha de uma campanha impecável na Copa América do ano anterior, quando pela primeira vez o escrete nacional ganhou essa competição fora de casa

e Zagalo anunciava que todos teriam de engolir-lo. A França era o cenário para o espetáculo do futebol brasileiro. No entanto, as apresentações, anteriores à Copa, do Brasil deixavam os torcedores angustiados com o possível resultado. No jogo de despedida do Brasil, a seleção perdera em pleno estádio do Maracanã para o seu maior adversário, o time argentino. E o pior, jogando um futebol nada convincente. Mesmo assim, durante a Copa, os torcedores pintaram as ruas e os rostos de verde e amarelo. Bandeiras eram hasteadas nas sacadas dos prédios. O sentimento era um só: não havia time melhor que o Brasil. Começava a contagem regressiva, comandada por Zagalo, do pentacampeonato.

A imprensa mundial dava como certa uma final entre o selecionado brasileiro e o time da França. Seria uma festa de final feliz tanto para os brasileiros, que sairiam com a tão desejada taça na mão, quanto para os franceses, pois teriam a honra de fazer a partida histórica com o Brasil. Dia 12 de julho de 1998, todas as atenções do mundo estariam voltadas para o Stade de France.

Luis Fernando Verissimo depara-se com o megaevento jornalístico e apresenta-o segundo a sua visão de cronista.

3.7.1 A lógica

Na época da preparação do time brasileiro para Copa do Mundo, vários torneios foram disputados. Um desses chamou atenção. Não pelo fato de a seleção ter jogado bem ou mal, mas porque todos os jogadores apareceram de cabeça raspada. O torneio era a Copa das Confederações, disputada na Austrália, e desde aquela época - o campeonato aconteceu no final de 1997 - o escrete nacional dava sinal de que as coisas não seriam tão fáceis na França. Luis Fernando Verissimo busca *A Lógica* para a atitude dos jogadores.

“Cabeças raspadas têm a sua lógica em quartéis e cadeias ou outro lugar onde homens coabitam e o piolho é uma ameaça. Também se explicam pelos outros terrores de homens confinados em corporações guerreiras, além dos microscópicos: a sexualidade e a diferença. Como as concentrações da seleção não são quartéis nem prisões, o homossexualismo não é um problema e a união do grupo até hoje não dependeu do penteado, a decisão de zerar a cabeça de todo mundo só pode

ter sido brincadeira mal pensada ou algo mais profundo e mais equivocado. Nos dois casos - brincadeira imposta ou algum ritual fechado de bando - foi uma bobagem que acabou atrapalhando. Se a intenção era apenas fazer com que todos se parecessem com o Ronaldinho, o resultado foi que o Ronaldinho ficou parecido com qualquer um - e jogou o que se viu no domingo. E ainda tiraram preciosos centímetros da altura do Juninho!" (vide anexo 7)

Utilizar fatos gerais para contextualizar o leitor em algo específico. Novamente Luís Fernando Veríssimo utiliza este recurso para poder aproximar-se do leitor. O autor não vai direto no comentário sobre a atitude dos jogadores. Procura mostrar em quais ambientes existe a prática de raspar os cabelos para, a partir disso, comentar o que aconteceu na Austrália.

A lógica é uma crônica objetiva. Os fatos são apresentados e logo dissecados, o que a caracteriza como analítica, segundo a classificação de Luís Beltrão, utilizando o critério do tratamento dado ao tema. Segundo Beltrão, este tipo de crônica dirige-se mais à inteligência do que ao coração, ou seja, aproxima-se de um pequeno ensaio científico. A crônica em questão tem mais traços de jornalismo do que de literatura. A impessoalidade está presente no texto, o que se distancia um pouco do estilo verissimiano de escrever. Continuam as frases curtas. A crítica sutil, uma das marcas do estilo dele - como na passagem em que o autor comenta a atuação de Ronaldinho - divide espaço com a opinião explícita. Expressões como "brincadeira mal pensada" e "bobagem" são usadas para se referir à atitude de zerar a cabeça dos jogadores. Um ponto que corrobora para José Marques de Melo estabelecer a crônica como gênero de opinião. Outro traço de *Talento* é o humor irônico, percebido, por exemplo, na última frase do texto.

O futebol é o tema, portanto, tem-se uma crônica especializada. O foco do autor são as atitudes decorrentes do futebol. Veríssimo fecha a questão do esporte limitando-se a comentar a atitude dos jogadores, não há outro assunto em pauta. Apesar de o cronista procurar contextualizar o tema fazendo referência a outro, a intenção dele continua sendo a de criticar a atitude dos jogadores, ou seja, ele não mistura os temas.

A lógica é uma crônica curta, segundo a classificação proposta por Luís Fernando Veríssimo, dada a sua brevidade. Porém, vale ressaltar que essa classificação leva em

consideração a qualidade da crônica. Por ser uma crônica curta, não se pode diminuir a sua qualidade jornalística.

3.7.2. Os canhotos

No ano da última Copa do Mundo dúvidas pairavam nas cabeças dos brasileiros. A seleção brasileira tinha uma concentração de bons jogadores que jogavam pelo lado esquerdo: Rivaldo, Leonardo, Denílson e Roberto Carlos. No entanto faltava alguém que articulasse as jogadas pela faixa direita do campo. Além disso, 1998 era ano de eleição presidencial, a esquerda política novamente via a possibilidade de ganhar o maior cargo do poder executivo.

Eleições e Copa do Mundo, dois fatos que envolvem a nação. Ambos praticamente param o país. Durante a Copa os torcedores apostam em qual time vai chegar à final, quem são os melhores, qual o fiasco da competição. Os jogadores são cobrados por atuações perfeitas, como um político que recebe críticas por não ter cumprido o que prometeu. Nas eleições, os eleitores escolhem os seus candidatos, a discussão acalorada sobre qual político pode gerir melhor o país é assunto em todas as rodas de discussão. Naquele ano o Brasil tinha dois favoritos: a seleção de futebol e Fernando Henrique Cardoso. A esquerda na política não era favorita frente à candidatura de reeleição de Fernando Henrique. No entanto, os canhotos eram maioria no time de Zagalo. Atento às dúvidas do povo brasileiro envolvendo os dois temas, Veríssimo analisou a situação do Brasil na época.

“O problema da seleção é o mesmo problema do Brasil: uma falha de representatividade. Não sei qual é a percentagem de canhotos na população total do país, dez por cento? E há um número desproporcional de bons canhotos na seleção, enquanto, segundo todo mundo, falta um pé direito de talento para equilibrar o nosso ataque. A diferença entre o Brasil e a seleção é que no Brasil a direita tem o poder e a esquerda é quem procura, desesperadamente, um contrabalanço.

(...) No caso da seleção, a falha da representatividade pode ser culpa do azar, de uma crise momentânea de pés direitos ou de um capricho do Zagalo. Enfim, de coisas passageiras. Já a escassa representação popular

no governo do Brasil é um vácuo cuidadosamente cultivado em 100 anos de história republicana. E que só se agrava cada vez que a ascensão de uma suposta 'esquerda' se revela ser apenas outro disfarce da direita".

(vide anexo 8)

Veríssimo faz uma análise dos dois fatos mais importantes daquele ano: a Copa do Mundo e as eleições para cargos majoritários. Mais uma vez utiliza-se de um tema para comentar outro. No caso de *Os canhotos*, há uma inter-relação entre os dois assuntos discutidos, não sendo possível determinar com clareza qual tema se apropria mais do outro. O cronista conseguiu encontrar algo em comum entre os temas. Está clara uma das características mais fortes da crônica verissimiana: perceber o detalhe, aquilo que passa despercebido pelos olhos do espectador. Um fato como a falta de representatividade de destros na seleção torna-se ponto de partida para discutir os rumos políticos do país.

Veríssimo busca estabelecer um diálogo entre o leitor, quando o questiona sobre a percentagem de canhotos na população brasileira: "Dez por cento?". Mais uma vez encontra-se marcas de oralidade em seus textos. Essa tentativa de estabelecer uma relação com o leitor, enfatiza a característica de universalidade do texto jornalístico. A conversa buscada pode acontecer com qualquer leitor, tendo em vista a linguagem leve da crônica. Além disso, apropria-se do senso geral para defender os seus argumentos – "segundo todo mundo". Há um grande número de adjetivos na crônica, o que reforça a classificação de José Marques de Melo desse gênero como opinativo.

A crítica sutil quando trata do futebol contrapõe-se ao estilo mais duro quando trata da política⁴¹. Se neste tema Luís Fernando Veríssimo limita-se a criticar, no futebol ele sugere ao técnico o que fazer.

"Se Rai está muito velho para ser o pé direito desejado, por que não chamá-lo para ser seu assessor? Tem cabeça, tem experiência no futebol europeu, tem autoridade entre os jogadores e tem altura para dar uns cascudos no Zagalo, sempre que necessário". (vide anexo 8)

⁴¹ O estilo das crônicas políticas de Veríssimo pode ser conferido em *Aquele Estranho Dia que Nunca Chega*, em que o autor não poupa críticas ao governo de "Éfe Agá".

Quando escreveu esta crônica, provavelmente, ainda não havia acontecido o jogo entre Brasil e Argentina. Na ocasião Raí foi convocado justamente para ser o “pé direito” da seleção, mas saiu de campo vaiado pela torcida. Mesmo assim, Veríssimo consegue encontrar um lugar no time para o meio-campo que marcou época na equipe do São Paulo, como assessor técnico. Este cargo mais tarde seria ocupado por Zico.

Veríssimo muda um pouco o estilo em *Os canhotos*. Ele divide a crônica em dois momentos (vide anexo 8). O primeiro é a crônica propriamente dita, quando o autor expõe o tema e discorre sobre ele. O segundo momento é o comentário, sutil, como é a marca do autor, mas pertinente, tendo em vista que a Copa aproximava-se e o problema da faixa esquerda do campo ainda não tinha sido resolvido.

Para Luís Beltrão, é uma crônica geral, pois não trata de um tema específico. Dois assuntos são discutidos sob epígrafe geral. Futebol e política são comentados através das relações que o cronista consegue estabelecer entre ambos.

3.7.3 O choque

As atuações da seleção continuavam a deixar os torcedores desconfiados com o resultado que o time poderia conseguir na Copa. Para resolver a situação, a CBF chamou Zico para atuar como coordenador técnico de Zagalo. Alguém que poderia dialogar com o Velho Lobo e ajudar a montar o melhor time. Além disso, havia o boato de que a seleção não treinava, convocando Zico de última hora, buscava-se dar uma nova visão da seleção. O Galinho tem fama de disciplinador e não admitiria comportamentos, nem egos, inflamados dentro da seleção. Dúvidas quanto à formação não havia, o time estava escalado.

“Acho que ninguém tem um time muito diferente. Taffarel anda provocando arrepios e maus presságios com suas atuações no Atlético, mas antes da Copa de 94 ele também assustava, lembra? Sempre achei o Cafu meio sem imaginação, mas, afinal, joga numa posição em que se deve ser mais engenheiro do que arquiteto, sem ofensa. No outro dia, na sua coluna, o Juca Kfourri escalou a dupla de área Júlio César e André Luiz. Acho melhor que a do Zagalo. O Aldair ainda vai, mas o Júnior Baiano

pertence, decididamente, à categoria dos não sei não. Prefiro o Mauro Silva ao César Sampaio, mas parece que ele não é mais o mesmo de 94, quando, para mim, foi o melhor do time. Rai, Rivaldo ou Leonardo para jogar com Denílson? Rivaldo é dos que se inibem na seleção, não solucionaria o nosso canhotosismo e, mesmo, o lugar dele é o do Denílson, mas talvez seja o mais completo dos três. Ou dos quatro. O resto do time é indiscutível. Ou alguém ainda discute o Dunga?” (vide anexo 9)

Interessante observar o estilo de Veríssimo de comentar futebol em *O choque*. O autor não utiliza com frequência os termos técnicos do esporte bretão, prefere uma linguagem mais simples, facilitando a compreensão do leitor, mesmo que este não entenda o jogo. Por exemplo, na crônica analisada o cronista cita vários jogadores, mas não se refere às posições: meio-campo, volante e zagueiro. Uma forma de não se distanciar do leitor leigo em futebol. Desde já se registra a admiração de Veríssimo pelo estilo de Dunga, não de jogar futebol, mas da forma de como o jogador, capitão do time, comanda a equipe dentro de campo.

Em dois momentos da crônica, Veríssimo dialoga com o leitor: “lembra?”, “ou alguém ainda discute o Dunga?”. Ele conversa com o leitor, não somente pelo uso de expressões que comprovam isto, mas pela linguagem simples. Além disso, discutir a escalação da seleção é um hábito comum entre os torcedores, e o autor se presta a essa função para mostrar que está atento às questões envolvendo o esporte bretão. Inclusive citando outro colunista, Juca Kfourri, para demonstrar que não está comentando à toa.

Em *O choque*, ele mistura uma crítica inteligente – “posição em que se deve ser mais engenheiro do que arquiteto” – com um comentário irônico - “categoria dos não sei não”. E mostra que às vezes o comentário sobre o futebol fica preso a futilidades, deixando à parte questões mais pertinentes. Veríssimo conclui a sua crônica assim: “O que é a maior dúvida de todas envolvendo a seleção. Afinal, Zagalo é com um ‘ele’ ou dois? É preciso definir isso o quanto antes”. Com o exemplo de como é escrito o nome do técnico da seleção, Veríssimo mostra como os assuntos estão distantes da realidade que interessa ao torcedor. Na época não se discutia a forma como o time deve jogar, mas problemas de disciplina dos jogadores. Por exemplo, uma das questões que surgiram foi se os jogadores poderiam ou não jogar baralho na concentração. O futebol como um jogo não era assunto.

O Choque é uma crônica em que predomina a marca estilística do autor. Ele assume todas as posições descritas, tanto que escreve em primeira pessoa. Observa-se que há uma atitude diferenciada do cronista perante o real imediato. Ele não se limita a descrevê-lo e comentá-lo, mas também busca provocar uma atitude reflexiva no leitor diante do fato. É o que Alceu Amoroso Lima chama de exercício de inteligência, com um comentário irônico, do discernimento, em observar o fato que passa despercebido pela visão do leitor e da análise, quando o cronista leva os leitores à reflexão. Muitas vezes, a própria construção da imagem dos personagens da vida real é diferente, o que aproxima a crônica da literatura. A imagem do jogador Dunga vai ser analisada em uma crônica mais adiante, o que comprova a posição destoante do cronista frente à realidade.

Segundo Beltrão, teríamos uma crônica especializada, Veríssimo focaliza toda a abordagem em relação ao tema futebol. Em nenhum instante a discussão foge desta temática. Além disso, devido à forte carga de ironia de *O choque*, podemos classificá-la como satírico-humorística. A atitude da imprensa frente ao futebol buscando futilidades ao invés de discutir alternativas táticas e técnicas que melhorassem a atuação do time é motivo de ironia para o autor.

3.7.4.A elegância dos escoceses

Dez de junho de 1998, Stade de France, estava tudo pronto para o início da Copa do Mundo. A seleção Canarinho era a atual campeã do mundo e tinha tudo para jogar bem e seguir rumo à conquista do pentacampeonato. A partida inicial foi com a Escócia, país sem muita tradição no esporte bretão. A seleção entrara sem Denílson, o preferido da torcida e de todos os comentaristas. Bebeto assumira o lugar no ataque ao lado do “fenômeno” Ronaldinho. E Giovanni era a esperança do “pé direito” que faltava ao time. O restante da equipe era a mesma base que Zagalo havia montado nos amistosos anteriores à Copa. No entanto, Luís Fernando Veríssimo percebeu algo mais na partida.

“(...) algumas horas antes do começo do jogo, (os escoceses) entraram no campo vestindo suas elegantes saias de cerimônia e blazers escuros, mãos nas costas, como lordes feudais passeando pelas suas propriedades. Caminharam sobre a relva, foram até a frente da torcida escocesa e lhe

concederam alguns abanos, depois voltaram para o vestiário com a mesma empáfia. Eu nunca tinha visto uma seleção fazer coisa parecida, uma espécie de aquecimento com traje passeio completo, apenas para mostrar a linha. Claro que foi uma forma de intimidação”. (vide anexo 10)

Percebe-se que o autor deixa de lado a linguagem simples para assumir uma mais trabalhada, justamente para reforçar o que está sendo discutido no texto, a elegância dos escoceses. Reforça a elegância dos jogadores europeus, sendo mais elegante com a língua. Para os comentaristas a seleção, apesar de ter vencido, não teve uma boa atuação. As maiores críticas foram para Bebeto e Giovanni que, para Veríssimo, “jogaram extremamente constrangidos, talvez pensando na elegância dos escoceses não querendo lhes faltar com o respeito. Jogando com oito a maior parte do tempo, o Brasil teve dificuldades”. Enquanto muitos buscavam explicações técnicas para a má apresentação da seleção, o autor encontra um fato singular na partida que poderia justificar a fraca jornada: o fato de os escoceses terem aparecido em trajes elegantes para a torcida antes do início da partida.

Nesse ponto, destaca-se a idéia de tirar o essencial do acidental, proposta por Alceu Amoroso Lima, em seu ensaio *Jornalismo como gênero literário*. É este tipo de visão do cronista sobre os fatos que o aproxima da literatura. Um gênero do cotidiano que se alimenta dos fatos corriqueiros, e trabalha-os com singularidade: linguagem simples e textos breves.

Veríssimo escreve em primeira pessoa, distanciando-se da impessoalidade do texto jornalístico. Além disso, continuam os períodos curtos, o discurso direto e a crítica sutil, porém pertinente. Deixa os comentários para o final das crônicas, durante todo o restante do texto limita-se a narrar uma história para envolver o leitor. Um estilo interessante e bastante particular. Talvez pela sua formação jornalística, Veríssimo prende-se muito ao fato. Não utiliza frases que demonstrem indignação ou admiração, prefere um comentário mais sutil e irônico. Marca presente na crônica analisada.

Por fim, *A elegância dos escoceses*, tomando a classificação de Luís Beltrão que leva em consideração a natureza do tema, é uma crônica especializada, pois tem o intuito de analisar a atuação do escrete brasileiro em sua primeira partida na Copa do Mundo. O futebol, mais uma vez, é o tema central.

3.7.5. À grande vitesse

Passado o primeiro jogo, o desafio agora era a seleção de Marrocos, considerada uma das melhores equipes africanas da Copa, mas também sem muita expressão dentro do cenário futebolístico mundial. O jogo foi relativamente fácil, o escrete nacional goleou: três a zero. Ronaldinho parecia que ia começar a despontar como o grande nome da Copa. No entanto, uma das cenas mais marcantes da partida foi uma discussão entre Dunga e Bebeto. Em uma cobrança de falta os dois jogadores trocaram ofensas e caras feias. O Brasil saiu de Nantes, local onde o jogo foi realizado, classificado como o primeiro colocado de seu grupo. Mas Veríssimo descreve o seu desafio de ser cronista durante uma Copa.

“A demora entre um jogo do Brasil e outro também significou um certo esticamento de expectativas e sacos. Bebeto joga, Bebeto não joga, uma questão absorvente, mas não para mais de dois dias. Entre outras notícias da seleção e a obrigação de ser atual havia, claro, Paris. Ninguém com um mínimo de bom senso fica sem assunto em Paris. Mas também foi uma semana de impaciência e dúvidas acumuladas. Que Marrocos nos apareceria pela frente? E Bebeto, jogando, jogaria ou não jogaria?” (vide anexo 11)

O cronista, por ter de escrever todos os dias para o jornal, às vezes encontra-se sem assuntos para comentar. Este fato é comentado por Veríssimo em *À grande vitesse*: “Ninguém com um mínimo de bom senso fica sem assunto em Paris” e quando se refere que a atuação de Bebeto é “uma questão absorvente, mas não para mais de dois dias”. Apesar de assumir a nostalgia dos comentaristas no intervalo entre os jogos. Durante a Copa da França, um time jogava cerca de uma vez por semana. As dúvidas que pairavam sobre a seleção diziam respeito às más atuações de Bebeto e às boas apresentações de Denilson, quando entrava no lugar daquele no segundo tempo. Daí a crítica de Veríssimo: “Bebeto, jogando, jogaria ou não jogaria?” As críticas sobre as más atuações do Brasil continuavam. E já provocava reações dentro de campo, demonstradas, principalmente, nas atitudes do capitão Dunga.

“Parece que os critérios do Dunga para o comportamento humano começam a criar incômodos à sua volta. Dunga, como se sabe, tem seus parâmetros para o mundo, e o mundo nem sempre corresponde. Zagalo e Zico já teriam reagido às interferências de Dunga na sua função, talvez raciocinando que se não o detivessem agora amanhã ele estaria dizendo ao Ricardo Teixeira como dirigir a CBF. o que pensando bem não seria má idéia. Também são freqüentes as reações de seus companheiros à impaciência de Dunga com a imperfeição. Pelo que deu para ver de longe, pela pantomima, Bebeto não gostou de uma cobrança de Dunga no jogo de anteontem, houve gritos e caras feias (...) O fato é que Dunga é um brasileiro que ainda não está satisfeito com o time e não acha que tudo esteja resolvido. O que talvez seja a maior razão para se estar otimista”.
(vide anexo 11)

Percebe-se: quando os trechos são de narração das jogadas o autor opta pelo uso de períodos mais longos, geralmente, intercalando orações; e quando é para emitir uma opinião, Veríssimo utiliza períodos curtos. É uma forma de enfatizar os comentários e deixar de lado os fatos.

O estilo de Dunga de comandar a seleção vinha provocando desentendimentos dentro de campo, como mostrou uma imagem do jogo em que ele e Bebeto discutiam veementemente durante uma cobrança de falta, e fora das quatro linhas. Um dos episódios que demonstraram o estilo exigente de Dunga foi a discussão que travou com a comissão técnica, esta parou um treino para os jogadores poderem cumprir uma exigência dos patrocinadores. O capitão protestou. Esse estilo de jogar e expressar-se serviu de pretexto para Veríssimo criticar a desorganização do futebol brasileiro promovida pela CBF.

Veríssimo mostra também que a reação dos torcedores brasileiros ainda era do otimismo, mesmo com as atuações do time não convencendo. Dunga era o torcedor dentro de campo, e a mídia sabia explorar o comportamento do jogador procurando estabelecer uma ligação mais forte entre os dois: “Dunga é um brasileiro que ainda não está satisfeito com o time”. A espetacularização do futebol cria o mito do jogador guerreiro, que todos os torcedores gostam de ver no gramado.

É interessante observar: o fato jornalístico, ou que realmente interessa ao torcedor, é se a seleção está jogando bem ou o resultado dos jogos. No entanto, Veríssimo não se presta ao papel de analisar tática e técnica no futebol. O autor busca fatos circunstanciais para comentar algo geral.

À grande vitesse é uma crônica satírico-humorística, visto que busca mostrar para o público leitor o fato de a seleção não estar jogando um futebol convincente. Há a um teor de ironia na forma que a seleção vinha se apresentando: “É preciso dizer que a seleção fez força para se atrapalhar”. E também da atuação de alguns jogadores, destaque para Bebeto e Dunga, e o adversário do Brasil na ocasião: “O Marrocos que nos apareceu pela frente foi Marrocos nenhum, salvo um ou outro bandido de perna levantada”.

3.7.6. Os Dungas

A seleção brasileira se classificara para as oitavas de final. O futebol continuava a não convencer os torcedores, que já acreditavam na possibilidade de o Brasil não ir muito adiante. O retrato da primeira fase não foi a de um time que jogou dando espetáculo, mas a de um jogador que parecia ser a alma do time: Dunga. As estrelas do time ainda não haviam aparecido. Roberto Carlos limitava-se ao seu chute forte, mas as faltas na entrada da área adversária não apareciam com frequência. Rivaldo estava nitidamente perdido dentro de campo. Não dava seqüência às jogadas no meio de campo e não apoiava o ataque. Ronaldinho, o Fenômeno, ainda não despontara como o grande nome da Copa, pelo contrário, começavam a surgir boatos de que problemas no seu joelho estariam atrapalhando as suas atuações. Um dos jogadores que ainda agradavam a torcida era Dunga, com um estilo sério e duro de jogar futebol, era uma unanimidade. Tanto que Veríssimo profetiza:

“Depois do Júlio todos os governantes de Roma passaram a ser césares , e ‘césar’ (...) ficou nome genérico, como um dia ‘dunga’ também será. Os times terão zagueiros, laterais, médios, ‘dungas’ e atacantes (...) Havia dungas antes do Dunga, como houve césares antes de César, mas o protótipo dos dungas que virão é esse nosso, que aproveita a comemoração de gol para dar bronca.

Todos os melhores times deste mundial têm o seu dunga, de uma forma ou de outra. Ou são jogadores que galvanizam o time com sua própria energia e empenho, e bronca, ou são os destruidores que liberam os companheiros para a criação, garantindo o rebote.

(...) Os dungas são os carcos do time. Já não se concebe um time só polpa, por melhor que seja a polpa. Até no Brasil, que custou a aceitar a inevitabilidade, dá-se ao dunga o que é do dunga. O carco dá forma ao time, garante a continuidade da sua alma e quebra os dentes de quem os ataca. Nenhuma seleção sem um dunga passou para as oitavas. (vide anexo 12)

Outra vez, Veríssimo consegue enxergar o que passou despercebido diante de todos: o fato de que todas as seleções que chegaram as oitavas de final da competição terem um jogador parecido com o estilo de jogar de Dunga. De certa forma, isto significa o abandono do futebol arte e a ascensão do futebol de resultados. Não se joga para dar espetáculos para a torcida, mas para conseguir a vitória. Tal é a do estilo de Dunga, que Veríssimo discute a possibilidade de “dunga” passar a ser um termo do futebol. Interessante observar isto na crônica, pois é a única, entre todas as crônicas analisadas, em que o autor cria um termo para se referir à algo ligado ao futebol. Não fazem parte do estilo do cronista os neologismos futebolísticos.

Em *Os Dungas*, continua o estilo da linguagem simples e o uso de assuntos para aproximar os leitores dos fatos comentados. Na crônica, ele não utiliza ironia - outra característica marcante do autor -, prefere narrar fatos. Pode-se supor que o destaque dado a Dunga seja uma forma de ironizar o futebol praticado pela seleção. Mas, como a ênfase no estilo do jogador aparece em outras crônicas, imagina-se que não existe ironia. Na narração o uso de frases em sentido direto e de orações curtas se faz presente.

Em *Os dungas*, o autor distancia-se do fato comentado, tanto que abandona o uso da primeira pessoa. Beltrão classifica *Os dungas* como satírica-humorística, visto que critica o personagem a fim de advertir o leitor para o caráter ímpar de jogar de Dunga.

Considerações finais

Depois de discorrer sobre os diversos campos em que a crônica está inserida e o aspecto espetacular do futebol, procurando verificar as questões discutidas através de um exemplo concreto na obra de Luís Fernando Veríssimo, chega-se a várias conclusões. Não somente envolvendo a crônica como gênero híbrido, mas em relação a cada uma das searas em que ela está contida.

Primeira consideração: o jornalismo pode valer-se da literatura na produção dos textos. Não são todos os gêneros jornalísticos que dão margem à essa abertura, no entanto, nos que permitem há uma maior identidade com o público. As informações ou opiniões passadas são mais facilmente captadas, a crônica como exemplo de gênero que se apropria da linguagem literária é exemplo dessa interação com o público. Com uma linguagem leve, traços de oralidade e um convite ao leitor para o diálogo, percebe-se uma aproximação da pessoa que escreve com quem lê. É o caso particular de Luís Fernando Veríssimo. O leitor identifica-se com aquele tipo de linguagem e passa a buscar um contato diário, não apenas para se informar, mas, muitas vezes, a fim de entreter-se ou de conhecer opiniões diversas para formar um juízo próprio. É o que Alceu Amoroso Lima chama de *in-formação*.

O conceito de literatura é um dos mais questionáveis dentro daquilo que foi proposto, esta é a segunda consideração. A discussão sobre o que é literatura ainda não chegou a um consenso e não parece estar muito próxima disso. Leitores comuns podem não considerar clássicos como literatura, simplesmente porque não entendem. Da mesma forma livros que são vendidos em bancas de jornal podem ter um valor bem maior para um apreciador iniciante do que para um renomado intelectual, no entanto, em qualquer dos dois casos citados estamos falando de literatura. O conceito é difícil por causa da imprecisão do termo. A pergunta correta seria: pode tal manifestação escrita, ou oral, ser considerada literatura? E se pode, por quê? Que características determinam que uma obra pode ou não ser considerada literatura? Não é só o conceito impreciso, as nuances literárias não determinam a literaridade do texto. Pode-se precisar as escolas literárias, os autores que marcaram, mas não se chegou a um conceito fechado sobre literatura.

Terceira consideração: a natureza híbrida da crônica deve ser levada em conta quando ela for objeto de discussão. Não se deve ficar na simples contenda de qual seara o gênero

faça parte. Assim, a conclusão a que se irá chegar certamente vai ser passível de questionamentos. A própria história da crônica mostra o quanto multifacetada é esse gênero. Começou como relato cronológico dos fatos. Graças à literatura esse relato não era um simples relatório e ganhava ares mais sublimes. Por fim, encontrou abrigo no jornalismo e, através dos seus periódicos, ganhou notoriedade. Daí por que não se pode desconsiderar esse caráter híbrido da crônica.

Além disso, constatou-se: uma das manifestações mais significativas entre o jornalismo e a literatura é a crônica. Através da análise da produção de Luís Fernando Veríssimo, pude verificar o quanto esses dois campos estão entrelaçados na crônica. A atualidade do jornalismo e a subjetividade da literatura. A linguagem simples do jornalismo e a construção mais trabalhada da literatura. Além do estilo muitas vezes entrecortado do literato e das frases curtas e em sentido direto do jornalista. Eis, algumas das características presentes na crônica que dificultam estabelecê-la em quaisquer das duas searas.

Outro ponto a ser considerado é quando se fala: crônica é um gênero da literatura para o jornal. Nem é “para” o jornal, nem está “no” jornal. Assim como os que consideram a crônica pertencente ao jornalismo podem dizer que uma coletânea desse gênero publicado em livro, como a analisada nesta monografia, é uma manifestação do jornalismo na literatura. Não é o suporte quem determina o caráter de uma obra, mas o seu valor como produto, jornalístico ou literário. Não se pode determinar que as crônicas que deixaram as páginas do jornal e foram para o livro perderam as suas características jornalísticas, simplesmente porque o suporte deixou de ser precíval. Da mesma forma que nem tudo em livro pode ser considerado literatura, nem tudo nos jornais pode ser considerado jornalismo.

Cabe uma consideração também sobre o assunto das crônicas: o futebol. Uma das manifestações culturais e sociais mais fortes do povo brasileiro, ainda não conseguiu ganhar a notoriedade na literatura. A produção basicamente é de cronistas, hoje já se percebe um interesse maior em discutir o futebol, mas como mercadoria, negócio. Na academia já se discute aspectos antropológicos, sociológicos e culturais de futebol, no entanto não se percebe um interesse por parte dos literatos em tratá-lo como assunto principal de uma obra.

Por fim, pode-se perceber o grande papel desempenhado por Luís Fernando Veríssimo como cronista. Não somente como orientador da opinião pública, mas também

como informador e humorista que toma como ponto chave para seus textos a sátira das manhas e manias do brasileiro. Cronista que transcende as marcas da literatura e do jornalismo e conquista o leitor com um bate-papo agradável todos os dias quando o leitor abre o periódico. Assim é Luís Fernando Veríssimo.

➤ **BIBLIOGRAFIA**

- BELTRÃO, Luis. *Jornalismo Opinativo*. Porto Alegre, Sulina, 1980.
- BELTRÃO, Luis. *Jornalismo Interpretativo: Filosofia e Técnica*. Porto Alegre, Sulina, 1976.
- COUTINHO, Afrânio. *Crítica e Teoria Literária*. Fortaleza, Edições UFC, 1987.
- CANDIDO, Antônio (org.). *A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas, Unicamp, 1992.
- COSTA, Márcia Regina (org.). *Futebol: espetáculo do século*. São Paulo, Musa, 1999.
- DEBORD, Guy. *Sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro, Contraponto, 1997.
- DINES, Alberto. *O papel do jornal: uma releitura*. 4ª edição. São Paulo. Summus, 1986.
- EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. São Paulo, Martins Fontes, 1997.
- FURLANI, Clarisse. *Diálogos Possíveis com Clarice Lispector - Jornalismo e Literatura nas Entrevistas do livro De Corpo Inteiro*. Monografia de conclusão de conclusão do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2000.
- HOHLFELDT, Antônio. *Machado de Assis: "A crônica é um pedaço da eternidade"*. In, Contato-revista brasileira de comunicação, arte e educação. Brasília/DF. Ano 2. nº 6. Janeiro/março, 2000.
- JOBIM, Danton. *Espírito do Jornalismo*. São Paulo, Edusp, 1992.
- LAGE, Nilson. *Ideologia e técnicas da notícia*. 2ª edição. Petrópolis, Vozes, 1992.
- LAJOLO, Marisa. *O que é literatura?* 16ª edição. São Paulo, Brasiliense, Coleção primeiros passos, 1994.
- LIMA, Alceu Amoroso. *O jornalismo como gênero literário*. São Paulo, Edusp, 1990.
- MELO, José Marques de. *A opinião no Jornalismo Brasileiro*. Petrópolis, Vozes, 1994.
- MEDINA, Cremilda. *Notícia um produto à venda*. São Paulo, Summus, 1988.
- MEDINA, Cremilda. *Jornalismo e literatura: fronteiras e intersecções*. In Cadernos de jornalismo e editoração. São Paulo, Edusp, 1990.
- MOISÉS, Massaud. *A criação Literária.- prosa II*. 15ª edição. São Paulo, Cultrix, 1995.
- PEREIRA, Wellington. *Crônica: a arte do útil ou do fútil?* João Pessoa, Idéia, 1994.

- RIBEIRO, Jorge Cláudio. *Sempre alerta: condições e contradições do trabalho jornalístico*. São Paulo, Brasiliense, 1994.
- ROSSI, Clóvis. *O que é jornalismo?* 8ª edição. São Paulo, Brasiliense, Coleção primeiros passos, 1988.
- SÁ, Jorge de. *A Crônica*. 6ª edição, São Paulo, Ática, Série Princípios, 1999.
- SALES, Alessandro. *Aspectos relevantes no estudo da divisa entre o jornalismo e literatura*. Texto mimeografado.
- SODRÉ, Muniz. *O monopólio da fala: função e linguagem da televisão no Brasil*. Petrópolis, Vozes, 1981.
- TODOROV, Tzveton. *Os gêneros do discurso*. São Paulo, Martins Fontes, 1980.
- VERÍSSIMO, Luis Fernando. *A Eterna Privação do Zagueiro Absoluto*. Rio de Janeiro, Objetiva, 1999.

➤ **REVISTAS E PERIÓDICOS**

- Revista USP, *Dossiê Futebol*, nº 22, Junho, Julho, Agosto/94.
- Caros Amigos. Ano IV, nº 37, abril/2000.

ANEXOS

ANEXO 1:

CHOQUE CULTURAL

Todos ficaram preocupados quando o Márcio e a Bete começaram a namorar porque cedo ou tarde haveria um choque cultural. Márcio era louco por futebol. Bete só sabia que o futebol se jogava com os pés, ou aquilo era basquete? Avisaram a Bete que para acompanhar o Márcio era preciso acompanhar a sua paixão e ela disse que não esquentassem, iria todos os dias com o Márcio ao Beira Mar, se ele quisesse.

-Beira Rio, Bete...

Naquele domingo mesmo, Bete estava com Márcio no Beira Rio, pronta para torcer ao seu lado, e quase provocou uma síncope em Márcio quando tirou o casaco do abrigo.

- O que é isso?!

Estava com a camiseta do Grêmio, em marcante contraste com o vermelho que Márcio e todos à sua volta vestiam. Desculpou-se. Disse que pensara que se pudesse escolher uma camiseta que combinasse com a roupa e...

- Está bem, está bem - interrompeu Márcio. – Agora veste o casaco outra vez.
- Certo – disse Bete, obedecendo. E em seguida gritou “Inter!”, depois virou-se para o Márcio e disse:- O nosso é o Inter, não é?
- É, é.
- Inter! Olha, eu acho que foi gol!
- O jogo ainda não começou. Os times estão entrando em campo.

Bete agarrou-se ao braço de Márcio.

- Você vai me explicar tudo, não vai? Gol de longe também vale três pontos?
- Não. Vale dois. O que que eu estou dizendo? Vale um.

Mas Bete não estava mais ouvindo. Estava acompanhando um movimento no gramado com cara de incompreensão.

- Pensei que em futebol se levasse a bola com o pé.
- É com o pé.
- Mas aquele lá está levando embaixo do braço.

Márcio explicou que aquele era o juiz, e que estava levando a bola embaixo do braço para o centro do campo, onde iniciaria o jogo. Não, os outros dois não estavam ali para evitar que

tirassem a bola da mão do juiz, como no futebol americano. Eles eram os auxiliares do juiz. O que os auxiliares faziam?

- Bom, quando um dos auxiliares levanta a bandeira, o juiz dá impedimento.
- E o que o auxiliar faz com o impedimento?

Márcio suspirou. Foi o primeiro dos 117 suspiros que daria até o namoro acabar duas semanas depois. Explicou:

- Os auxiliares sinalizam para o juiz que um jogador está em impedimento, isto é, em posição irregular, impedido de jogar, e o juiz apita.

- Meu Deus!

Márcio olhou para Bete. O que fora?

- O juiz apita?! - perguntou Bete, com os olhos arregalados.
- É. O juiz sopra um apito. Aquilo que ele tem pendurado no pescoço é um apito.
- Ah.

Bete sentiu-se aliviada. Por alguns instantes, a idéia do homem que apitava, sabia-se lá por que mecanismo insólito, quando lhe acenavam com uma bandeira, parecia sintetizar toda a estranheza daquele ambiente em que se metera, por amor. Ele não apitava. Soprava um apito. Era diferente.

Mas Bete notou, pela cara do Márcio quando ela disse “Ah”, que tudo estava acabado.

Anexo 2:

A IMPORTÂNCIA RELATIVA DAS COISAS

O futebol dos sábados no sítio do Magalhães tinha começado como uma brincadeira, uma maneira de abrir o apetite para o almoço. As mulheres ficavam na piscina enquanto os homens jogavam num campo improvisado, que não tinha nem goleira. Três, no máximo quatro de cada lado. Na hora do almoço o jogo parava. Depois o futebol não era nem assunto entre os casais.

Com o tempo, o grupo de convidados para o almoço dos sábados começou a aumentar, e o futebol também. Magalhães ampliou o gramado e colocou goleiras. Os times se repetiam e aos poucos foram adquirindo uma identidade. Não demorou muito, tinham uniforme, flâmula e até bandeira. Mesmo assim a Marta só descobriu como a coisa ficara séria quando tentou interromper uma partida porque estava atrasando o almoço e foi corrida de campo pelo marido, o Sales. Pediu o divórcio na semana seguinte, embora o Sales negasse que estivesse tentando acertá-la com um pontapé, irritado com a intromissão, já que seu time estava perdendo.

Depois foi a vez da Silvinha, que no meio de um grande almoço de sábado fez protesto. O futebol estava acabando com vida social dela e do Aderbal. Na sexta, o Aderbal não queria fazer nada, dormia cedo para estar em forma para o jogo da manhã seguinte. E no sábado, depois do jogo, não tinha condições de se mexer, o que dirá fazer alguma coisa. Eles não iam mais ao teatro, não mais a cinema, não saíam mais para jantar. Várias outras mulheres concordaram com a Silvinha. Os homens ficaram mudos. E os do time do Aderbal olharam para ele com orgulho. Ali estava alguém com uma noção correta da importância relativa das coisas na vida de um homem. No sábado seguinte, o Aderbal apareceu sem a Silvinha.

O terceiro problema foi com a própria mulher do Magalhães. Num certo sábado, ela viu um bando de meninos seminus atravessando o gramado correndo e pular na piscina onde – não que ela fosse racista, mas francamente!- nunca entrara alguém com pele escura a não ser pela razão do bronzeador. Uma invasão! Ela já ia chamar a polícia quando o Magalhães explicou que eram os filhos do Gedeão, segurança da firma, que ele convocara para reforçar a defesa do seu time. Ela que se acostumasse, o Gedeão e os filhos estariam almoçando lá todos

os sábados. Precisava do Gedeão para o meio da zaga. A mulher do Magalhães também pediu divórcio.

* * *

Hoje são quatro times de sete jogadores que disputam intermináveis torneios e copas por qualquer pretexto - a atual é a Copa Patrícia Pilar - e muitas vezes esquecem de almoçar. Numa espécie de galpão ao lado da piscina, Magalhães instalou o que se chama de “a Federação”, a sede da “Liga dos Sábados”, e é ali que estão dois painéis, um dos “Campeões”, com fotografias dos times vencedores dos diversos torneios, e outros das “Caídas”, com as fotos das mulheres que não agüentaram. São 12. A décima segunda foto, recém-inaugurada, é a da Laurita, mulher do Marco Antônio, meia armador do time do Sales. A Laurita agüentou o que pôde mas pediu o divórcio depois que encontrou o Marco Antônio fazendo uma preleção tática para o seu time na sala do apartamento, e usando suas miniaturas de porcelana para explicar as jogadas.

Há um terceiro painel, intitulado “Frouxos”, já que “Traidores” foi considerado forte demais. Neles estão as fotos do Olimar e do Galvão, que cederam à pressão e abandonaram os seus times! O Galvão ainda com o agravante de ter comunicado sua decisão de parar na véspera da decisão da Copa Trigêmeas da *Playboy*.

ANEXO 3:

SEXO E FUTEBOL

No que se parecem: o sexo e o futebol?

No futebol, como no sexo, as pessoas suam ao mesmo tempo, avançam e recuam, quase sempre vão pelo meio, mas também caem para um lado ou para o outro, e às vezes há um deslocamento. Nos dois é importantíssimo ter jogo de cintura.

No sexo, como no futebol, muitas vezes acontece um cotovelo no olho sem querer, ou um desentendimento que acaba em expulsão. Aí um vai para o chuveiro mais cedo.

Dizem que a única diferença entre uma festa de amasso e a cobrança de escanteio é que na grande área não tem música, porque o agarramento é o mesmo, e no escanteio também tem gente que fica quase sem roupa.

Também dizem que uma das diferenças entre o sexo e o futebol é a diferença entre camiseta e camisinha. Mas a camisinha, como a camiseta, também não distingue, ela tanto pode vestir um craque como um medíocre.

No sexo, como no futebol, você amacia no peito, bota no chão, cadencia, e tem uma explicação pronta na saída para o caso de não dar certo.

No futebol, como no sexo, tem gente que se benze antes de entrar e sempre sai ofegante.

No sexo, como no futebol, tem o feijão com arroz, mas também tem o requintado, a firula, o lance de efeito. E, claro, o lençol.

No sexo também tem gente que vai direto no calcanhar.

E tanto no sexo quanto no futebol o som que mais se ouve é aquele “uuu”.

No fim sexo e futebol só são diferentes, mesmo, em duas coisas. No futebol não se pode usar as mãos. E o sexo, graças a Deus, não é organizado pela CBF.

ANEXO 4:

TALENTO

É cada vez maior a legião dos Atletas de Cristo e não há nada de errado nisso. Meu único sentimento com relação às pessoas religiosas é o de inveja: quem me dera um universo arrumado assim, com uma explicação e um centro. O meu é uma bagunça. Trocaria tudo que eu tenho, menos esta vida, por uma crença simples em outra, junto a um deus benevolente. Nenhum ceticismo vale uma metafisicazinha, ainda mais depois de uma certa idade. Respeito e admiração por todas as convicções, portanto.

Também dizem que o fenômeno dos atletas devotos melhorou o nível da disciplina no futebol, e se alguns esquecem Cristo e entram por cima da bola, isto só prova que o caráter, ou o instinto de preservação, às vezes é mais forte do que a fé – ou que o Satanás não desiste com facilidade. Mas fica difícil entender o hábito, que também cresce entre os jogadores (pelo menos os entrevistados), de invocar Cristo para explicar uma vitória do time ou agradecer ao sucesso pessoal, muitas vezes às custas do sucesso de outro crente. Os Atletas de Cristo apresentam ao seu Deus o mesmo dilema que os capelães militares em tempo de guerra: a quem entender, a quem dar a vitória, já que o apelo é igual e todos são devotos? O futebol é um problema ainda maior do que a guerra, porque se você pode imaginar Deus decidindo uma nação que não merece vencer, não importam os argumentos dos seus capelães, fica mais difícil explicar que Deus não decreta que todo Palmeiras e Corinthians termine empatado. Já que são moralmente iguais, com igual número de Atletas de Cristo. Enfim, o problema é d'Ele.

Mas fiquei pensando tudo isso depois de ver, e rever, e rever Ronaldinho, o novo, fazer aquele gol contra a Venezuela. Não sei se ele já se declarou Atleta de Cristo, mas parece evidente que algum tipo de entendimento o menino tem com as forças do alto. Ainda lhe falta corpo, mas é só o que lhe falta. E talvez a ajuda será dispensável. Ou muito nos enganamos ou o dele é o tipo do talento que não precisa de parceria.

ANEXO 5:

SUPERSTIÇÃO

Na Copa do Mundo de 94, só fui a todos os jogos do Brasil vestindo a mesma camisa e fiz questão de que todos os que estivessem do meu lado na tribuna de imprensa se sentassem exatamente na mesma posição porque no primeiro jogo deu certo. Claro que não foi a minha camisa nem a formação repetida na tribuna da imprensa que ganharam a Copa. Se eu pensasse isto, aí sim seria um supersticioso. Foram a minha camisa, a formação na tribuna e os jogadores em campo, nesta ordem de importância, os responsáveis pela vitória.

No fim, nós, pitorescos subdesenvolvidos, não precisávamos nos envergonhar das nossas esquisitices nos Estados Unidos. Bastava entrar no elevador de qualquer edifício americano. Nenhum deles tem o 13º andar. A numeração pula do 12 para o 14 e ninguém se espanta muito com isso, nem protesta que o 14 é apenas o 13 com pseudônimo. No país da técnica e do progresso, os arranha-céus têm sempre um andar a menos do que dizem. Por medo do número 13. Esquisitos são eles.

ANEXO 6:

GARRINCHA

Onde você estava no dia 17 de junho de 1962? Quem ainda não era nascido, por favor, vire a página e nos deixe com as nossas memórias. Foi o dia em que o Brasil ganhou a Copa do Mundo pela segunda vez seguida, no Chile. Até hoje, é pavloviano: quando penso naquela Copa, ouço a música “Et maintenant” e sinto o gosto de cachaça com mel. Eu morava no apartamento de uma tia, no Leme. Acompanhávamos os jogos do Brasil pelo rádio tomando batidas de cachaça, cuidando para nunca variar a rotina que estava obviamente ajudando nosso time. A Clarice Lispector era vizinha, mas não lembro dela participando desses rituais. Sentimos que tínhamos feito alguma coisa errada quando o Pelé se machucou, teríamos trocado a marca da cachaça? Depois descobrimos que tudo estava previsto. Com o Pelé machucado, o Garrincha se viu na obrigação de jogar por quatro e ganhar a Copa. A celebração das vitórias sempre começava com “Et maintenant” a todo volume no toca-discos e geralmente acabava no restaurante Fiorentina, ali perto. Vitória do Brasil era apenas outro pretexto para a festa no Fiorentina, aonde iam “os artistas” e onde pareciam estar sempre comemorando alguma coisa. Hoje eu sei que se celebrava o fato de termos todos 35 anos menos do que teríamos um dia. Garrincha e Gilbert Becaud, quem podia com essa tabelinha?

1962. Eu tinha saído de Porto Alegre naquele ano com a idéia de ganhar algum dinheiro e depois ir para uma vaga Londres fazer uma coisa mais vaga ainda ligada a cinema. Éramos movidos a cinema, naquela época. Eu não tinha diploma de nada nem qualquer vocação aparente, fora um discutível “jeito para desenho”. A Clarice, amiga da família, chegou a telefonar para o Ivan Lessa, que trabalhava em publicidade, para ver se me conseguia um emprego. Não deu. Chegou um amigo de Porto Alegre, companheiro de inconseqüências, que ganhara uma bolada da venda de umas terras do pai e entre usar o dinheiro para estabelecer ou queimar tudo num fim de semana no rio optou pelo mais sensato e me convocou para ajudá-lo. Sim, eu tive meus três dias de condor, mandando baixar no Fred’s (o Hotel Méridien hoje se ergue sobre as suas cinzas) requisitando coristas para acompanhar o nosso delírio de paulistas. A minha se chamava Leticia e, meu Deus, hoje deve ser avó. Foi uma despedida tardia da adolescência. Depois começou a vida real. Fui trabalhar com um americano com a promessa de ficar rico e quase acabei preso, casei, tentei um negócio que não deu certo e,

quatro anos depois de me mudar para o Rio, voltei para casa. Que ficara ainda mais longe de Londres do que era antes. Lembro que a estrela principal do "Fred's" era a Lady Hilda. A Lady Hilda era intocável. A Lady Hilda namorava um delegado.

Em 1962, no Rio, você lia as colunas do Armando Nogueira, do Nelson Rodrigues, do Stanislaw Ponte Preta, do Antonio Maria, do João Saldanha, do Paulo Francis escrevendo sobre teatro e mandando pau na direita...Quem mais? Na *Manchete* saíam as crônicas do Rubem Braga, do Paulo Mendes Campos e do Fernando Sabino, e na *Cruzeiro* as gloriosas duas páginas do Millôr. Jango estava no governo, as reformas de base era uma possibilidade (se apenas o Lacerda deixasse, porque os militares estavam sob controle) e, como se não bastasse a Rose di primo e o *sundae* do Bob's, havia o Garrincha. No auge, como todo mundo.

Anexo 7:

A LÓGICA

Cabeças raspadas têm a sua lógica em quartéis e cadeias ou outro lugar onde homens coabitam e o piolho é uma ameaça. Também se explicam pelos outros terrores de homens confinados em corporações guerreiras, além dos microscópicos: a sexualidade e a diferença. Como as concentrações da seleção não são quartéis nem prisões, o homossexualismo não é um problema e a união do grupo até hoje não dependeu do penteado, a decisão de zerar a cabeça de todo mundo só pode ter sido brincadeira mal pensada ou algo mais profundo e mais equivocado. Nos dois casos - brincadeira imposta ou algum ritual fechado de bando - foi uma bobagem que a acabou atrapalhando. Se a intenção era apenas fazer com que todos se parecessem com o Ronaldinho, o resultado foi que o Ronaldinho ficou parecido com qualquer um - e jogou o que se viu no domingo. E ainda tiraram preciosos centímetros da altura do Juninho!

Anexo 8:

OS CANHOTOS

O problema da seleção é o mesmo problema do Brasil: uma falha de representatividade. Não sei qual é a percentagem de canhotos na população total do país, dez por cento? E há um número desproporcional de bons canhotos na seleção, enquanto, segundo todo mundo, falta um pé direito de talento para equilibrar o nosso ataque. A diferença entre o Brasil e a seleção é que no Brasil a direita tem o poder e a esquerda é quem procura, desesperadamente, um contrabalanço.

A imensa maioria destra do país olha aquele vácuo na direita do ataque do Zagalo e se pergunta como é possível que não apareça um (um!) pé direito para honrá-lo. O grau de aprovação da seleção caiu para mais ou menos dez por cento dos entrevistados. Ou seja: só so canhotos a aprovam. O que não é de surpreender. Discriminados em todas as outras áreas da sociedade, massacrados pela dominação dos destros, os canhotos brasileiros subitamente se descobrem com uma seleção só deles. Se o desequilíbrio continuar o mesmo assim o Brasil vencer na França, será uma vitória só dos canhotos.

Empregados, subempregados e desempregados nacionais vêem um governo e um Congresso dominados pela direita dismantelarem o pouco que tinham de proteção contra a insensibilidade e a ganância de patrões e proprietários e também se perguntam que processo de seleção é que esse que acaba com a maioria sempre de fora. No caso da seleção, a falha da representatividade pode ser culpa do azar, de uma crise momentânea de pés direitos ou de um capricho do Zagalo. Enfim, de coisas passageiras. Já a escassa representação popular no governo do Brasil é um vácuo cuidadosamente cultivado em 100 anos de história republicana. E que só se agrava cada vez que a ascensão de uma suposta “esquerda” se revela ser apenas outro disfarce da direita.

* * *

Se Raí está muito velho para ser o pé direito desejado, por que não chamá-lo para ser seu assessor? Tem cabeça, tem experiência no futebol europeu, tem autoridade entre os jogadores e tem altura para dar uns cascudos no Zagalo, sempre que necessário.

ANEXO 9:

O CHOQUE

Se houvesse muito o que discutir no time que o Zagalo já tem, parece, pronto na cabeça, daria para concordar com os que prevêem graves desentendimentos dele com o Zico. Brigas na seleção só são passionais quando envolvem a escalação. Se todos concordam com a escalação, as crises – cartas, cabelos, etc.- são manejáveis. Ainda não se sabe muito bem por que a CBF chamou o Zico, como nunca se soube o que o Zagalo era para o Parreira. Mas Zico, que se saiba, não tem outro time na cabeça.

Acho que ninguém tem um time muito diferente. Taffarel anda provocando arrepios e maus presságios com suas atuações no Atlético, mas antes da Copa de 94 ele também assustava, lembra? Sempre achei o Cafu meio sem imaginação, mas, afinal, joga numa posição em que se deve ser mais engenheiro do que arquiteto, sem ofensa. No outro dia, na sua coluna, o Juca Kfourri escalou a dupla de área Júlio César e André Luiz. Acho melhor que a do Zagalo. O Aldair ainda vai, mas o Júnior Baiano pertence, decididamente, à categoria dos não sei não. Prefiro o Mauro Silva ao César Sampaio, mas parece que ele não é mais o mesmo de 94, quando, para mim, foi o melhor do time. Raí, Rivaldo ou Leonardo para jogar com Denílson? Rivaldo é dos que se inibem na seleção, não solucionaria o nosso canhotosismo e, mesmo, o lugar dele é o do Denílson, mas talvez seja o mais completo dos três. Ou dos quatro. O resto do time é indiscutível. Ou alguém ainda discute o Dunga?

Se entendi bem, já que a escalação não divide, o choque que pode haver é a idéia meio preguiçosa do Zagalo de que jogador que chegou à seleção não precisa fazer mais nada e o que a CBF quis chamando o Zico, treino tático e fundamentos. Se é isso ou não, vamos descobrir até junho. E eu espero que até lá já se tenha resolvido também o que é a maior dúvida de todas envolvendo a seleção. Afinal, Zagalo é com um “ele” ou dois? É preciso definir isso o quanto antes.

ANEXO 10:

A ELEGÂNCIA DOS ESCOCESSES

Se Charles Miller, que levou a primeira bola de futebol para o Brasil, estivesse vivo hoje, seria não só um fenômeno de longevidade como um bom tema de sociologia. Um pouco como aquele missionário católico que catequizou uma tribo primitiva e vinte anos depois voltou para ver o que ela tinha feito com os seus ensinamentos. Os convertidos seguiam todos os sacramentos e rituais aprendidos, com algumas adaptações, como os porcos sacrificados durante a missa e o uso surpreendente do escarpulário. E só esperavam a volta da figura mítica que inaugurava a sua fé, o próprio missionário, para crucificá-lo e comê-lo. Charles Miller, vendo o Brasil jogar, se sentiria como o missionário, indeciso entre admirar a criatividade dos nativos e lamentar a sorte do seu próprio time. É o sentimento de todo europeu que enfrenta o Brasil, com a possível exceção dos alemães, que tiveram uma experiência colonial pequena e estão livres destas ambigüidades. Sucumbir à fascinação suicida ou lutar pela vida?

Os escoceses há muito já tinham desistido de enfrentar o futebol brasileiro de igual para igual e também já tinham passado da fase do embasbacamento reverencial. Desta vez, deram toda a impressão de que nos enfrentariam como velhos senhores que não se divertem mais com as má-criações dos primitivos, se fossem comidos, seria como cavalheiros sem remorsos. Não foi outra a idéia que quiseram dar quando, algumas horas antes do começo do jogo, entraram no campo vestindo suas elegantes saias de cerimônia e *blazers* escuros, mãos nas costas, como lordes feudais passeando pelas suas propriedades. Caminharam sobre a relva, foram até a frente da torcida escocesa e lhe concederam alguns abanos, depois voltaram para o vestiário com a mesma empáfia. Eu nunca tinha visto uma seleção fazer coisa parecida, uma espécie de aquecimento com traje passeio completo, apenas para mostrar a linha. Claro que foi uma forma de intimidação. Uma volta ao tempo em que as definições eram simples e não havia dúvidas sobre quem ensinava a quem. Charles Miller mostrando a primeira bola ao primeiro moleque que perguntou “Qui é isso, mister?” O missionário determinado aos nativos qual era a única religião civilizada. Não posso imaginar uma seleção sul-americana desfilando da mesma maneira deliberadamente engomada. Bom, talvez a Argentina, mas aí é outra coisa.

O que os escoceses não sabiam é que tinham amigos entre os nativos. Giovanni e Bebeto jogaram extremamente constrangidos, talvez pensando na elegância dos escoceses não querendo lhes faltar com o respeito.

Jogando com oito a maior parte do tempo, o Brasil teve dificuldades.

ANEXO 11:

À GRANDE VITESSE

Trezentos quilômetros por hora, disse o homem do trem, mas era exagero. Nantes ficava a trezentos e poucos quilômetros de Paris, viajamos duas horas, mesmo descontando a parada em Angers e uma ou outra vaca na linha, não confere. Semo estrangeiro mas não semo burro. Talvez ele não agüentasse mais responder a quanto andava o *Train à Grande Vitesse* e estivesse sendo irônico, talvez só quisesse nos impressionar com a competência técnica francesa. Sei que daqui a pouco, quando estivermos no trem voltando para a estação Montparnasse, vamos desejar que o seu enfaro ou o seu ufanismo fossem verdade. Foi um dia cansativo. A demora entre um jogo do Brasil e outro também significou um certo esticamento de expectativas e sacos. Bebeto joga, Bebeto não joga, uma questão absorvente, mas não para mais de dois dias. Entre outras notícias da seleção e a obrigação de ser atual havia, claro, Paris. Ninguém com um mínimo de bom senso fica sem assunto em Paris. Mas também foi uma semana de impaciência e dúvidas acumuladas. Que Marrocos nos apareceria pela frente? E Bebeto, jogando, jogaria ou não jogaria? Bom mesmo seria chegar de volta ao hotel com a maior *vitesse* possível e dormir com aquela sensação de tudo resolvido – pelo menos até o dia seguinte.

As coisas começaram a se resolver mais cedo do que se esperava. O empate entre Escócia e Noruega mostrou que a configuração do dia era brasileira. Marrocos só entraria em campo para cumprir o seu papel inevitável, como um bode do teatro grego. O Marrocos que nos apareceu pela frente foi Marrocos nenhum, salvo um ou outro bandido de perna levantada. E o Brasil só perderia a oportunidade de sair de Nantes classificado como o primeiro do seu grupo mesmo antes de jogar com a Noruega – o primeiro blefe indiscutível dessa Copa – se perdesse para os seus próprios problemas. E é preciso dizer que a seleção fez força para se atrapalhar. Parece que os critérios do Dunga para o comportamento humano começam a criar incômodos à sua volta. Dunga, como se sabe, tem seus parâmetros para o mundo, e o mundo nem sempre corresponde. Zagalo e Zico já teriam reagido às interferências de Dunga na sua função, talvez raciocinando que se não o detivessem agora amanhã ele estaria dizendo ao Ricardo Teixeira como dirigir a CBF, o que pensando bem não seria má idéia. Também são freqüentes as reações de seus companheiros à impaciência de Dunga com a imperfeição. Pelo que deu para ver de longe, pela pantomima, Bebeto não gostou de uma cobrança de Dunga no

jogo de anteontem, houve gritos e caras feias, depois do gol do Rivaldo os dois se abraçaram, se explicaram, tudo bem, mas o fato é que Dunga é um brasileiro que ainda não está satisfeito com o time e não acha que tudo esteja resolvido. O que talvez seja a maior razão para se estar otimista.

E vamos pegar o trem e voltar para Paris, em qualquer velocidade, que está na hora. A seleção pelo menos chegou à classificação com *grande vitesse*.

ANEXO 12:

OS DUNGAS

Depois do Júlio todos os governantes de Roma passaram a ser césaes, e “césar” – na forma de *kaiser*, *tzar*, etc. – ficou nome genérico, como um dia “dunga” também será. Os times terão zagueiros, laterais, médios, “dungas” e atacantes, e jogadores em estados ainda por nascer descreverão sua função ou a sua ambição como “de dunga” – dunga pela direita, dunga pela esquerda, dunga avançado, dunga recuado... Havia dungas antes do Dunga, como houve césaes antes de César, mas o protótipo dos dungas que virão é esse nosso, que aproveita a comemoração de gol para dar bronca.

Todos os melhores times deste mundial têm o seu dunga, de uma forma ou de outra. Ou são jogadores que galvanizam o time com sua própria energia e empenho, e bronca, ou são os destruidores que liberam os companheiros para a criação, garantindo o rebote. Os franceses têm o Deschamps, os italianos têm Dino Baggio, os alemães têm o Hamann, os argentinos têm o Veron... Marcel Desailly, o zagueiro francês que é possivelmente o melhor jogador da Copa de 98 até agora, e Matthaeus, o mítico alemão que tiraram da cadeira de rodas e escalaram para dar vergonha ao time, têm credenciais para o título, mas são menos dunga do que Deschamps e Hamann. Justamente porque são brilhantes e têm certas pretensões estéticas, além do coração e da coragem, o que os desqualifica como dungas autênticos. A dungalogia tem suas sutilezas.

Os dungas são os caroços do time. Já não se concebe um time só polpa, por melhor que seja a polpa. Até no Brasil, que custou a aceitar a inevitabilidade, dá-se ao dunga o que é do dunga. O caroço dá forma ao time, garante a continuidade da sua alma e quebra os dentes de quem os ataca. Nenhuma seleção sem um dunga passou para as oitavas.